Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Pinto, Iago José Gomes

Património e sustentabilidade na Casa Galante : da casa agrícola ao hotel rural

http://hdl.handle.net/11067/8129

Metadados

Data de Publicação 2024

Resumo Perafita é uma zona do norte de Portugal provida de uma construção de caráter rural, com os seus conjuntos rurais com identidade agrária. A sua posição enquanto arquitetura vernacular tem sido rejeitada perante a sociedade atualmente. A Casa Galante, é um dos exemplos, uma habitação rural parcialmente abandonada e em vias de ser classificado como património rural. Foi interpretado assim a pertinência deste estudo, que pretende refletir sobre a intervenção no património rural e a reabilitação des...

Perafita is an area in the north of Portugal provided with a construction of a rural character, with its rural complexes with an agrarian identity. Its position as vernacular architecture has been rejected by society today. Casa Galante is one of the examples, a rural house partially abandoned and in the process of being classified as rural heritage. This was how the pertinence of this study was interpreted, which aims to reflect on the intervention in rural heritage and the rehabilitation of th...

Palavras Chave Arquitetura, Arquitectura tradicional portuguesa - Arquitectura sustentável, Património arquitectónico - Reabilitação - Reconversão, Arquitectura contemporânea - Sustentabilidade, Caso de estudo - Reconversão arquitectónica - Casa Galante - Lavra, Matosinhos

Tipo masterThesis

Revisão de Pares Não

Coleções [ULP-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-11-02T03:32:33Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

Património e Sustentabilidade na Casa Galante reabilitados - Da Casa Agrícola ao Hotel Rural
Iago José Gomes Pinto

Património e Sustentabilidade na Casa Galante
Da Casa Agrícola ao Hotel Rural

Iago José Gomes Pinto



ARQUITECTURA

23|24

Professora Doutor Miguel Malheiro

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

UNIVERSIDADE LUSÍADA
faculdade de arquitectura e artes

UNIVERSIDADE LUSÍADA DO PORTO

Património e Sustentabilidade na Casa Galante
Da Casa Agrícola ao Hotel Rural

Iago G. Pinto

Dissertação para obtenção do grau de mestre em **Arquitetura**

Porto, **2024**

AVISO LEGAL

O conteúdo desta tese reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta tese pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta tese, o/a autor(a) declara que a mesma e resultante do seu próprio trabalho, contem contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção referencias. O autor, declara, ainda, que na o divulga na presente tese quaisquer conteúdos cuja reprodução o esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Declaração sob compromisso de honra

(Artigo 6.º, n.º 2 das Normas e orientações para a submissão de trabalhos académicos na plataforma Urkund para deteção de similaridade e plágio)

Eu, abaixo assinado, tenho consciência de que a prática de plágio consiste numa forma de violação da integridade académica, constituindo um crime punível por lei com relevância nos regimes disciplinar, civil e criminal.

Nesse sentido, declaro por minha honra que a dissertação/tese apresentada é original e que todas as fontes, incluindo as da minha autoria, estão devidamente identificadas e referenciadas.

Porto, 29 de NOVEMBRO de 2024

O (A) Estudante

IAGO PINTO

UNIVERSIDADE LUSÍADA DO PORTO

Património e Sustentabilidade na Casa Galante
Da Casa Agrícola ao Hotel Rural

Iago G. Pinto

Orientador: Professor Doutor Miguel Malheiro

Dissertação para obtenção do grau de mestre em **Arquitetura**

Porto, **2024**

“Simplicity is the ultimate sophistication”

“Simplicidade é a sofisticação máxima”

- Leonardo da Vinci

Agradecimentos

Durante a trajetória deste trabalho, percorremos um longo e envolvente caminho, no qual quero expressar os meus agradecimentos. Gostaria de dar o meu sincero agradecimento a todos que, mesmo não sendo mencionados, diretamente ou indiretamente colaboraram e estiveram ao meu lado durante esta jornada.

No entanto, quero destacar algumas pessoas que desempenharam um papel significativo e constante na elaboração deste trabalho.

À minha Mãe, expresso a minha gratidão por todos os momentos dedicados a mim, impulsionados pelos constantes desejos do meu bem-estar, também ao meu Pai e por chatear em eu terminar a tese e a minha irmã por estar presente.

À Sofia, a pessoa mais importante no decorrer do meu curso, agradeço pela disponibilidade de discutir ideias, bem como sugestões e comentários, que enriqueceram consideravelmente este trabalho e por ser uma ouvinte atenta às minhas preocupações, desânimos e sucessos. Sem ela, não estaria aqui.

E, por fim, ao Professor Doutor Miguel Malheiro, orientador da tese.

Obrigado.

Índice

Agradecimentos 11

Índice de Imagens 17

Resumo 23

Abstract 24

Introdução 25

CAPÍTULO 1: A Casa Galante como Património 27

1.1 Contexto 29

1.1.1 Contextualização da Casa Galante 29

1.1.2 História e Cultura 30

1.1.3. Fauna, Flora, Clima e Geologia 32

1.1.4. Agricultura e Declínio do Mundo Rural 34

1.2. A Casa Galante 36

1.2.1. Implantação 36

1.2.2. Organização Espacial 40

1.2.3. Linguagem 41

1.1. Património 43

1.3.1. Conceito 43

1.3.2. Relevância 44

1.3.3. Envolvente 45

1.3.4. Casa Galante 46

1.3.4.1. Material 52

1.3.4.2. Imaterial 55

CAPÍTULO 2: Reabilitação e Sustentabilidade 59

2.1. Reabilitação 61

2.1.1. Conceito 61

2.1.2. Metodologia 64

2.2. A Sustentabilidade 67
2.2.1. Conceito 67
2.2.2. Os 4 pilares do Desenvolvimento Sustentável 68
2.2.3. Objetivos Desenvolvimento Sustentável 2020 73
CAPÍTULO 3 – A Sustentabilidade na Reabilitação 75
3.1. Sustentabilidade na Arquitetura 75
3.2. Desenvolvimento Sustentável do Rural 77
3.3. Arquitetura Passiva 78
3.4. Materiais e Sistemas Construtivos 82
3.5. Papel dos espaços verdes e hortas na sociedade 89
CAPÍTULO 4: Casos de Referência 93
4.1. Hotel Rural Vilarinho / Rómulo Neto 93
4.1.1. Antes 95
4.1.2. Projeto 96
4.1.3. Resultado 98
4.2. Casa Chamboirat / COVE Architects 101
4.2.1. Antes 101
4.2.2. Projeto 103
4.2.3. Resultado 106
4.3. Hotel Paço de Vitorino / PROD Arquitetura & Design 107
4.3.1. Antes 107
4.3.2. Projeto 109
4.3.3. Resultado 112
CAPÍTULO 5: Proposta de Intervenção 117
5.1. Hotel Rural 117
5.2. Programa 121
5.2.1. Receção 124

5.2.2. Quartos na pré-existência 124
5.2.3. Quartos Hotel 125
5.2.4. Espaços Comuns 126
5.2.5. Estacionamento 128
5.2.6. Parque Urbano 129
5.2.7. Agricultura e Horta 130
5.3. Reabilitação e Sustentabilidade 132
Conclusão 135
Referências Bibliográficas 139
Referências Webgráficas 143

Índice de Imagens

Figura 1: Vista Aérea da casa galante. Fonte: Própria 27
Figura 2: Localização da Casa Galante, Fonte: Google Earth 29
Figura 3: Igreja de São Mamede de Perafita. Fonte: Google jdossanS 31
Figura 4: O declínio da Agricultura na Casa Galante, podemos verificar a consequência do abandono da agricultura e agropecuária na Casa Galante, onde a fauna e flora florescem sem limites 35
Figura 5: Planta de cobertura da Casa Galante. Fonte: Própria 37
Figura 6: Vista aérea da eira e do pátio central. Fonte própria. 38
Figura 7: Vista Aérea eira, casa da eira, espigueiro e pátios centrais 39
Figura 8: Vista aérea casa da eira e espigueiro 39
figura 9: planta piso 0 da casa galante. fonte: própria 40
Figura 10: Exemplos de Casas Agrícolas em vila chã e Fajozes e Maquete à escala 1:100 da Casa Galante. 42
Figura 12: Obelisco da Praia da Memória 46
Figura 12: Capela em Perafita 46
Figura 13: Necrópole Medieval de Montedouro 46
Figura 14: Pormenores do Teto da Casa Galante no Hall de Entrada 48
Figura 15: Teto da Sala Principal da Casa Galante 49
Figura 16: Pormenores do Teto da Sala Principal da Casa Galante 50
Figura 17: Vista Aérea da Casa da Eira e o terreno Agrícola em decadência 51
Figura 18: Vista Aérea da Casa Galante e o seu terreno Agrícola 51
Figura 19: Área exterior e Espigueiro 52
Figura 20: Estrutura da Cobertura Exterior 52
Figura 21: Vista Aérea Casa Galante 52
Figura 22: Fachada Exterior da Cozinha 54
Figura 23: Cozinha em Pedra 54
Figura 24: Anexos e o seu Espaço Exterior 58
Figura 25: Rua principal de acesso à Casa Galante 58
Figura 26: Alçado norte da casa galante e intervenção de redesenho urbano 59
Figura 27: Edifício Residencial São Bento Residences, Pedra Líquida, Archdaily (Susanna Moreira) 63

Figura 28: Europa Nostra 2015 - Diagrama de abordagem holística dos 4 pilares do desenvolvimento sustentável 72
figura 29: os princípios básicos de uma casa passiva. fonte: passivhaus institut. 79
Figura 30: Galpão Tropical, Laurent Troost Architectures. Exemplo de arquitetura passiva que faz o uso de materiais sustentáveis como o adobe e o recurso a vegetação para impedir o sobreaquecimento da casa. Fonte: Archdaily 81
Figura 31: Moradias Infantis, Rosebaum + Aleph zero. Fonte: Archdaily 82
Figura 32: Casa Montemor, Brasil Arquitetura. Uso de Pedra Rústica no piso. Fonte: Archdaily 83
Figura 33: Projeto de KÜHNLEIN Architektur. Fonte Archdaily, escrito por Eduardo Souza 84
Figura 34: Projeto de Kamil Mrva, Fonte Archdaily, escrito por Eduardo Souza 84
Figura 35: Casa Sawmill, Archier Studio. Blocos recuperados de Cimento. Fonte: Urbana.com..... 85
Figura 36: Hanil Visitors Center & Guest House / BCHO Architects. Casa com Betão Reciclado. Fonte: Archdaily 85
figura 37: projeto em adobe. fonte: archdaily, camilla ghisleni 87
figura 38: blocos de adobe. fonte: Renovable verde, autor: christian inga 87
Figura 39: Casa na Árvore Columba, Madeiguincho. Casa feita em material sustentável de Cortiça. Fonte: Archdaily 88
figura 40: projeto em bambu. fonte: archdaily, camilla ghisleni..... 88
Figura 41: Exemplo de Horta Urbana. Foto: Paul Sebesta, Archdaily..... 90
Figura 42: Expo Milão 2015: pavilhão slowfood / Herzog & De Meuron..... 90
Figura 43: Foto Interior de Ivo Tavares Studio do Hotel Rural, Rómulo Neto em Archdaily 94
figura 44: fachada principal da casa senhorial antes da intervenção. foto: google earth 95
figura 45figura 31: fachada principal da casa senhorial antes da intervenção. foto: google earth 95
figura 46: foto satélite da casa do senhorio juntamente com o terreno agrícola (2010) Fonte: Google earth 97
Figura 47: Foto Satélite do inicio da construção do hotel rural (2013) Fonte: Google earth 97
Figura 48: Foto Satélite do Hotel Rural concluído (2015) Fonte: Google earth 97
Figura 49: Reabilitação da Casa do senhorio (Volume Principal) 98

Figura 50:foto quarto de Ivo tavares studio do hotel rural, Rómulo neto em archdaily..... 98
Figura 51: foto exterior de ivo tavares studio do hotel rural, Rómulo neto em archdaily... 98
Figura 52: foto pátio exterior de Ivo tavares studio do hotel rural, Rómulo neto em archdaily 98
Figura 53: foto exterior de ivo tavares studio do hotel rural, rómulo neto em archdaily 98
Figura 54: Planta do Volume Novo do Hotel Rural, Rómulo Neto 99
Figura 55: foto exterior de ivo tavares studio do hotel rural, rómulo neto em archdaily .. 100
Figura 56: Fachada Principal do edifício reabilitado. Fonte: COVE Architects 101
figura 57: interior do edifício antes de reabilitação. fonte: archdaily. fotos: charles bouchaïb, olivier sabatier..... 102
Figura 58: Antigos Estábulos. Fonte: Archdaily. Fotos: Charles Bouchaïb, Olivier Sabatier 102
Figura 59: Desenho de um corte à mão livre. Fonte: COVE Architects 102
Figura 60: Planta Piso 0, Planta Piso 1 e corte ilustrativo. Fonte: Cove Architects..... 103
Figura 61: Maqueta de estrutura da casa chamboirat. Fonte: Cove Architects 104
Figura 62: Sala Principal da Casa. Fonte: COVE Architects 105
Figura 63: Detalhe Construtivo da estrutura de madeira. Fonte: COVE Architects 105
Figura 64: Fotografia da fachada principal antes da intervenção, quando se encontrava abandonada e depois da intervenção. Foto: Site Prod Arquitetura e Design, autoria de João Morgado 107
Figura 65: Fotografia da Fachada em deterioração devido a natureza. Fonte: Prod Arquitetura e Design..... 108
Figura 66: Fotografia da capela antes da intervenção. Fonte: Prod Arquitetura e design . 108
figura 67: desenhos exteriores do terreiro com fachada a principal, da passagem de madeira com vidro e de uma das alas do hotel. fonte: prod arquitetura e design..... 110
Figura 68: Processo de Reabilitação. Foto: João Morgado 111
Figura 69: processo de Reabilitação do Pátio Interior. Foto: João Morgado 111
figura 70: obras de reabilitação interior. fonte: prod arquitetura e design 111
Figura 71: Obras de Reabilitação Interior. Fonte: Prod Arquitetura e Design 111
figura 72:obras de reabilitação exterior. fonte: prod arquitetura e design..... 111
figura 73: obras de reabilitação exterior. fonte: prod arquitetura e design..... 111
Figura 74: Fachada principal e terreiro depois da reabilitação. Fonte: prod arquitetura e design..... 112
Figura 75: Fachada principal depois da reabilitação. Fonte: prod arquitetura e design 112

Figura 76: Fotografia do volume exterior dos quartos. Fonte: prod arquitetura e design . 113
Figura 77: Fotografia do edifício principal juntamente com o volume exterior dos quartos. Fonte: Prod arquitetura e design. 113
Figura 78: Fotografia do espaço exterior do jardim barroco. Fonte: Prod arquitetura e design 114
Figura 79: Fotografia do espaço exterior do jardim barroco com o tanque de água e suas esculturas japonesas. fonte: prod arquitetura e design 114
figura 80: paço de vitorino, passagem em madeira e vidro. fonte: prod arquitetura e design 115
Figura 81: paço de vitorino, passagem em madeira e vidro. Fonte: prod arquitetura e design 115
figura 82: paço de vitorino, cozinha. fonte: prod arquitetura e design 115
Figura 83: Paço de Vitorino, Cozinha. Fonte: Prod Arquitetura e Design 115
figura 84: paço de vitorino, interior. fonte: prod arquitetura e design 116
figura 85: paço de vitorino, interior. fonte: prod arquitetura e design 116
Figura 86:(De cima para baixo, da esq. para a drt.).Planta -1, planta 0, planta 1 e planta 2 de paço de Vitorino. Fonte: Prod Arquitetura e Design 116
Figura 87: Paço de Vitorino, Planta 2. Fonte: Prod Arquitetura e Design 116
Figura 88: Paço de Vitorino, Planta 1. Fonte: Prod Arquitetura e Design 116
Figura 89: Render do espaço comum no hotel rural 118
Figura 90: Render do espaço e fachada exterior com Horta e a ribeira 118
Figura 91: Planta de Cobertura da Casa Galante: Hotel Rural 121
figura 92: foto de ivo tavares studio do quarto na pré-existência do hotel rural, rómulo neto em archdaily 124
Figura 93: foto de Ivo tavares studio do Quarto hotel rural, Rómulo neto em archdaily .. 125
Figura 94: Render vista exterior do novo volume dos quartos e espaço exterior da casa galante 125
Figura 95: Render do espaço exterior comum da Casa Galante 126
Figura 96: Render do espaço exterior da Eira 126
Figura 97: Vista Interior do Spa 127
Figura 98: Vista Interior do Spa 127
Figura 99: Vista Interior do Spa 127
Figura 100: Vista Exterior com a ponte de ligação entre a Casa Galante e o Terreno Agrícola 128

Figura 101: Vista do Estacionamento do parque urbano e o hotel rural 128
Figura 102: Planta de Implantação da Casa Galante: o Hotel Rural 129
Figura 103: Vista Virtual exterior da Horta na Casa Galante..... 130
Figura 104: Vista Exterior da Horta na Casa Galante 131
Figura 105: Vista virtual exterior da Horta na Casa Galante 131

Resumo

Perafita é uma zona do norte de Portugal provida de uma construção de caráter rural, com os seus conjuntos rurais com identidade agrária. A sua posição enquanto arquitetura vernacular tem sido rejeitada perante a sociedade atualmente. A Casa Galante, é um dos exemplos, uma habitação rural parcialmente abandonada e em vias de ser classificado como património rural. Foi interpretado assim a pertinência deste estudo, que pretende refletir sobre a intervenção no património rural e a reabilitação deste conjunto arquitetónico abandonado para alojamento turístico como desenvolvimento local.

Considerando o valor patrimonial inerente a todos os conjuntos da Casa Galante, surge uma necessidade de procurar um sentido, que conduza o arquiteto a intervir no património e que justifique as suas iniciativas projetuais. Sendo esse sentido, o conceito de património e sustentabilidade, como é que o arquiteto pode intervir no património e simultaneamente contribuir para o desenvolvimento sustentável mantendo a sua autenticidade, valores, memórias.

A metodologia adotada do estudo divide-se e dois capítulos: numa primeira fase, efetuou-se um trabalho de pesquisa bibliográfica e de conhecimento teórico, através da análise de diferentes obras realizadas de caráter patrimonial e como estas contribuíram para a sustentabilidade. Estas estão divididas em duas partes: relativamente ao contexto espacial e cultural da zona norte e das tipologias de construções vernaculares da casa rural de perafita e relativas aos conceitos e ideias que poderão estabelecer com as problemáticas inerentes à Casa Galante. No primeiro capítulo, o enquadramento teórico, com objetivo de aprofundar a casa rural e o conceito de património rural. No segundo capítulo, os pilares de desenvolvimento sustentável, e apresentação do caso de estudo da reabilitação da Casa Galante e sua proposta.

Palavras-Chave: Arquitetura Vernacular; Desenvolvimento Sustentável; desenvolvimento Local; Património; Reabilitação.

Abstract

Perafita is an area in the north of Portugal provided with a construction of a rural character, with its rural complexes with an agrarian identity. Its position as vernacular architecture has been rejected by society today. Casa Galante is one of the examples, a rural house partially abandoned and in the process of being classified as rural heritage. This was how the pertinence of this study was interpreted, which aims to reflect on the intervention in rural heritage and the rehabilitation of this abandoned architectural complex for tourist accommodation for local development.

Considering the patrimonial value inherent to Casa Galante, there is a need to look for a meaning, which leads the architect to intervene in the heritage and which justifies his design initiatives. In this sense, the concept of heritage and sustainability, how can the architect intervene in heritage and simultaneously contribute to sustainable development while maintaining its authenticity, values, memories.

The adopted methodology of the study is divided into three parts: in a first phase, a work of bibliographic research and theoretical knowledge was carried out, through the analysis of different works carried out of a heritage nature and how they contributed to sustainability. These are divided into two parts: relating to the spatial and cultural context of the north zone and the typologies of vernacular constructions of the Perafita rural house and relating to the concepts and ideas that may be established with the inherent problems of Casa Galante. In the first chapter, the theoretical framework, with the aim of deepening the concept of rural heritage, the pillars of sustainable development. In the second chapter, three case studies will be analyzed. Where written exhibitions will be developed, accompanied by clarifying graphic elements of the works. In the last chapter will be the presentation of the case study of Casa Galante and its proposal.

Keywords: Vernacular Architecture; Sustainable Development; Local Development; Heritage; Rehabilitation.

Introdução

Tendo em conta que o património desempenha um papel importante na construção da identidade e coesão social das comunidades, cada vez mais significativo numa época de globalização, a sua componente rural, cultural e histórica é o que a torna única e distinta. Isto porque, no contexto de um mundo globalizado, as identidades de vários locais podem estar sob ameaça, logo, a preservação e valorização do património podem ajudar as comunidades a manter sua singularidade e longevidade. Afinal, o património não se limita apenas ao passado, mas também tem um impacto significativo no presente e no futuro, não só através de uma coleção de objetos ou monumentos, mas sobretudo da expressão viva da cultura e da história de uma comunidade. Assim sendo, este pode manifestar-se em várias vertentes, como em tradições, histórias e práticas culturais ou fisicamente através da arquitetura e arte, cuja preservação permite a reconexão das comunidades às suas raízes, bem como o fortalecimento da sua identidade.

Além disso, o património desempenha um papel crucial no desenvolvimento económico e no turismo sustentável, levando a que, por vezes, os locais históricos e culturais se tornem destinos turísticos atraindo visitantes que, por sua vez, contribuem para a economia local. No entanto, é fundamental garantir que o turismo seja gerido de forma sustentável para evitar impactos negativos no património e na comunidade local.

Assim surge o desafio da presente investigação: De que forma a casa rural em questão, à semelhança de muitas outras presentes em Perafita e até ao longo de Portugal Continental, podem ser alvo de investimento sem que se comprometa o seu valioso caráter patrimonial, ou seja, como podemos reconhecer o património não apenas como um objeto que contém memória, valores e autenticidade, mas também como, um elemento tanto sustentável quanto económico, capaz de impulsionar o desenvolvimento de toda a região. Desta forma, a investigação visa incidir sobre como se pode intervir no património através do reuso do local e do objeto, contribuindo simultaneamente para o seu desenvolvimento sustentável e económico, através da sua conservação e revitalização, tanto para fins turísticos como habitacionais, tendo sempre em conta a redução dos impactos ambientais e socioculturais que infelizmente ainda hoje são um forte fator de influência na comunidade.

O objetivo principal do estudo é a preservação do património rural da Casa Galante em Perafita, Matosinhos. A elaboração desta investigação teve como propósito identificar os recursos patrimoniais presentes, com potencial turístico, e avaliar a situação atual da preservação desse patrimônio. Nesta área destaca-se também a importância de um local que reflete as características identitárias da comunidade e sua região através do turismo. Além disso, procura-se desenvolver uma proposta de intervenção na Casa Galante para beneficiar a comunidade local em Perafita.

Quanto à metodologia, a pesquisa foi dividida em duas etapas onde inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e teórica, incluindo a análise de obras relacionadas com patrimônio no município e a Norte. Investigações sobre como os projetos de preservação contribuíram para a sustentabilidade e o desenvolvimento econômico local. Na segunda etapa foi dividida em duas partes: uma pesquisa relacionada ao contexto espacial e cultural da região e às tipologias de construções vernaculares das casas rurais em Perafita, a outra a pesquisa de conceitos que se relacionam com as questões específicas da Casa Galante.

A estrutura do projeto foi organizada em três capítulos. O primeiro capítulo abordou os conceitos fundamentais de Património, Desenvolvimento Económico e Desenvolvimento Sustentável, discutindo seus impactos e sua importância para o desenvolvimento local. O segundo capítulo, Casos de Referência, apresenta dois projetos em áreas rurais que abordaram o espaço rural de forma sustentável, transformando-o em um destino turístico e local de consumo. No terceiro capítulo, A Casa Galante, foram explicados detalhadamente os métodos e técnicas utilizados no processo de reabilitação da Casa Galante e nas suas considerações finais, foram destacadas as principais conclusões do estudo. Este estudo ressalta a importância de que investigar, documentar e reabilitar o patrimônio são os primeiros passos para preservar e valorizar o passado.

CAPÍTULO 1: A Casa Galante como Património



FIGURA 1: VISTA AÉREA DA CASA GALANTE. FONTE: PRÓPRIA

1.1 Contexto

1.1.1 Contextualização da Casa Galante

A Casa Galante situa-se a norte de Portugal, mais especificamente em Matosinhos, no distrito do Porto e o seu vasto terreno agrícola pertence à zona da freguesia de Perafita[1] classificada como RAN[2], defendida pelo PDM[3]. Uma vez que este local ainda hoje mostra evidências da antiguidade do seu povoamento, será importante fazer referência à origem da sua cultura, bem como às caraterísticas do local, que tanto o influenciam como o definem. Afinal, a Casa Agrícola é determinada pelos fatores do meio geográfico, mas também pelas influências culturais, que muitas vezes se sobrepõem aos primeiros.

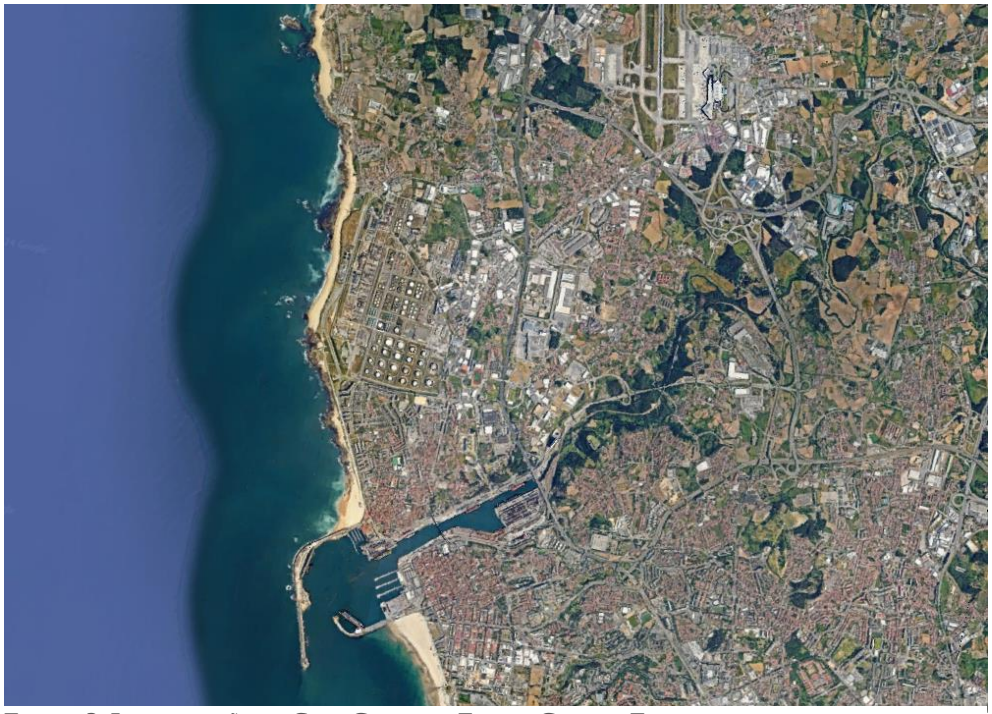


FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DA CASA GALANTE, FONTE: GOOGLE EARTH

[1] Do latim, *Petra ficta* (pedra fixa), talvez pela existência de algum menir ou anta pré-histórica nesta região.
[2] RAN - Reserva Agrícola Nacional.
[3] PDM – Plano Diretor Municipal.

1.1.2 História e Cultura

Para isso, é preciso recuar ao domínio de Roma: "*os povos germânicos, que o destruíram, vencedores pelas armas, foram vencidos pela civilização com que se defrontaram; os romanos, pelo contrário por meio das suas instituições que impuseram aos vencidos, romanizaram-nos, como se costuma dizer; a germanização atacou apenas a superfície; a romanização foi pelo contrário uma completa absorção, formando-se sob o seu influxo a definitiva organização social, os costumes e a própria língua.*"[4]

Antes, o território do Noroeste peninsular encontrava-se organizado por *cividades*, pequenos povos com organização política autónoma e agricultura pouco desenvolvida, predominantemente a criação de gado nos vales e terras húmidas e a agricultura coletiva, constituída sobretudo por prados para pastagens. Depois, após a conquista dos Romanos, o território Hispânico foi organizado em *conventus*, para facilitar o governo e a divisão jurídico-administrativa.[5] "*Os habitantes das cividades abandonaram lentamente a sua maneira social e receberam a romanização (…), que lhes ensinaram a língua latina, a arte de cultura sistemática, o modo de demarcar os campos, os seus costumes agrários, a sua jurisprudência e enfim toda a sua civilização.*"[6]

Desta forma, os fragmentos dos territórios das cividades foram chamados de *villa*[7], compreendendo todo o terreno do *dominus*[8], incluindo a *villa* urbana, correspondente à residência do *dominus*, a vila rústica, com os estábulos e celeiros onde se alojavam os cervos e os animais, a frutaria, onde se guardavam os produtos agrícolas, e, dispersas por todo a propriedade, as *casae*, onde viviam os cultivadores, de classe serva ou não.[9]

Por volta do séc. X-XI, após a Reconquista cristã, as *villas* foram fragmentadas em sub-unidades denominadas *casales*, *quintanas* ou *quintas*[10] e, agora, as pequenas igrejas rurais adquiriram cada vez mais importância, as doações tornaram-se importantes e as igrejas e os

[4] SAMPAIO, Alberto (1979). "Estudos Históricos e Económicos: Vilas do Norte de Portugal", p.12.
[5] FERNANDES, Carla Sofia dos Anjos Maia (2013). "Casa Agrícola em Vila Chã e Fajozes: Uma leitura da sua Arquitetura entre o espaço rural e o interior doméstico", p. 39.
[6] SAMPAIO, Alberto (1979). "Estudos Históricos e Económicos: Vilas do Norte de Portugal", p.36.
[7] *Villa* significava inicialmente, apenas o edifício de residência do proprietário, porém, mais tarde, passou a ser associada a toda a propriedade.
[8] *Dominus* era o proprietário das terras que recebia diretamente o imposto dos trabalhadores.
[9] SAMPAIO, Alberto (1979). "Estudos Históricos e Económicos: Vilas do Norte de Portugal", p.39 – 67.
[10] Destas, as mais comuns eram os *casale*, de grandezas muito variadas, uma vez que alguns já pertenciam a uma classe mais elevada, estas continham terrenos variados, provenientes das diversas produções das *villas*. Idem, p. 71.

pequenos conventos transformaram-se em ricos proprietários, herdando a soberania moral do dominus e dirigindo espiritualmente os lavradores das parcelas provenientes das *villas*.

"Transforma-se por mera espontaneidade popular um novo organismo, onde continuará a desenvolver a vida moral dos lavradores, cujos estreitos vínculos de amizade, parentesco e irmandade espiritual, se apertarão sempre, não obstante a diversidade (…) senhoriais."[11]

Atualmente, as villas continuam a ser, na maior parte, visíveis, já que as maiores se converteram isoladamente em freguesias e as pequenas se anexaram entre si ou com outra maior, mas mantendo a sua individualidade, pois formaram os lugares.

Assim, a freguesia rural, fundamental para a sociedade portuguesa, foi uma criação espontânea popular, nascida das relações seculares entre os cultivadores de um mesmo prédio ou vizinhos.[12] Mais tarde, nos séc. XII-XIV, as villas romanas ficaram sob a posse da Nobreza e das Ordens Religiosas, submetidas à sua reorganização produtiva de forma a consolidar a paisagem rural a partir de um desenho cadastral preexistente[13], afinal, nesta época houve uma profunda subordinação das consciências à direção do clero, pois todos, sejam eles ricos ou pobres, queriam alcançar a absolvição dos seus pecados através das dádivas[14]. Neste local, pode-se fazer referência à Igreja de Perafita, que se ergueu de uma antiga igreja paroquial.



FIGURA 3: IGREJA DE SÃO MAMEDE DE PERAFITA. FONTE: GOOGLE JDOSSANS

[11] Idem, p. 136.
[12] Idem, p. 65.
[13] FERREIRA, Alfredo Durão de Matos (1995). "Aspetos da Organização do espaço Português", p. 25 – 26.
[14] MOREIRA DA SILVA, Rosa Fernanda (1983). "Contraste e Mutações na Paisagem Agrária das Planícies e Colinas Minhotas", p. 13.

1.1.3. Fauna, Flora, Clima e Geologia

De acordo com o PDMM, as áreas de maior diversidade a nível da fauna e flora, em Perafita e em toda a região, encontram-se, sobretudo, no sistema litoral, nas praias, dunas, rochedos, estuário e zonas húmidas adjacentes, mas também, no sistema ribeirinho. Onde a Casa Galante se situa relativamente perto.

"No primeiro sistema são de destacar as dunas de Lavra e Perafita que apresentam uma vegetação dunar bem estruturada (...). No sistema ribeirinho destacam-se as galerias de vegetação ripícola e palustre (habitat prioritário), que se observam principalmente ao longo do rio Leça, do rio Onda e da ribeira da Carreira. São ainda de realçar os povoamentos de folhosas, constituídos sobretudo por carvalhais, que se encontram ao longo do vale do Leça e dispersos em Lavra e Perafita."[15]

Relativamente às manchas florestais, as mais significativas situam-se sobretudo em Lavra (a norte de Perafita) e ao longo do vale do rio Leça.

"Nesta zona o uso florestal não reflete aptidão das terras para a sua exploração, mas principalmente, a gestão dos ciclos agroflorestais pelo homem, em que as "bouças" funcionavam, temporariamente, como áreas florestadas das explorações agrícolas. As bouças foram, assim, componentes de rotações longas dos campos agrícolas, cuja duração, estava dependente das flutuações de necessidades de área para as culturas agrícolas e disponibilidade de mão-de-obra para os trabalhos agrícolas. De salientar que, em Lavra, quase todas as áreas florestais pertencem a explorações agrícolas (segundo o Recenseamento Geral da Agricultura de 1999 a área florestal total nessa data era de 904 ha dos quais 289 (32%) se encontravam em explorações agrícolas. A grande maioria das áreas florestais em exploração agrícola encontrava-se em Lavra (>240 ha))."[16]

Relativamente à constituição dos principais povoamentos florestais, é de notar que predominam os povoamentos mistos de eucalipto e pinheiro-bravo.

"A floresta tem pouca expressão (~650 ha) e é constituída por parcelas pouco extensas (bouças), tendo a parcela de maior dimensão cerca de 28 ha. Nas áreas de uso florestal verifica-se uma elevada especificidade dos povoamentos."[17]

---

[15] Câmara Municipal de Matosinhos, Divisão de Planeamento Urbanístico (2023). "Revisão do PDM de Matosinhos. Relatório – Anexo VIII: Enquadramento Biofísico, Caracterização Florestal e Agrícola", p. 14.

[16] Idem, p. 17.

[17] *"As áreas florestais têm vindo a diminuir drasticamente no concelho, sobretudo para dar lugar a áreas impermeabilizadas, como por exemplo grandes infraestruturas viárias. A faixa litoral encontra-se totalmente*

O clima em Perafita, é temperado devido ao facto da presença do oceano atlântico, logo a amplitude térmica é baixa, com uma temperatura térmica anual de *12.5º C a 15ºC*[18] e temos uma humidade atmosférica elevada com pluviosidade elevada e com ventos frequentes.

Em termos geológicos, esta área está integrada no soco de xisto e granito que ocupa a costa portuguesa, até ao sul do Douro e que recua para o interior até Beja. [19]

"As principais rochas consolidadas da região são, por ordem decrescente, de representação, os granitos, os xistos, os granodioritos e diversas rochas afins destas."[20]

Neste território predominam os solos aptos à agricultura[21], mas também os solos férteis[22], que se encontram associados a quase todas as ribeiras atlânticas, mas também os solos fortemente influenciados pela ação humana[23], maioritariamente, nas cidades, junto ao rio Onda e em parte das bacias hidrográficas das ribeiras do Cão e de Joane.*[24]* Assim, esta área apresenta declives suaves, inclui a maioria das ribeiras atlânticas ainda descobertas e apresenta como formações geológicas dominantes, as areias e cascalheiras de praias e areias de duna e os depósitos de praias antigas, logo trata-se de uma área com grande permeabilidade e bons solos para a agricultura.

"despida" de áreas florestadas. A lógica de ocupação urbana remete as áreas florestadas para um segundo plano a nascente". Idem, p. 16.

[18] Câmara Municipal de Matosinhos, Divisão de Planeamento Urbanístico (2023). "Revisão do PDM de Matosinhos. Relatório – Anexo VIII: Enquadramento Biofísico, Caracterização Florestal e Agrícola", p. 3.

[19] FERREIRA, Alfredo Durão de Matos (1995). "Aspetos da Organização do espaço Português", p. 36.

[20] Website Câmara de Matosinhos (2023). "Rios e Ribeiros".

[21] Cambissolos dístricos

[22] Regossolos dístricos

[23] Antrossolos cumúlicos

[24] Câmara Municipal de Matosinhos, Divisão de Planeamento Urbanístico (2023). "Revisão do PDM de Matosinhos. Relatório – Anexo VIII: Enquadramento Biofísico, Caracterização Florestal e Agrícola", p. 9.

1.1.4. Agricultura e Declínio do Mundo Rural

Nesta área, as zonas agrícolas envolvem as áreas florestais e estão associadas às ribeiras atlânticas: *"estas cumprem funções de proteção da rede hidrográfica e contra a erosão eólica, enquadramento e estética da paisagem e proteção das áreas de produção agrícola. Assumem ainda funções de complementaridade ao sistema agrícola, sendo testemunhos de um sistema agrícola tradicional [do litoral norte], o sistema "campo-bouça".*[25]

A rede hidrográfica contribui, também para a fertilidade das terras, com linhas de água regularizada, como a que divide a propriedade da Casa Galante e é aproveitada por 3 antigos moinhos que ainda são evidentes entre a vegetação. Assim, na envolvente, o sistema de exploração agrícola é predominante intensivo (agropecuária bovina leiteira), destacando-se a forragicultura no período invernal/primaveril seguido de um ciclo estival para apoio à pecuária leiteira.

"As principais culturas temporárias são as (…) forrageiras, seguindo-se-lhe as culturas de cereais para grão e as culturas hortícolas. A principal cultura forrageira é o milho-silagem e o azevém como cultura intercalar de outono/inverno. As culturas permanentes, pastagens permanentes e hortas familiares, apresentam áreas pouco relevantes. Porém, apesar de as hortas ocuparem uma pequena área, o número de explorações assume um valor relevante, demonstrando a importância da pequena horta familiar."[26]

Porém, verifica-se que a área agrícola tem vindo a diminuir drasticamente para cerca de metade em termos de superfície agrícola utilizada e para cerca de um terço no que toca ao número de explorações agrícolas. Afinal, denota-se que a população agrícola está envelhecida, cerca de 40% > 65 anos, seguida da faixa etária dos 55-64 anos (26,5%), que acaba por influenciar o nível de instrução da população local que é apenas o ensino básico.

"[Segundo o] Recenseamento Geral da Agricultura, entre os anos de 1979 a 2009 (…) verifica-se (…) a diminuição do número de explorações agrícolas justifica-se não só pela redução da superfície agrícola, como também, talvez, devido aos processos de

[25] Idem, p. 17.
[26] Câmara Municipal de Matosinhos, Divisão de Planeamento Urbanístico (2023). "Revisão do PDM de Matosinhos. Relatório – Anexo VIII: Enquadramento Biofísico, Caracterização Florestal e Agrícola", p. 19.

emparcelamento, que permitiram uma agricultura mais rentável, dado o aumento da área das parcelas e consequente facilidade de mecanização."[27]

Para além disso, *"as áreas agrícolas têm vindo a ser abandonadas em prol de uma impermeabilização crescente, devido à intensificação da rede viária, ao crescimento demográfico"* [28] motivado pela elevada procura e especulação imobiliária desta região.
Neste sentido, a preocupação patrimonialista do facto de as zonas rurais estarem a ser devoradas pelo crescimento urbano, não tem tanto a ver com a necessidade de salvaguardar a atividade agrícola, que por si só já é complexa, mas sim, sobretudo, com a preocupação de conservar uma paisagem agrícola, identitária da população local. Isto leva a uma situação de conflito, imprevisível e contraditória que carateriza o mundo rural e influencia tanto a economia, como as formas de organização social, as paisagens e ainda as ideologias, modos de vida, de habitar e de trabalhar. Assim, surge o exemplo da própria Casa Galante, em que o abandono da atividade agrícola familiar levou à sua inutilidade e, por consequência, degradação provocada pelo passar do tempo, como acontece com tantas outras, afinal as terras abandonas, outrora de atividade agrícola, têm vindo a ser substituídas pelas indústrias que impermeabilizam o solo e criam um forte impacto no ecossistema e na paisagem do local.



[27] Idem, p. 24.
[28] Idem, p. 24.

1.2. A Casa Galante

1.2.1. Implantação

A propriedade agrícola[29] a analisar no presente documento, pertencente a uma burguesia rural localizada em Perafita, tem caraterísticas comuns a outras casas semelhantes, cujas datas de construção correspondem ao período entre o século XIX e o século XX.[30].

No caso específico da Casa Galante, relativamente à sua disposição espacial no terreno, consta-se que é do tipo mais comum segundo o conjunto de estudo considerado em VILA CHÃ. Esta insere-se no tipo "à face da rua", cuja origem remonta para a original construção do local, ou seja, um edificado mais antigo que deu origem à casa rural do séc. XIX-XX, da qual ainda estão presentes algumas evidências. A pertinência deste tipo deve-se, muito provavelmente, a motivos funcionais, já que uma parte do muro de pedra delimitador da propriedade é aproveitado para a construção da casa, que cresce a partir deste, economizando os recursos, mas também a motivos simbólicos, dado que a casa é uma representação da riqueza familiar e da classe social a que os proprietários pertencem[31].

Por sua vez, esta implantação à face do caminho, desenvolve-se na propriedade segundo uma ordem perpendicular à fachada da rua, ao qual se apelidou do tipo "à face + corpo perpendicular"[32], que se desenvolve pelo terreno através de anexos agrícolas, geralmente apenas com piso térreo, onde frequentemente se encontra a cozinha e outras dependências, como a adega, a salgadeira ou, especificamente no caso da Casa Galante, os estábulos de animais de pequeno e grande porte.

---

[29] Fisicamente diferente da casa de pescador por razões mais culturais que técnicas: *"(...) cada um daqueles casos corresponde a conceitos diferentes, próprios de duas categorias também diferentes de pessoas: a casa de pedra, estável, como a casa de lavrador; a de madeira – como o barco -, para o pescador e o cabaneiro pobre, que se acomodavam com uma construção improvisada, incerta e provisória – quase volante – como as suas vidas."* VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando (1958). "A Apanha do Sargaço no Norte de Portugal", p. 79, cit. por VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando (2003). "Arquitetura Tradicional Portuguesa", p. 15.

[30] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando (2003). "Arquitetura Tradicional Portuguesa", p. 86 – 102.

[31] FERNANDES, Carla Sofia dos Anjos Maia (2013). "Casa Agrícola em Vila Chã e Fajozes: Uma leitura da sua Arquitetura entre o espaço rural e o interior doméstico", p. 19.

[32] De novo, com inúmeros casos idênticos como a Casa do Grilo, a Casa do Cancela e a Casa do Pires. Idem, p. 20.

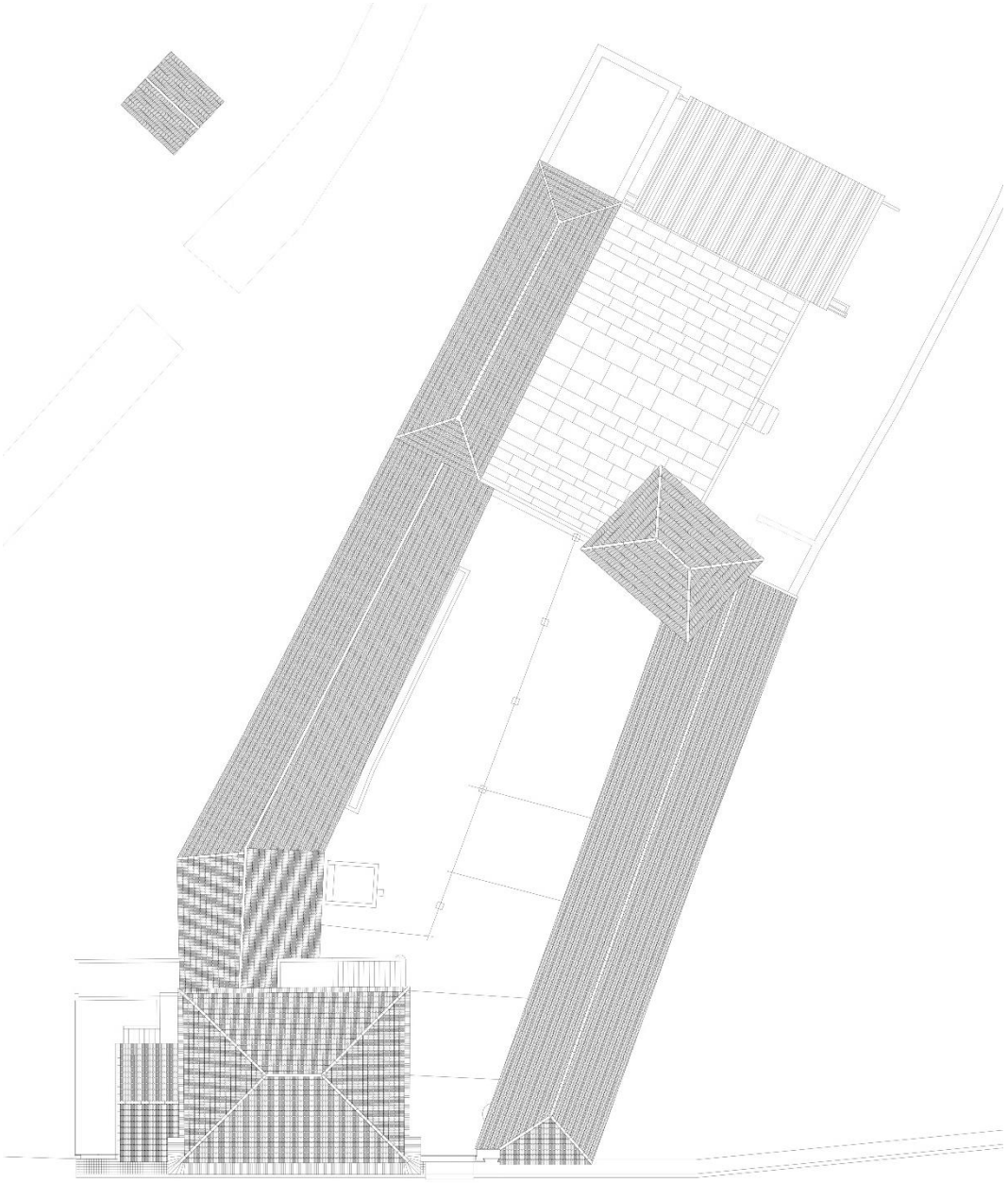


FIGURA 5: PLANTA DE COBERTURA DA CASA GALANTE. FONTE: PRÓPRIA

Desta forma, face à sua implantação, a sua organização comum é a de "Casa Bloco", com dependências agrícolas exteriores organizadas em torno de um "quinteiro", que pode ser fechado na sua totalidade ou com um ou mais lados abertos. *"Se existem casos onde o quinteiro é fechado em todos os lados por edifícios de datas variadas, outros há que pertencem todos à mesma época, sensivelmente"*.[33]

Isto leva a que a construção se volte para si mesma, aliás, no geral, à exceção da Casa, verifica-se uma grande contenção de aberturas para o exterior, tanto na propriedade da Casa Galante como em semelhantes, optando antes por janelas voltadas para o pátio, maiores e mais frequentes quando orientadas a sul, por esta razão, os anexos que se abram para norte são aproveitados para dependências que não necessitam obrigatoriamente da incidência de luz solar direta. Assim, em torno deste pátio central, encontra-se a eira associada à Casa da Eira, um plano de amplo de granito com a melhor exposição solar (orientada a sul). A sua principal função era a secagem dos alimentos, principalmente de cereais como o milho, trigo e centeio, onde, dada a grande quantidade de cultivo, se estendiam velas para acelerar o processo de secagem.[34]



FIGURA 6: VISTA AÉREA DA EIRA E DO PÁTIO CENTRAL. FONTE PRÓPRIA.

[33] FERNANDES, Carla Sofia dos Anjos Maia (2013). "Casa Agrícola em Vila Chã e Fajozes: Uma leitura da sua Arquitectura entre o espaço rural e o interior doméstico", p. 18.

[34] Note-se que *"a coexistência de todos os tipos de dependências agrícolas (casa da eira, coberto da desfolhada, aidos e adega) depende, em parte, do nível económico da Casa, mas também da sua antiguidade (o facto de ser uma Casa Doada de geração em geração poderá permitir a manutenção da terra ou ainda a sua acumulação, dependendo do tipo de casamentos que são realizados, potenciando o poder económico da casa e o seu nível produtivo)."* Idem, p. 19.



FIGURA 8: VISTA AÉREA CASA DA EIRA E ESPIGUEIRO



FIGURA 7: VISTA AÉREA EIRA, CASA DA EIRA, ESPIGUEIRO E PÁTIOS CENTRAIS

1.2.2. Organização Espacial

Relativamente à distribuição dos espaços internos da casa rural, cujas bases permanecem curiosamente quase inalterados desde a época romana, nota-se um programa dificilmente alvo de mutações: *"A parte mais importante era a cozinha (culina, cocina), térrea e sem chaminé, que servia ao mesmo tempo de atrium; a casa estava também organizada em torno de um pátio central ao qual chamaram, conforme as localidades, eido ou aido (de aditus), eirado (de eira), quinteiro (de quintarius), rua (de ruga), sendo composto pelas cortes (de chors, chorstis), onde alojaram os animais, pela cella vinária, onde armazenaram as cubas de vinho, e pelo alpendre (ad pendulum), associado à eira, e onde protegiam os cereais dos chuveiros de Verão ou dos orvalhos da madrugada."*[35]

Esta distribuição é influenciada por dois tipos distintos de áreas agrícolas: o bravio, de vegetação espontânea, para a pastagem ou fornecimento de madeira para a construção e para o uso doméstico; e o lavradio, destinado à horticultura (zonas de cultivo para consumo humano) e aos lameiros (terreno húmido de erva de pastagem permanente e seminatural) que fornecem forragem animal e têm a particularidade de proteger o solo de erosão.[36]

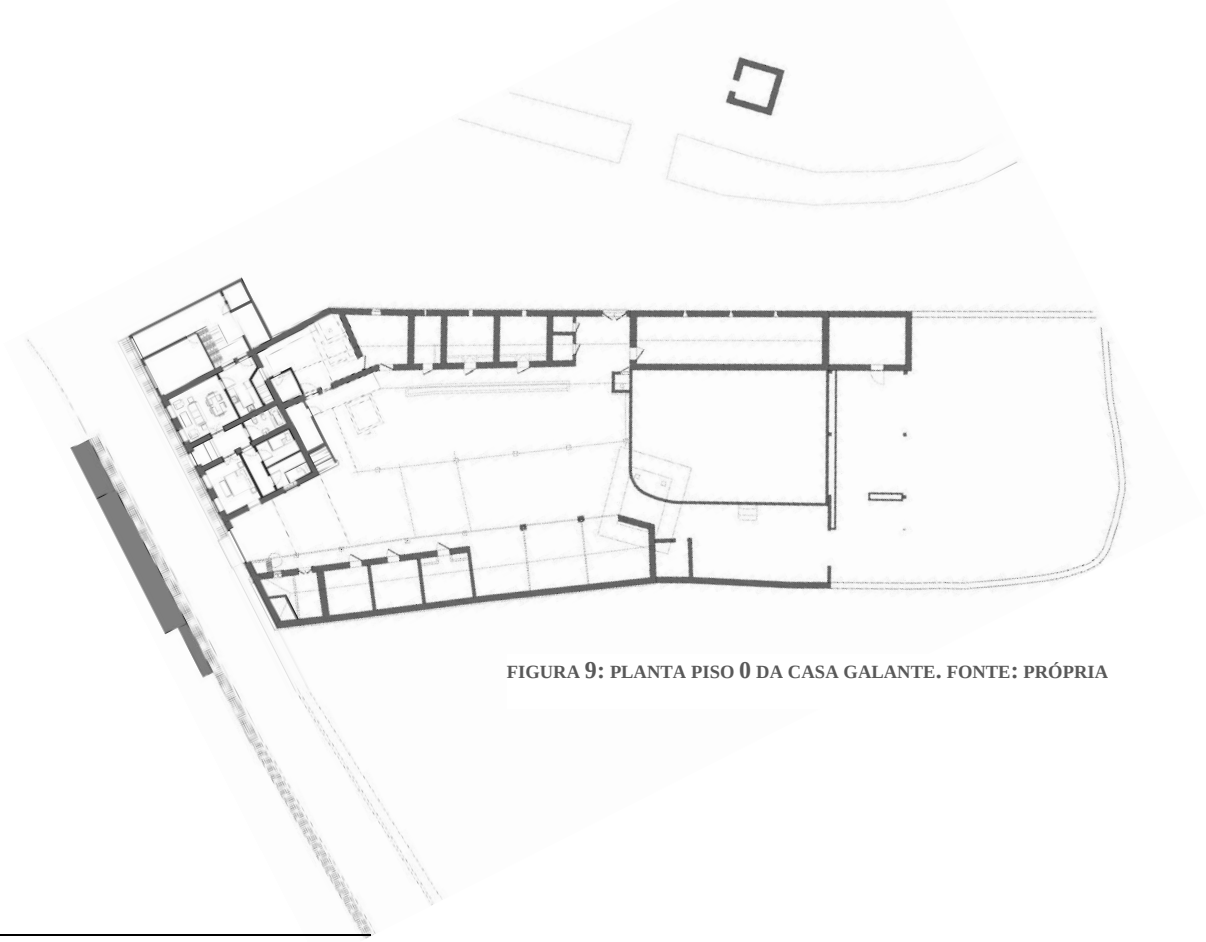


FIGURA 9: PLANTA PISO 0 DA CASA GALANTE. FONTE: PRÓPRIA

[35] SAMPAIO, Alberto (1979). "Estudos Históricos e Económicos: Vilas do Norte de Portugal", p. 77 e 78.
[36] Idem, p. 82 e 83.

1.2.3. Linguagem

Por sua vez, a linguagem arquitetónica da Casa Galante é simples, refletindo a frieza do material construtivo predominante e a sua forma rudimentar. Neste sentido, as fachadas da Casa são lisas e desprovidas de ornamentação, *"um neoclassicismo rústico cuja sobriedade rude vai a par com uma beleza de linhas que realça a nobreza severa da pedra"*[37], decoração pontual como acontece na grande maioria das casas rurais semelhantes[38].

Mesmo tratando-se de uma "casa de brasileiro", cuja influência normalmente resulta na introdução de novos elementos e alterações para além da fachada, talvez devido ao retorno do conservantismo[39], característico de quem regressa ao local de origem e tem intenção de o conservar respeitando a linguagem original, em certos casos, como no exemplo da Casa Galante, não existem grandes alterações no processo produtivo, talvez porque o objetivo era que a emigração durasse poucos anos, de forma a poder regressar à sua atividade anterior na terra natal, mas agora com maiores possibilidades económicas.[40]

Assim, a ornamentação existente é bastante pontual. Está presente principalmente na fachada principal, na porta através de motivos geométricos na madeira maciça e de pormenores vegetais na maçaneta, no portão, através dos motivos orgânicos e vegetais em ferro, e no trabalho do granito através da cornija de linhas simples, que suporta um telhão de grandes dimensões, nos cunhais de pedra bem talhada com cerca de trinta centímetros de largura e nos alizares que elevam a imagem do muro através de detalhes geométricos.

Relativamente às janelas, estas são iguais no rés do chão e no andar superior, todas com portadas interiores e apenas uma com postigo, numa das fachadas voltadas para o pátio. Para além disso há ainda um elemento existente proveniente das casas burguesas que vale a pena referir, o aproveitamento das águas furtadas e a existência de um mirante orientado para o mar. Apesar de ser uma característica comum das casas rurais, por influência das burguesas, na Casa Galante não se encontra nenhuma evidência de um antigo portal de entrada, símbolo de ostentação e poder económico, mas sim um portão de ferro com cerca de dois metros de largura que faz o acesso da fachada principal da rua ao quinteiro.

---

[37] VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando (2003). "Arquitetura Tradicional Portuguesa", p. 32.
[38] Com exceção apenas das Casas do Silveira, do Grilo, do Azevedo e do Manteiro com mais elementos decorativos que as restantes. FERNANDES, Carla Sofia dos Anjos Maia (2013). "Casa Agrícola em Vila Chã e Fajozes: Uma leitura da sua Arquitetura entre o espaço rural e o interior doméstico", p. 21.
[39] ALVES, Jorge Fernandes (1993). "O "brasileiro" oitocentista e o seu papel social", p. 259.
[40] Idem, p. 262.



FIGURA 10: EXEMPLOS DE CASAS AGRÍCOLAS EM VILA CHÃ E FAJOZES E MAQUETE À ESCALA 1:100 DA CASA GALANTE.

1.3. Património

1.3.1. Conceito

Património (n. m., latim *patrimonium*): *"(…) Bem ou conjunto de bens, materiais, naturais ou imateriais, reconhecidos pela sua importância cultural (ex.: património edificado)."*[41]

O conceito de património refere-se ao conjunto de bens, materiais e imateriais, que são herdados do passado, preservados no presente e transmitidos às gerações futuras devido ao seu valor cultural, histórico, estético, social, científico ou natural, fundamentais para a identidade e memória de uma comunidade, uma nação ou a humanidade como um todo.

Porém, há muito que ao próprio conceito de património são associadas duas vertentes, que ainda hoje se aplicam. O primeiro é a sua utilização para indicar bens ou práticas sociais que são propriedade de alguém, de um grupo ou geração, que os deixará aos seus descendentes. O segundo são os bens e propriedades que se traduzem num valor de mercado que cada pessoa tem e pode legar.[42] Aqui interessa o primeiro: *"O património é uma realidade, um bem da comunidade e uma valiosa herança que pode ser legada e que convida ao nosso reconhecimento e à nossa participação",* é definido como *"a conjugação das 'criações e dos produtos da natureza e do homem que, na sua integridade, constituem, no espaço e no tempo, o ambiente em que vivemos.".*[43]

Este conceito pretende abranger muito mais do que apenas edifícios construídos num passado mais ou menos distante. O património não se limita a um tempo, nem passado nem futuro. Usamos o património de ontem para construirmos o património de amanhã, porque a cultura é, por natureza, dinâmica e está em constante renovação e enriquecimento.[44]

"É o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização do património é, assim, um processo relacionado com a seleção de valores." [45]

---

[41] "Património", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2024,.

[42] BARATA, Filipe, CAPELO, Sofia, MASCARENHAS, José Manuel. "Património Cultural e Sustentabilidade: Uma relação nem sempre fácil"

[43] European Heritage Network (s.d.) Cultural Heritage Thesaurus, p. 48. tion for the Interpretation of the National He

[44] . ICOMOS-Canada French-Speaking Committee (1982) Charter for the Preservation of Quebec's Heritage (Deschambault Declaration) – "Deinition of Heritage and Preservation" [trad.]

[4545] Conforme deinição proposta pela Quebec Association for the Interpretation of the National Heritage - Committee on Terminology (1980). Conferência Internacional sobre Conservação (2000) Carta de Cracóvia – Princípios para a conservação e o restauro do património construído, "Anexo - Deinições".

1.3.2. Relevância

O estudo deste tema é de elevada importância para a arquitetura e em específico para o caso de estudo da casa galante por diversas razões no campo cultural, histórico, social, económico e ambiental.

Em primeiro lugar, para a preservação da história e identidade cultural, uma vez que o património arquitetónico serve como um testemunho tangível da história e da evolução de uma sociedade. Afinal, edifícios históricos, monumentos e outros marcos arquitetónicos ajudam a contar a história de um lugar, refletindo seus valores culturais, tradições e acontecimentos importantes, permitindo que futuras gerações compreendam e apreciem as suas raízes culturais e históricas.

Por outro lado, são fundamentais para a educação e pesquisa por serem fontes valiosas de conhecimento, no campo da arquitetura, engenharia, história, arqueologia e outras disciplinas. Estes permitem que pesquisadores e estudantes estudem técnicas de construção antigas, estilos arquitetónicos e a evolução das práticas urbanas ao longo do tempo, para além de que representam atrações turísticas importantes, fundamentais para o desenvolvimento económico. Por atrair visitantes de todo o mundo, o turismo cultural gera receita, cria emprego e revitaliza comunidades locais.

Para além disso, são fundamentais para a sustentabilidade e para o meio ambiente, uma vez que a sua conservação é mais sustentável que a construção de novos edifícios. Afinal, restaurar e reutilizar economiza materiais e evita o desperdício associado à demolição, bem como para a qualidade de vida dos utilizadores, oferecendo um contraste com a arquitetura moderna que enriquece o local e melhora a qualidade de vida dos residentes.

Por fim, contribuem para o fortalecimento do senso de identidade e coesão social dentro de uma comunidade, já que locais históricos frequentemente servem como pontos de encontro e símbolos de orgulho comunitário, ajudando a unir as pessoas em torno de uma herança comum deixando um legado para as gerações futuras, para que possam experimentar e aprender com a história e a cultura de seus antepassados. Afinal, é o legado que valoriza e respeita as conquistas passadas e proporciona continuidade cultural e histórica.

1.3.3. Envolvente

Tendo em conta que é uma zona com muita história, cuja presença humana remonta a muitos milhares de anos, pode-se presenciar vários elementos de valor patrimonial na envolvente que contribuem para o enriquecimento cultural. Aliás, o próprio nome da freguesia em que a Casa Galante se situa, tem um claro sentido arqueológico[46].

Neste sentido, vale a pena referir alguns exemplos, em primeiro lugar, entre Perafita e Lavra, o Obelisco da Praia da Memória, localizado junto a costa, onde, a 8 de julho de 1832, deu-se o importante desembarque das tropas liberais de D. Pedro IV, fundamental *"(...) na implantação definitiva do liberalismo e na transformação política que, desse momento em diante se viveu em Portugal."*[47]

Também, classificada como Monumento de Interesse Municipal em 1974, o Cemitério Medieval de Montedouro, constituído apenas por 5 sepulturas de forma ovalada e com rebordo, escavadas na rocha granítica, cuja data remonta para a Alta Idade Média (séc. VII - XI). Estima-se que tenham existido mais sepulturas deste tipo que terão sido destruídas durante a extração de pedra para construção do Porto de Leixões.[48]

A Igreja de S. Mamede de Perafita, edificada durante os finais do séc. XVII, possivelmente pelo Bispo do Porto, que veio substituir a igreja paroquial que existia antes do ano de 1041. Aqui destaca-se o frontão que ostenta o brasão de armas e os azulejos da fachada .

Ainda, nas redondezas da Casa Galante, a antiga Capela de S. Gonçalo, voltada para um caminho primordial pertencente à rota de peregrinação dos Caminhos de Santiago, que, apesar do seu valor histórico, se encontra negligenciada e em risco de desaparecer.

Para além disso, em diversas zonas nas imediações existem várias evidências de mamoas e vários achados arqueológicos que apontam para a existência de uma antiga civilização da época romana.

"Outros materiais recolhidos nesta área, nomeadamente algumas cerâmicas pré-históricas de fabrico manual, enquadráveis cronologicamente no IIº milénio a.C. (Idade do Bronze) mostram que o povoamento deste lugar remonta já á época da pré-história."

[46] Perafita (do latim pedra fita), localizada a nordeste do Concelho de Matosinhos, é uma freguesia marcada pela antiguidade do seu povoamento. Desde o inicio da civilização em que o homem se servia maioritariamente de instrumentos de pedra para a criação de armas e ferramentas, aos tempos mais recentes onde este material é usado na atividade agrícola, a pedra continua a ser a matéria-prima de excelência.

[47] "UNIÃO DAS FREGUESIAS DE PERAFITA, LAVRA E SANTA CRUZ DO BISPO, História" consultado junho 2024

[48] Camara Municipal de Matosinhos (2011). "Necrópole Medieval de Montedouro – Património Histórico"

Figura 12: Obelisco da Praia da Memória





Figura 12: Capela em Perafita



Figura 13: Necrópole Medieval de Montedouro

1.3.4. Casa Galante

Uma vez que é um exemplo vivo de um estilo de vida cada vez mais extinto na atualidade, a Casa Galante é património e a sua preservação não só protege a história e a cultura, mas também oferece benefícios educacionais, económicos, ambientais e sociais. Afinal, através dessa preservação, é possível manter viva a identidade e a memória de um povo, ao mesmo tempo em que se promove um desenvolvimento sustentável e enriquecedor. Assim, a Casa Galante por si só, pelos seus valores imateriais, representa um objeto arquitetónico de elevada relevância, porém vale a pena referir em concreto alguns elementos que lhe atribuem valor na sua especificidade.

Em primeiro lugar, em bom estado de conservação, as fachadas, em alvenaria de pedra (granito), com acabamento em argamassa tradicional, cal e areia com acabamento branco estucado, é um elemento de valor por ser um sistema construtivo de elevada dificuldade e com escassos peritos atualmente. Também as molduras, características das casas rurais portuguesas, em pedra talhada e saliente que envolve as janelas da fachada, a cornija, uma faixa horizontal saliente da parede que faz o remate com a cobertura e protege contras as águas pluviais, uma vez que é um elemento decorativo de estilo neoclássico, e ainda as restantes cantarias de motivos geométricos presentes na fachada voltada para a rua. Também, ainda nas fachadas, as janelas de batente de duas folhas, com vidro simples sob janela basculante ou de vidro fixo, características das casas rurais portuguesas, as portas exteriores detalhadas e trabalhadas manualmente em madeira que associam ao objeto uma identidade única.

Na cobertura, para além da estrutura tradicional de madeira que suporta o telhado de quatro águas, o telhão, também ele característico das casas rurais portuguesas é uma telha de grandes dimensões que faz o remate da cobertura nos seus dois limites voltados para a rua.

Já no interior que intencionalmente é bastante mais adornado que a fachada destacam-se os tetos em gesso meticulosamente trabalhados com grande valor artístico identitário devido a complexidade dos motivos orgânicos e geométricos, aqui infelizmente em mau estado de conservação, a escaiola, que é um revestimento de grande valor artístico feito na parede com pasta de gesso ou cimento branco e corantes minerais com o objetivo de imitar qualquer tipo de mármore bem como o soalho em madeira sem encaixe, por ser um elemento rustico, identitário e irregular, e na união da parede com o solhado temos presente um rodapé de madeira pintada ou em escaiola que é também um elemento

detalhado e trabalhado manualmente com uma identidade singular. Ainda no interior encontra-se elementos de valor detalhados e trabalhados manualmente nas portas, portadas e corrimões das escadas de madeira de acesso ao piso principal.

Por fim, também na Casa da Eira existe valor histórico e patrimonial, começando com a própria eira, um plano de granito destinado à seca dos legumes e cereais, os candeeiros tradicionais presentes na fachada principal em ferro e num modelo muito caraterizador da época, á semelhança das janelas de guilhotina em madeira de duas folhas.

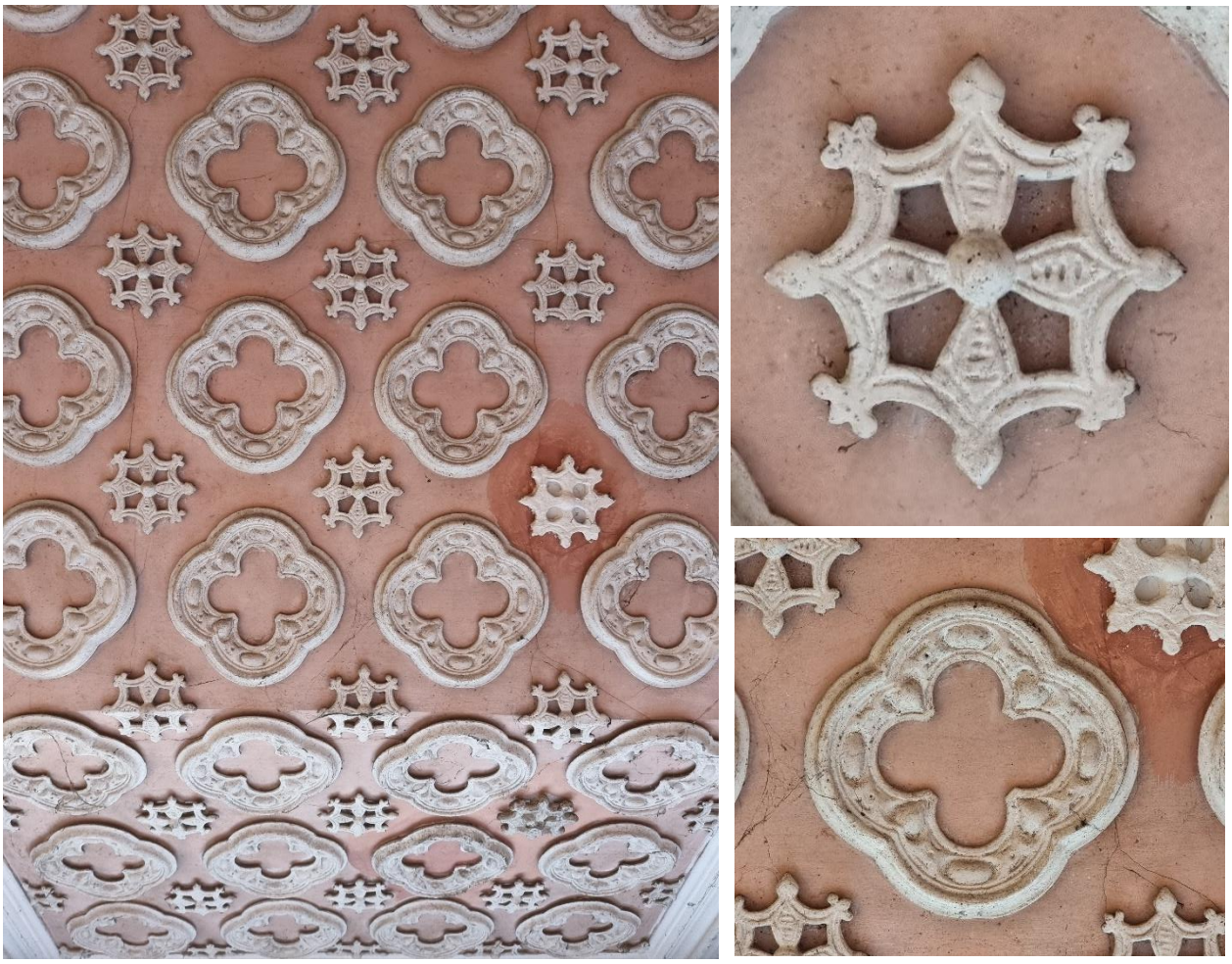


FIGURA 14: PORMENORES DO TETO DA CASA GALANTE NO HALL DE ENTRADA



FIGURA 15: TETO DA SALA PRINCIPAL DA CASA GALANTE



FIGURA 16: PORMENORES DO TETO DA SALA PRINCIPAL DA CASA GALANTE



FIGURA 18: VISTA AÉREA DA CASA GALANTE E O SEU TERRENO AGRÍCOLA



FIGURA 17: VISTA AÉREA DA CASA DA EIRA E O TERRENO AGRÍCOLA EM DECADÊNCIA

O Património Cultural do ponto de vista de duas categorias distintas, já mencionadas anteriormente quando referente ao património na Casa Galante[49]: o material, construído ou não, e o imaterial, associado aos valores.

1.3.4.1. Material

Este tipo de património inclui bens tangíveis que possuem valor histórico, artístico, arqueológico ou arquitetónico, tais como, edifícios e monumentos, por se tratar de estruturas construídas que têm significado histórico ou arquitetónico, como igrejas, castelos e palácios, ou até mesmo simples casas rurais caracterizadoras de uma época, como é o caso da Casa Galante; ou ainda locais, como sítios arqueológicos, tais como ruínas antigas, pela importância dos vestígios de civilizações antigas para a zona. Para além disso, menos relevantes para o caso de estudo em questão uma vez que não foram encontrados na Casa Galante, insere-se ainda nesta categoria documentos como textos antigos e manuscritos e obras de arte e artefactos como pinturas e esculturas.

Neste sentido, importa para o estudo da Casa Galante perceber porque é que a sua construção, aparentemente simples, é considerada património. Para isso, vale a pena perceber o que se entende por arquitetura vernacular e qual o seu valor para o presente e as mais valias da sua conservação para o futuro.

Arquitetura Vernacular

Transmitido através de gerações, a Arquitetura Vernacular refere-se a um estilo de construção que utiliza métodos, técnicas, materiais e tradições locais, sem a intervenção de arquitetos profissionais, para criar edifícios adaptados ao ambiente e às necessidades culturais das comunidades que os habitam, refletindo a identidade e o modo de vida da população de uma determinada região. Esta é conhecida pelo seu caráter sustentável e resulta da afinidade que os povos estabeleceram ao longo dos tempos com a natureza.[50]

[49] Ver página … .

[50] Esta relação foi durante muito tempo associada a crenças mitológicas, onde cada local tinha uma divindade, e era isso que justificava a escolha de um determinado local para o homem se estabelecer, ou com um edifício ou com a implantação de uma cidade inteira. MARTINS, Cátia (2012). "Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. O papel da Arquitetura Vernacular".

"A arquitetura vernacular é, portanto, conhecida pelas próprias caraterísticas das comunidades e do seu modo de habitar, dessa forma, reflete os diversos condicionalismos com que se confronta (geográficos, económicos, sociais e culturais). Isto torna-se percetível com as diferenciações regionais perante diferentes materiais e as diferentes formas de os usar devido às técnicas de cada local, também face às especificidades climáticas, às práticas culturais e ao próprio sistema económico."[51]

Foram necessárias muitas gerações para desenvolver formas e processos de construção que, de acordo com as características de cada povo, se adequassem aos diferentes climas e geografias. Quando esses métodos foram estabelecidos, constatou-se que os edifícios eram construídos com técnicas rudimentares. Apesar de simples, essas técnicas visavam maximizar as condições de conforto, utilizando apenas os recursos naturais disponíveis. Para isso, era imprescindível considerar certas questões, como as características geográficas, a melhor forma de isolamento, a orientação do edifício, a geometria e os materiais usados.[52]

"Sabe-se que o ser humano, que pertence naturalmente a um ecossistema, tem mais facilidade em reagir no seu ambiente, alterando-o e deixando-se alterar por ele. (...) Dessa forma a casa tradicional do norte é caraterística pela utilização dos materiais mais abundantes na zona, sendo geralmente a pedra, e pela sua construção plana de planta retangular, vulgarmente de dois pisos independentes com funções distintas, sendo o térreo destinado à guarda dos animais e o piso superior às pessoas (...) e a escada exterior são também elementos típicos deste tipo de construção."[53]

Dessa forma, alguns autores defendem que este tipo de arquitetura poderá estar na origem do desenvolvimento sustentável aplicado na arquitetura[54] e, pela sua conhecida capacidade de resposta perante múltiplos condicionalismos, tem sido alvo de estudo por apresentar uma relação evidente com os três pilares da sustentabilidade.[55]

[51] Idem
[52] Idem.
[53] Idem, pág. 116.
[54] Aliás, Vitrúvio, no seu Tratado da Arquitetura, considerava de igual modo importante a escolha do lugar para edificar, sendo que para isso se deveria analisar os fígados dos animais que já viviam nesse local, assim como o tipo de vegetação, elementos estes que ditavam a qualidade das águas e das pastagens, o tipo de solo existente entre outros. Idem.
[55] Ver pág. … DESENV SUST



FIGURA 23: COZINHA EM PEDRA



FIGURA 22: FACHADA EXTERIOR DA COZINHA

1.3.4.2. Imaterial

O património cultural imaterial refere-se a práticas, expressões, conhecimentos e habilidades que são transmitidos de geração em geração e que têm valor cultural significativo para uma comunidade, nação ou para a humanidade. Ao contrário do património material, que inclui objetos físicos e locais, o património imaterial é intangível e está incorporado nas tradições vivas e na cultura de uma comunidade, por isso a sua preservação e promoção são essenciais para garantir a sua continuidade.

Neste sentido, importa estudar os principais valores associados ao património cultural imaterial, a identidade, a autenticidade, a memória e o lugar, fundamentais para a valorização do património cultural e na formação do sentido de pertença das comunidades.

Identidade

A identidade refere-se ao conjunto de características e atributos que definem e distinguem uma comunidade, grupo ou indivíduo, formando a base do sentido de pertença e pode ser expressa através de tradições e costumes, práticas culturais que são transmitidas de geração em geração, como festivais, rituais e celebrações; língua e religião, elementos centrais da identidade cultural que influenciam as práticas e crenças de uma comunidade; artes e expressões culturais, formas de arte, música, dança e outras expressões criativas que refletem a identidade de uma comunidade.

"Identidade: entende-se como a referência coletiva englobando, quer os valores atuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado."[56]

No caso específico da Casa Galante, o seu valor de identidade é expresso através da atividade que se praticava e que era o motor de todas as dinâmicas, a agricultura. Afinal, todas as suas características físicas, como foi visto, provenientes de uma arquitetura vernacular, foram pensadas de modo a ir ao encontro das necessidades agrícolas, veja-se por exemplo a Casa da Eira, totalmente destinada a servir essa atividade, dependendo de uma cuidada intervenção contemporânea para que a sua identidade não se perca, adaptando-a às necessidades dos dias de hoje, para que esta se conserve para o futuro.

[56] Conferência Internacional sobre Conservação (2000) Carta de Cracóvia - Princípios para a conservação e o restauro do património construído, Anexo - Definições.

Autenticidade

A autenticidade, tal como o nome indica, refere-se à genuinidade e integridade de um bem cultural, garantindo que ele é verdadeiro e fiel às suas origens e contextos históricos, essencial para a preservação histórica, de forma a garantir que os métodos e materiais utilizados na preservação de um bem cultural respeitam os seus aspetos originais; para a fidelidade cultural, mantendo a veracidade das tradições e práticas culturais sem alterações que possam distorcer o seu significado original; e para a credibilidade e confiança de qualquer bem, assegurando que o património cultural é representado de maneira precisa e verdadeira, promovendo a confiança das comunidades e dos visitantes.

"Autenticidade: Significa o conjunto de características fundamentais, historicamente determinadas, do original ao estado atual, como resultado das várias transformações que ocorreram ao longo do tempo."[57]

No caso específico da Casa Galante, a sua autenticidade é fundamental e por isso importa perceber a evolução da propriedade ao longo dos tempos. Sabe-se que inicialmente era apenas uma pequena casa de família que evoluiu para uma maior com anexos agrícolas, também eles construídos faseadamente segundo a necessidade. Porém, quando a atividade caiu em desuso, o inquilino que atualmente reside na casa, fez ele próprio as suas alterações que, apesar de contribuírem para a sua história, destroem a sua autenticidade e que por essa razão devem ser intervencionados para que esta não se perca.

Memória

A memória está ligada ao papel do património cultural na evocação e preservação das lembranças coletivas de uma comunidade ou nação, este é fundamental para a conservação da história, permitindo que as gerações futuras compreendam e aprendam sobre o passado; para a identidade coletiva, fortalecendo o sentido de pertença e continuidade ao manter vivas as lembranças e narrativas compartilhadas; e ainda para a resiliência cultural, uma vez que ajuda as comunidades a manterem-se resilientes em face de mudanças, preservando as suas histórias e experiências.

[57] Conferência Internacional sobre Conservação (2000) Carta de Cracóvia - Princípios para a conservação e o restauro do património construído, Anexo - Definições.

“ É provável que este valor da história, entendida como memória coletiva, portanto como relação da coletividade com o lugar e com a ideia deste, nos dê ou nos ajude a perceber o significado de estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitetura da cidade que é a forma desta individualidade.”[58]

No caso específico da Casa Galante, uma vez mais, é fundamental que a atividade agrícola esteja presente de alguma forma na intervenção contemporânea, só assim é possível que o valor da memória continue para as gerações futuras. Para isso é importante estudar qual a forma mais indicada de reuso da propriedade para que esta se relacione tanto com o presente, os utilizadores atuais, quanto com o seu passado e a atividade original.

Lugar

Por fim, o conceito de lugar refere-se à importância da particularidade de um local específico para o tratamento do património, no contexto cultural e histórico, incluindo a sua geografia e arquitetura. Este valor depende do contexto geográfico, da relação do património cultural com o ambiente físico onde está situado, incluindo paisagens naturais e construídas; relaciona-se com o sentido de pertença, a conexão emocional e espiritual que as pessoas têm com lugares significativos, como locais de culto, monumentos históricos e paisagens culturais; e com a sua interpretação cultural, o entendimento e a apreciação das histórias, mitos e significados associados a um lugar específico.

“O lugar significa muito mais do que a sua localização, pois encerra significados culturais que sintetizam e representam o meio que o envolve, bem como a situação existencial em geral”[59]

O valor de lugar é fundamental também na Casa Galante, afinal todo o contexto em que se insere definiu a sua atividade e tem de ser estudado para que seja possível levar a cabo uma reinterpretação compatível com a atualidade. Assim, tanto a proximidade do mar, como pertencer a um caminho primordial ainda hoje utilizado nas peregrinações a Santiago, como o facto de se inserir na REN, e ainda a sua ligação histórica com a atividade agrícola, são premissas fundamentais que lhe atribuem valor e a definem.

[58] ROSSI, Aldo. (2001). A arquitetura da cidade. Lisboa: Edições Cosmo, pp. 193
[59] (MAGALHÃES, M. R., 2001. A Arquitetura Paisagista: Morfologia e Complexidade, Lisboa: Editorial Estampa. P. 148).



FIGURA 25: RUA PRINCIPAL DE ACESSO À CASA GALANTE



FIGURA 24: ANEXOS E O SEU ESPAÇO EXTERIOR



FIGURA 26: ALÇADO NORTE DA CASA GALANTE E INTERVENÇÃO DE REDESENHO URBANO

2.1. Reabilitação

> *"A reabilitação obriga sempre a estudar-se previamente as reais capacidades espaciais e funcionais das preexistências. Isto é, analisar que usos se podem acolher sem grandes transformações espaciais, estruturais e construtivas da edificação preexistente, para integrar harmonicamente novas funções, assim adequadas, mais do que forçar as edificações antigas a alterações profundíssimas para poderem resolver programas e usos grandemente incompatíveis com as possibilidades tipológicas, dimensionais e volumétricas preexistentes."*
>
> *José Aguiar*

2.1.1. Conceito

O que é a reabilitação? Podemos começar por dizer que a *"Reabilitação é uma intervenção integrada de adaptação de uma construção ou sítio com o objetivo de permitir a sua utilização, que procura melhorar os seus níveis de desempenho e implica a preservação dos valores com significado cultural nele existentes."*[60]

O termo reabilitação vem do latim re + habilito, "tornar apto, fazer hábil" (Houaiss, 2002).

Segundo a Ordem dos Arquitetos, na realidade a reabilitação articula o objetivo da "recuperação dos valores preexistentes numa dada edificação histórica (ou não) com a sua beneficiação geral (melhoria das redes, aproximação a níveis de desempenho atuais)" (Paiva, Aguiar e Pinho, 2006).

Os conceitos de valor e significado cultural estão profundamente ligados às ideias de identidade e autenticidade, conforme definidos no Documento de Nara (ICOMOS, 1994). Estes princípios são, por sua vez, elementos essenciais e inseparáveis do próprio conceito de reabilitação:

[60] Ordem dos Arquitetos – Colégio Património Arquitetónico

O valor do património arquitetónico não está só na sua aparência, mas também na integridade de todos os seus componentes, como produto único da tecnologia de construção especifica do seu tempo. Em particular, não é conforme aos critérios da conservação a remoção das estruturas interiores mantendo-se apenas as fachadas.

ICOMOS (2003).

De acordo com as *Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitetónico* (ICOMOS, 2003), a reabilitação é definida como o processo de adaptar um edifício a um novo uso ou função sem comprometer as partes que conferem valor histórico. Este conceito abrange tanto os elementos construtivos como os estruturais.

O termo "reabilitação" foi introduzido no contexto da "conservação integrada" pela Carta Europeia do Património Arquitetónico (Conselho da Europa, 1975). Esta iniciativa visava responder à necessidade de intervir em edifícios que, embora não fossem considerados monumentos, possuíam valor cultural. Este conceito propõe renovar as estruturas internas e adaptar os edifícios às exigências da vida moderna, preservando cuidadosamente os valores históricos e culturais.

Conforme Feilden (2003), manter os edifícios em uso, atribuindo-lhes novas funções quando necessário, é frequentemente a melhor forma de salvaguardar os seus valores estéticos e históricos. Na reabilitação destes edifícios, como o exemplo da Casa Galante, considerado como património, seguimos uma metodologia (Ponto 2.1.2) e desta forma preservamos o significado cultural inerente ao mesmo.

A expressão "significado cultural" amplia a visão tradicional de valor, indo além dos aspetos estéticos ou técnicos, para incluir também a relevância histórica, científica, social ou espiritual que um objeto, edifício ou local pode ter para diferentes gerações — passadas, presentes ou futuras. Este significado está intrinsecamente ligado à própria construção, ao local e ao seu contexto, abrangendo a sua utilização, associações, registos históricos e relações com outros lugares ou estruturas. Além disso, o significado cultural pode ser interpretado de formas distintas por diferentes indivíduos ou grupos (BURRA, 1999).

Este conceito permite alargar a ideia de valor a elementos menos evidentes, como a história associada a um edifício. Assim, uma construção aparentemente comum pode adquirir grande importância cultural se estiver ligada a um acontecimento histórico significativo, conferindo-lhe um papel especial na memória coletiva, como podemos ver na seguinte imagem.



FIGURA 27: EDIFÍCIO RESIDENCIAL SÃO BENTO RESIDENCES, PEDRA LÍQUIDA, ARCHDAILY (SUSANNA MOREIRA)

2.1.2. Metodologia

A elaboração de um projeto de reabilitação em património, como foi o caso da Casa Galante, seja ele de âmbito nacional ou local, urbanístico, ou referente a conjuntos e sítios, inicia-se sempre com o reconhecimento e a análise da preexistência onde se pretende intervir. Este processo é orientado por uma teoria de valores, como a que está consagrada na Lei de Bases do Património Cultural Português[61], que serve de referência para guiar as nossas decisões de intervenção.

> *"As construções antigas são entidades com plexas e pluri-estratificadas com valores culturais, sociais, ambientais, económicos e tecnológicos, que o projeto tem de considerar e integrar, construindo com o construído. Considerando o edifício como um palimpses to a ler e a interpretar, importa identificar os elementos arquitetónicos essenciais que materializam a sua identidade e descodificar as suas metamorfoses[62], evitando obliterar valores e criar desnecessárias antinomias, como quem procura desenhar uma nova poesia, que preserva antigos versos, e que nos (re)surge com íntima familiaridade."*
>
> *José Aguiar*

Para conseguir atingir este objetivo em reabilitar o Património, é necessário cumprir e seguir uma metodologia. Para se concretizar estes passos metodológicos, temos de defender a singularidade de cada contexto, que nunca pode ser generalizada[63], a intervenção em preexistências com valor cultural deve seguir etapas metodológicas interrelacionadas: como o conhecimento profundo e rigoroso da preexistência em primeiro lugar; e logo após o diagnóstico de problemas, anomalias e incongruências inerentes ao mesmo. Depois o projeto como ato de síntese analítica e criativa, orientado pela seleção e

[61] Veja-se a Lei quadro da política e do regime de protecção e valoriza ção do património cultural (Lei 107/2001). (...) Artigo 2.º.
[62] Anton Capitel – Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración. Madrid: Alianza Forma, 1992.
[63] Alexandre Alves Costa – "O Património entre a aposta arriscada e a confidência nascida da intimidade", in Jornal dos Arquitec tos, n.º 213. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2003, p. 7-13.

salvaguarda de valores, por conseguinte a execução da obra, adaptando e ajustando soluções, e por fim, a conservação preventiva e manutenção contínua para perdurar no tempo.

Antes de qualquer projeto e desenho neste contexto implica documentar com precisão a preexistência, sempre esclarecer o durante, o que devemos ou não manter materialmente da sua história, e por fim, justificar o resultado final, onde temos de garantir processos de inspeção e manutenção para a obra se manter em boas condições para as gerações futuras. Uma reabilitação bem-sucedida é apenas uma de várias intervenções que um edifício antigo pode receber para lhe dar um novo futuro.

Intervir em construções com valor cultural requer representar e compreender a preexistência de forma eficaz, justificando a coerência das alterações propostas e articulando as intervenções de diferentes especialidades. É fundamental encontrar uma relação entre o antigo e o novo, desenhando uma unidade arquitetónica contemporânea. Afinal, interpretar o passado é sempre um ato de plena contemporaneidade.

Na realização de um projeto tanto com inserção do contemporâneo no património ou só manter a sua arquitetura original, temos de ter em contas estes seguintes pontos cruciais para realização dos mesmo. E tal como a Casa Galante, apesar de exaustiva, foi necessário seguir estes passos metodológicos de modo a manter o património cultural nela inerente.

- Reconhecimento do valor e a sua documentação.
- Os 3 elementos fundamentais da arquitetura: *Firmitas* (caráter construtivo), *Utilitas* (Função) e *venustas* (Beleza Estética).
- Valor cultural da construção preexistente
- Contexto e o Espaço Envolvente
- Adequação de programas aos Espaços Pré-existentes.
- Preservação dos espaços comuns
- Revestimentos, decoração, ornamentos, superfícies e texturas
- Cor e Luz
- Madeiras
- Caixilharias, serralharias e ferragens
- Instalações técnicas e eficiências energética.

Ao adotar esta "pequena" metodologia, também estamos a adotar uma arquitetura sustentável/ passiva, onde podemos ver posteriormente no ponto 2.2 .

A intervenção em património edificado exige a consideração de uma ampla gama de questões e fatores, desde escolhas conceptuais até soluções materiais e construtivas, como a compatibilidade e a reversibilidade das alterações, onde abrange diferentes escalas. Estas vão desde a estrutura do edifício até aos detalhes como os revestimentos, cores, texturas, brilho e iluminação. Tão importante, é necessário melhorar o desempenho funcional em diversas áreas, como conforto, higiene, segurança e eficiência energética, procurando sempre minimizar os conflitos através de uma abordagem equilibrada e integrada que resulta numa solução crítica e reflexiva: o projeto.

Num contexto em que a arquitetura muitas vezes privilegia a expressão autoral, é importante relembrar as palavras de Álvaro Siza, que sublinhou a importância de preservar "*a absoluta integridade"* nas obras de reabilitação. Este princípio implica resistir à tentação de impor uma marca pessoal, que todos os arquitetos querem ter na intervenção, respeitando antes de tudo o carácter do património existente.[64]

"Um monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio onde está inserido".

(Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, 1964, art.º 7)

[64] Álvaro Siza, 2005. Recuperação e Manutenção. in Costa, Aníbal [et al.] – A intervenção no Património .Práticas de Conservação e Reabilitação. Porto: FEUP, 2005. p. 21.

2.2. A Sustentabilidade

2.2.1. Conceito

"O termo "sustentável" provém do latim sustentare (sustentar; defender; favorecer, apoiar; conservar, cuidar)."[65]

Conceito este que foi pela primeira vez mencionado no Relatório de Brundtland (1987) como algo que seja capaz de *"suprir as necessidades da geração presente sem afetar a possibilidade das gerações futuras de suprir as suas*". Aqui, o relatório apontou para uma definição antropocêntrica[66] com o objetivo de ir ao encontro da realidade atual nos sentido de combater as desigualdades ao nível mundial.

Desta forma, o conceito de sustentabilidade é definido como uma caraterística ou processo que permite a permanência por um período. Daí a importância da reutilização de objetos arquitetónicos com valor patrimonial, garantindo a sua vivência a longo prazo, usando os recursos naturais de forma sustentável, como vimos, sem comprometer as necessidades das gerações futuras. Em suma, é a capacidade do Ser Humano interagir da forma menos danosa possível para o meio ambiente.

Assim, por mais que os teóricos tentem abranger este conceito segundo uma definição concisa, por se tratar de um tema abrangente, é algo bastante complexo, afinal, atende a um conjunto de variáveis interdependentes, de componente social, ambiental e económica.

Porém, deve existir a preocupação de destingir o conceito de desenvolvimento sustentável com o de sustentabilidade, para que estes não se entendam como sinónimos. Isto porque a sustentabilidade é um conceito muito mais amplo, referente à capacidade de manter algo de forma indefinida, ao contrário do conceito de desenvolvimento sustentável que, tal como o nome indica, refere-se a um processo que busca marcar a sua presença no tempo.

"Para que o conceito de Desenvolvimento Sustentável seja alcançado deve-se conjugar o crescimento económico, a inclusão social e a proteção ambiental."[67]

[65] Wikipédia: Sustentabilidade.
[66] Isto é, uma visão maioritariamente voltada para o Homem e para a comunidade mundial, por meio da apresentação do termo "desenvolvimento sustentável".
[67] *Cravo, 2018)*

2.2.2. Os 4 pilares do Desenvolvimento Sustentável

As preocupações ambientais ganharam relevância ao longo do século XX, com destaque para o Relatório Brundtland e a Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento, que foram fundamentais para a criação da Agenda 21 na Conferência do Rio em 1992. Essa conferência apresentou a definição clássica de desenvolvimento sustentável, que busca atender às necessidades atuais sem comprometer as gerações futuras.

Com o crescimento do turismo, seu impacto sobre o meio ambiente tornou-se evidente, especialmente pelo consumo de recursos naturais e pela geração de impactos negativos em destinos turísticos. A Conferência do Rio incentivou a adoção de práticas de turismo sustentável para que o turismo mantenha suas principais componentes, incluindo equipamentos, infraestrutura, recursos naturais e culturais, atrações e serviços, com foco em planejamento sustentável, promovendo um "turismo responsável ou alternativo" (Joaquim, 1994; Burnay, 1997) que equilibre a satisfação dos turistas e a preservação ambiental.

Entende-se que esta ideia de desenvolvimento sustentável surgiu inicialmente relacionada ao progresso científico e tecnológico, apoiada pelo paradigma do crescimento econômico, caraterístico do séc. XIX. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, houve uma mudança de perceções, considerando o crescimento económico de forma linear e evolutiva, com desenvolvimento frequentemente entendido como sinónimo de crescimento económico. [68]

"O caminho (...) que deve ser percorrido por cada país, pode ser diferente, consoante as necessidades e as limitações no contexto do desenvolvimento atual do mesmo".[69]

Assim, tendo em conta que desenvolvimento sustentável, a curto, médio ou longo prazo, *"incorpora os aspetos de um sistema de consumo em massa no qual a preocupação com a natureza (...) é máxima"*[70], este apoia-se essencialmente em quatro pilares distintos e fundamentais de componente social, cultural, ecológica e económica, fundamental para preservar os recursos para as futuras gerações.

[68] Cruz, 1995
[69] Cravo, 2018
[70] Wikipédia

O pilar social refere-se à promoção de uma sociedade justa, equitativa e inclusiva, com o objetivo que todas as pessoas tenham acesso a oportunidades, direitos e qualidade de vida. Este engloba temas como, a educação, saúde, justiça social, direitos humanos, diversidade cultural e redução da pobreza, assegurando que o desenvolvimento atenda às necessidades humanas e melhore o bem-estar social.

As casas rurais podem ser centros de aprendizado, principalmente em relação às atividades agrícolas, à criação de animais, e à preservação do meio ambiente. Além disso, elas podem funcionar como centros para iniciativas educacionais comunitárias, como hortas escolares, programas de agricultura sustentável ou até turismo rural.

Em muitas regiões, as casas rurais desempenham um papel importante no turismo rural, atraindo visitantes que buscam uma experiência mais autêntica e conectada com a natureza e a cultura local, contribuindo para o bem-estar dos utilizadores e para uma melhoria da sua saúde mental e qualidade de vida no geral.

Também o pilar cultural, cada vez mais importante para o desenvolvimento sustentável, reconhecendo a importância social do respeito à diversidade, às tradições e aos valores locais, é fundamental para a maneira como as sociedades interagem com o meio ambiente, desenvolvem as suas economias e estruturam as sociedades.

Assim, a componente cultural do desenvolvimento sustentável abrange sobretudo o respeito e preservação das culturas locais e tradições para que estas perdurem no tempo.

Tanto a preservação dos patrimônios tangíveis como a arquitetura e arte como dos intangíveis, tradições e idiomas, promovem a continuidade histórica, bem como a educação para a sustentabilidade, que por sua vez promove a valorização cultural e o respeito pela diversidade. (TONKOVIĆ; ZLATAR, 2014, p.2)

Aqui a casa rural é, muitas vezes, um símbolo de tradições e hábitos que passam de geração em geração. A construção das casas, os tipos de materiais usados, os espaços destinados a atividades familiares e produtivas, e os costumes associados à vida no campo contribuem para a preservação da cultura rural, além de reforçar a identidade comunitária.

«Não tenho um domínio que é o ambiente, mas tenho um domínio o que é a ecologia, com uma componente social, uma componente económica e uma componente da governança. A cultura está na interface de todas estas componentes e, portanto, não tem sentido estar a falar de querer atingir um desenvolvimento sustentável se não tiver em atenção aquilo que é a herança cultural de muitos povos que vivem, no fundo, numa relação, por vezes extremamente próxima, dos seus ecossistemas (...) quando nós olhamos para os 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, a palavra cultura não está em nenhum deles, mas está, obviamente, de forma transversal na maior parte deles, porque há uma interligação direta entre aquilo que são os diferentes valores e perspetivas culturais e o nosso relacionamento, entre nós e com o ambiente». [71]

Já relativamente à componente ecológica, esta tem como principais objetivos o uso sustentável dos recursos naturais como água, solo, energia e biodiversidade, promovendo um uso consciente e responsável, a redução de emissões de carbono e combate às mudanças climáticas, procurando minimizar o impacto ambiental, a preservação e regeneração ambiental, com foco na proteção dos ecossistemas e na promoção da recuperação de áreas degradadas, e a gestão de resíduos e prevenção da poluição.

O estilo de vida rural, que muitas vezes está em harmonia com a natureza, pode favorecer práticas agrícolas sustentáveis, como o uso consciente da terra e dos recursos naturais. Casas rurais bem planejadas podem incorporar técnicas de construção ecológicas e sistemas de aproveitamento de recursos, como água da chuva ou energia solar, contribuindo para a preservação ambiental.

Para atingir um desenvolvimento sustentável a nível ecológico deve estar sempre presente a Educação Ambiental. Com o ensino, não só estamos a ajudar-nos a nos próprios, como também as gerações futuras. (PONS-GUTIERREZ, 2013).

71

Por fim, o pilar económico do desenvolvimento sustentável busca promover o crescimento económico de forma eficiente e inclusiva, garantindo que os recursos sejam utilizados de maneira equilibrada e que os benefícios sejam amplamente distribuídos. Isso envolve criar sistemas económicos que gerem prosperidade sem prejudicar o meio ambiente e sem exacerbar a desigualdade social, promovendo o crescimento econômico de maneira justa.

Assim, as metas incluem um crescimento inclusivo que beneficie toda a população e a eficiência de recursos para evitar desperdícios e garantir que as gerações futuras também tenham acesso a eles. Para além disso, promove-se a inovação e tecnologias limpas, através de negócios sustentáveis e de economias verdes que respeitem os limites ecológicos.

Desta forma, a casa rural pode estar diretamente relacionada, não só à produção de alimentos de subsistência, mas também ao cultivo de produtos para comercialização, uma vez que os produtos biológicos promovem uma maior segurança alimentar para as famílias e reduz a dependência de mercados externos, promovendo uma maior sustentabilidade.

Porém, além da produção agrícola, as casas rurais são pontos de apoio para o comércio local, como mercados de produtos artesanais ou alimentícios. Elas geram empregos diretamente relacionados à agricultura e indústrias locais, como pequenas fábricas de queijo, mel ou artesanato, o que contribui para a economia regional.

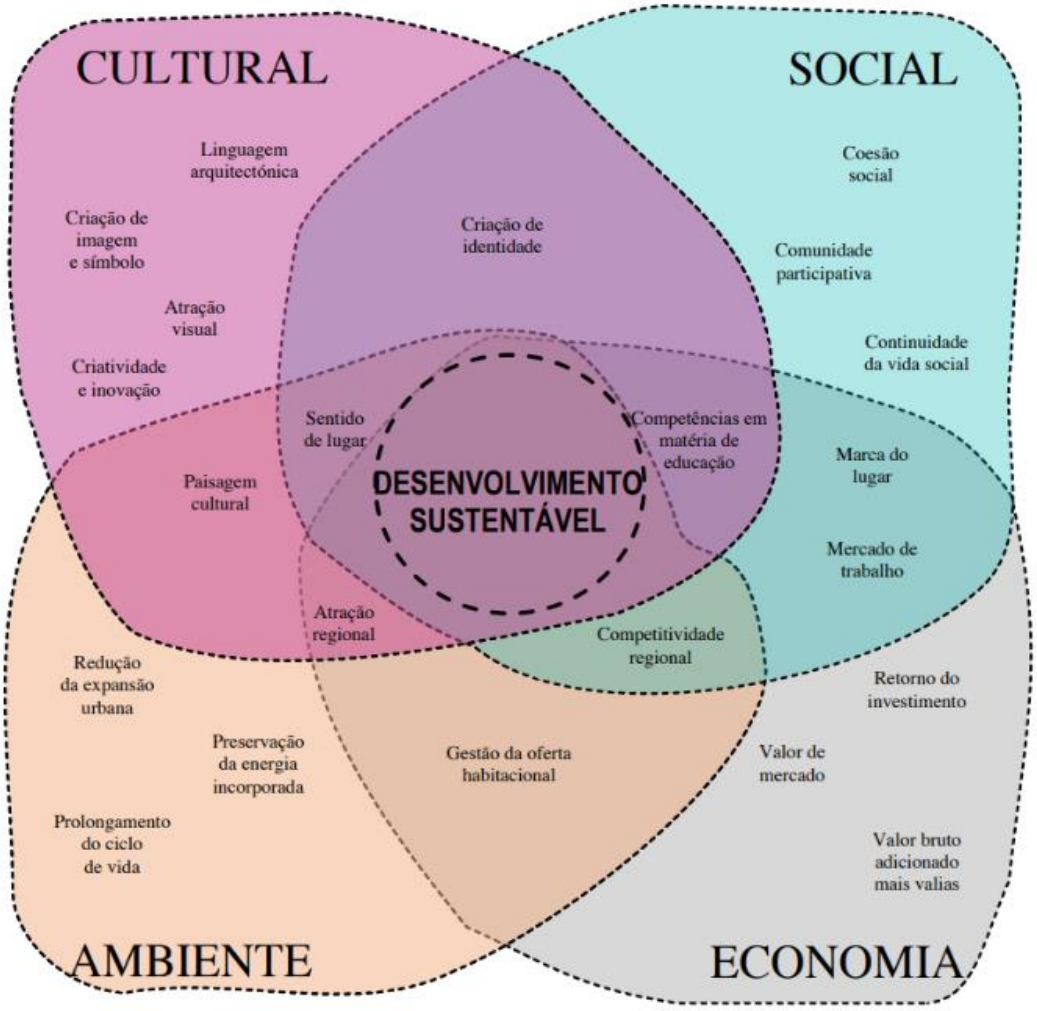


FIGURA 28: EUROPA NOSTRA 2015 - DIAGRAMA DE ABORDAGEM HOLÍSTICA DOS 4 PILARES DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

2.2.3. Objetivos Desenvolvimento Sustentável 2020

A Agenda 2020 da ONU adotou os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável como uma agenda global para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que todas as pessoas possam desfrutar de paz e prosperidade até 2030. São um conjunto de 17 objetivos interligados que abrangem questões sociais, econômicas e ambientais.

Em primeiro lugar a erradicação da pobreza, garantindo que todas as pessoas tenham acesso a serviços básicos; a fome Zero e Agricultura Sustentável, assegurando que todos tenham acesso a alimentos suficientes e promover práticas agrícolas que protejam o meio ambiente; a saúde e Bem-Estar, focando na melhoria da saúde física e mental; a Educação de Qualidade, garantindo o acesso à educação; a igualdade de Gênero, eliminando a discriminação; a Água Potável e Saneamento, assegurando o seu acesso; a Energia Acessível e Limpa, expandindo o seu uso e melhorando a eficiência energética; o Trabalho Decente e Crescimento Econômico, reduzindo o desemprego; a Indústria, Inovação e Infraestrutura, fomentando a inovação; a Redução das Desigualdades, independentemente de idade, sexo, deficiência, raça ou poder econômico; as Cidades e Comunidades Sustentáveis, com foco em transporte acessível, habitação e gestão de resíduos; o Consumo e Produção Responsáveis, reduzindo o desperdício; a Ação Contra a Mudança Global do Clima, reduzindo as emissões de gases de efeito estufa; a Vida na Água, promovendo a proteção dos ecossistemas costeiros e promoção da pesca sustentável; a Vida Terrestre, garantindo a biodiversidade; a Paz, Justiça e Instituições Eficazes, proporcionando o acesso à justiça equitativa; e, por fim, as Parcerias e Meios de Implementação, cooperando entre governos, setores publico/privados e sociedade civil.

Estes 17 ODS representam um compromisso global para enfrentar os desafios do desenvolvimento sustentável de forma integrada, A sua implementação requer o esforço conjunto de governos, empresas e a sociedade civil para garantir um futuro mais justo, inclusivo e equilibrado para todo e os pilares económico, ecológico, social e cultural, tal como acontece na reabilitação da casa burguesa, neste caso a Casa Galante.

Afinal, o progresso do atual modelo de desenvolvimento está a criar problemas catastróficos no nosso planeta: por um lado, a degradação da biosfera e a crise climática que assistimos; por outro, o aumento das desigualdades e surgimento de novos fenómenos de exclusão e mal-estar social.

CAPÍTULO 3 – A Sustentabilidade na Reabilitação

3.1. Sustentabilidade na Arquitetura

A sustentabilidade tem estado presente na arquitetura desde os primórdios, já que o simples ato de recuperar uma ruína é sempre mais sustentável do que a construção nova. Assim, na arquitetura, a sustentabilidade envolve vária dimensões e encontra-se tanto na reabilitação de edifícios existentes como no planeamento de novas construções que respeitem o meio ambiente, promovam a eficiência energética, utilizem os recursos de forma responsável e satisfaçam as necessidades humanas de forma equilibrada. Além disso, esta prática visa melhorar a qualidade de vida dos utilizadores, enquanto preserva os recursos naturais.

A primeira está relacionada com o uso eficiente dos recursos, através da escolha de materiais de construção sustentáveis, preferencialmente recicláveis, locais e de baixo impacto, como madeira certificada, bambu ou tijolos ecológicos. Além disso, adota-se métodos construtivos que gerem menos resíduos e que minimizem a pegada ambiental.

Outro ponto importante é a eficiência energética, que se traduz na aplicação da arquitetura passiva, como a atenção à orientação solar, à ventilação natural e ao isolamento térmico, para reduzir a necessidade de aquecimento, ventilação e ar condicionado, bem como de iluminação artificial. A integração de fontes de energia renovável, como painéis solares, turbinas eólicas ou outras fontes limpas, também é uma prática fundamental.

A preocupação com a saúde e o bem-estar dos ocupantes é igualmente relevante. Isto inclui o conforto térmico, a qualidade do ar e o ambiente em geral, através do uso de materiais não tóxicos, boas práticas de ventilação e isolamento, e a integração de áreas verdes, como telhados verdes e jardins verticais, que contribuem para melhorar a qualidade do ar.

Além disso, a inclusão é um princípio importante, assegurando que as construções respondam às necessidades de diferentes grupos da sociedade, garantindo acessibilidade e promovendo a integração social. Também é fundamental que as obras promovam um impacto positivo na comunidade local, através do desenvolvimento económico-social.

Por fim, a arquitetura sustentável deve privilegiar edifícios que possam ser adaptados e reutilizados ao longo do tempo, evitando demolições desnecessárias e o desperdício de recursos. Deve-se ainda garantir que as estruturas sejam projetadas de modo a possibilitar a sua desmontagem e reciclagem eficiente quando já não forem úteis.

3.2. Desenvolvimento Sustentável do Rural

O desenvolvimento sustentável na arquitetura, agora centrada no rural, consiste em conceber e edificar construções e infraestruturas que respeitem e protejam o meio ambiente, promovam o bem-estar social e incentivem a economia local, tudo isto adaptado ao contexto rural. Este conceito é fundamental para assegurar que as áreas fora dos centros urbanos possam crescer de forma a conservar os seus recursos naturais e culturais, ao mesmo tempo que se melhora a qualidade de vida e a viabilidade económica a longo prazo. Deste modo, as questões relacionadas com o desenvolvimento rural ganham uma maior preocupação ecológica e social, equilibrando as zonas urbanas e as periféricas, criando-se assim um modelo de desenvolvimento que surge a partir das especificidades locais.

Esta abordagem ao desenvolvimento baseia-se em vários princípios, como a valorização dos produtos locais, o reforço das capacidades das populações residentes, a atração de novos habitantes, o incentivo à cooperação entre os agentes locais e a criação de estratégias que permitam um envolvimento ativo das comunidades em áreas chave.

Além disso, existe um triângulo de qualidade que integra os aspetos "agroalimentar", "agroambiental" e "agrorrural"[72], sendo essencial para fundamentar a sustentabilidade adaptada ao meio rural. Este triângulo deve refletir o desempenho económico, social e ambiental das comunidades rurais.[73]

Esta abordagem pode implicar a mudança de certos hábitos, com o objetivo de estabelecer ligações entre as atividades económicas e as metas de conservação ambiental. Assim, o desenvolvimento sustentável na arquitetura rural envolve um compromisso com a preservação do ambiente, o fortalecimento da economia local, a valorização das tradições culturais e a promoção de infraestruturas adaptadas ao contexto natural e social da região.

Em última análise, trata-se de garantir que o crescimento das comunidades rurais seja sustentável a longo prazo, preservando os seus recursos naturais e culturais, e promovendo uma economia equilibrada e inclusiva, permitindo assim que o mundo rural tenha um futuro duradouro.

"Assim, as questões associadas ao desenvolvimento rural, passam a ganhar uma maior preocupação ecológica e social, conciliada em combater os desequilíbrios entre espaços centrais e periféricos, criando-se um modelo de desenvolvimento a partir do local."[74]

[72] Covas 2004

[73] Por exemplo, a defesa da biodiversidade é um dos desafios globais nesta área, reforçado recentemente pela Comissão Europeia.

[74] *(Figueiredo, 2003).*

3.3. Arquitetura Passiva

"A ideia é que a economia de energia não deve ser apenas preocupação do usuário, mas sim uma questão técnica que pode e deve ser resolvida com os componentes da arquitetura e conhecimento técnico"[75].

Ou seja, a redução do consumo de energia não deve depender apenas de diminuir a temperatura do termostato, usar mais roupa no inverno ou suportar o calor no verão. A arquitetura tem um papel importante e deve ser aliada nesse processo.

Seguindo princípios como um bom isolamento, o estudo da orientação solar e das condições climáticas locais, as casas passivas podem minimizar consideravelmente a pegada energética de uma habitação.

O conceito Passivhaus (em alemão) surgiu na Alemanha no final dos anos 80, a partir de um projeto piloto em Darmstadt. Em 1996, foi fundado o Passive House Institute pelo Dr. Wolfgang Feist, instituição responsável até hoje pela pesquisa e certificação de edifícios construídos de acordo com este conceito.

A Casa Passiva é definida pela utilização de estratégias passivas que resultam em um baixo consumo de energia, ao mesmo tempo em que garantem elevado conforto térmico nos espaços interiores. Isto é alcançado por um sistema de ventilação que mantém um fluxo constante de ar, essencial para a qualidade e saúde do ar interno.

Este conceito de Casa Passiva estabelece um padrão construtivo internacional que resulta em edifícios de alta eficiência energética, conforto térmico interior elevado, sustentáveis e com custos competitivos. Este método de construção surge da otimização da engenharia e da arquitetura, utilizando os recursos disponíveis da maneira mais eficiente possível, para maximizar os benefícios.[76]

[75] Berthold Kaufmann, cientista principal do Instituto Passivhaus, a entidade alemã responsável pela criação deste padrão de construção que se tornou amplamente adotado a nível global.
[76] PASSIVE HOUSE INSTITUTE - Criteria for the Passive House, EnerPHit and PHI Low Energy Building Standard. Passive House Institute, 2015

Assim, qualquer projeto que seja referência da arquitetura passiva deve ter em consideração, pelo menos os seguintes princípios fundamentais: Bom nível de isolamento térmico da envolvente opaca; Minimização das pontes térmicas; Estanquidade do ar; Ventilação mecânica com recuperação de calor, e por fim, Janelas eficientes.

Deste modo, algumas consequências da construção segundo o conceito de Casa Passiva[77] são: excelente qualidade do ar interior; conforto térmico sem diferenciais de estratificação em altura ou junto de elementos sensíveis (envidraçados e pontes térmicas); reduzido consumo energético, que se traduz em poupança na fatura elétrica; ausência de anomalias de origem térmico-higrotérmica; e, por fim, durabilidade e qualidade da construção.[78]

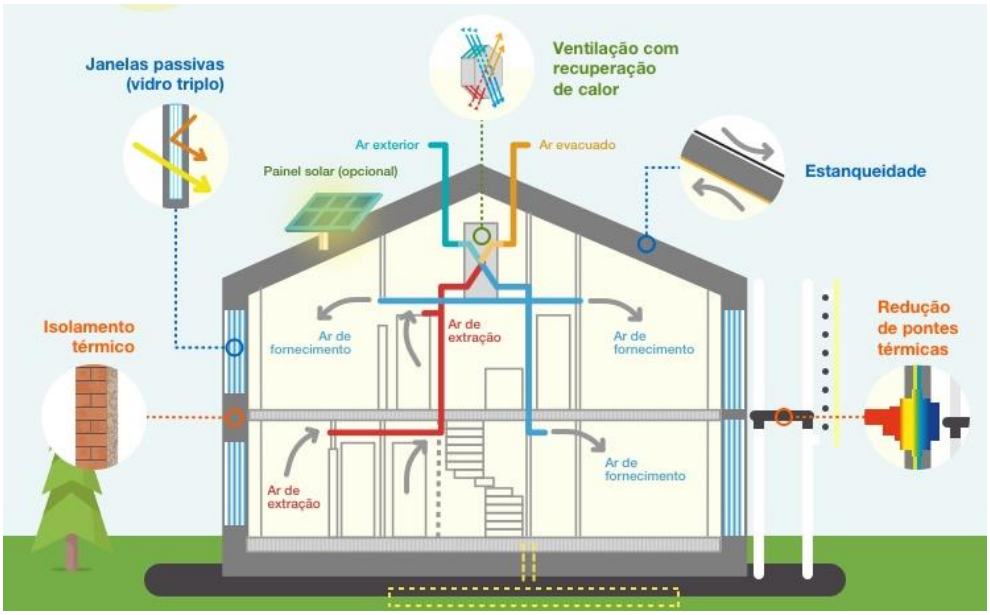


FIGURA 29: OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DE UMA CASA PASSIVA. FONTE: PASSIVHAUS INSTITUT.

[77] O conceito de Casa Passiva não se limita a um sistema construtivo, a determinados materiais, a uma tipologia de edifícios ou a determinada região climática. Exemplos de edifícios certificados são apresentados em Passive House Database. Atualmente, existem em todo o mundo aproximadamente 60000 edifícios construídos segundo este conceito.

[78] Esta é uma das soluções para o cumprimento das exigências da Diretiva Europeia 2010/31/EU que estabelece a ambiciosa meta dos edifícios de necessidades quase nulas de energia (Near Zero Energy Buildings) para 2020.

Ou seja, a arquitetura passiva é uma abordagem de design que visa otimizar o conforto térmico e a eficiência energética de um edifício, minimizando a dependência de sistemas mecânicos de aquecimento, ventilação e resfriamento. Seu foco está no uso inteligente de recursos naturais, como luz solar, vento e vegetação, para criar ambientes confortáveis e sustentáveis. Entre os principais conceitos da arquitetura passiva estão o uso da energia solar passiva, que envolve posicionar janelas de forma estratégica para maximizar a entrada de luz solar no inverno e limitá-la no verão, e o uso de elementos de massa térmica que absorvem e liberam calor, estabilizando a temperatura interna. Outro ponto importante é o isolamento térmico eficiente, que impede a troca excessiva de calor com o exterior, utilizando materiais como vidro duplo e sistemas de isolamento em paredes, telhados e pisos.

A ventilação natural também desempenha um papel essencial, com técnicas como ventilação cruzada e chaminés térmicas que garantem a circulação do ar sem a necessidade de ar-condicionado. Para evitar o aquecimento durante o verão e garantir o conforto no inverno, a arquitetura passiva conta com elementos de sombra, como a vegetação. A inércia térmica, proporcionada por materiais como concreto e tijolo, é outra característica importante, pois esses materiais armazenam e liberam calor, mantendo a temperatura interna estável.

Além disso, a arquitetura passiva prioriza o uso de materiais sustentáveis que são energeticamente eficientes e de baixo impacto ambiental. O design bioclimático leva em conta as condições climáticas locais para determinar a forma e a orientação do edifício, maximizando a eficiência energética sem depender de sistemas artificiais. Práticas de eficiência hídrica, como a captação de água da chuva e o uso de sistemas de irrigação eficientes, também são comuns, especialmente em áreas com escassez de água.

O objetivo central da arquitetura passiva é garantir conforto térmico sem o uso intensivo de energia externa, criando ambientes com temperaturas mais estáveis e reduzindo os custos operacionais a longo prazo. Embora o custo inicial da construção possa ser mais alto, a economia gerada pela redução no consumo de energia e na manutenção ao longo do tempo resulta em benefícios substanciais. Em suma, a arquitetura passiva foca em criar edifícios sustentáveis, eficientes e confortáveis, promovendo uma integração harmoniosa entre o ambiente construído e o natural.



Figura 30: Galpão Tropical, Laurent Troost Architectures. Exemplo de arquitetura passiva que faz o uso de materiais sustentáveis como o adobe e o recurso a vegetação para impedir o sobreaquecimento da casa. Fonte: Archdaily

3.4. Materiais e Sistemas Construtivos

A utilização de materiais sustentáveis na construção é cada vez mais fundamental para criar edifícios que respeitam o meio ambiente, enquanto preservam as tradições e promovem um desenvolvimento sustentável. Logo é necessário a otimização de métodos de escolha de materiais com base no desempenho sustentável.[79] O betão, por exemplo, é um material amplamente utilizado, devido à sua durabilidade e resistência ao desgaste. Além de ser resistente à ação do tempo e à humidade, o betão oferece versatilidade de design, permitindo moldar o espaço interior de acordo com a estética pretendida, enquanto proporciona conforto térmico e acústico. A sua baixa necessidade de manutenção torna-o uma escolha económica a longo prazo, e sua capacidade de incorporar materiais reciclados contribui para a sustentabilidade.

Mas, por outro lado, a madeira é uma opção muito valorizada na construção sustentável, pois é um recurso renovável, especialmente quando proveniente de florestas manejadas de forma responsável, como as certificadas pelo FSC (Forest Stewardship Council). A madeira ajuda na mitigação das mudanças climáticas ao armazenar carbono, além de ser um material com excelentes propriedades de isolamento térmico e acústico, o que contribui para o conforto energético das construções. Sua produção é menos intensiva em termos de energia em comparação com materiais como o cimento e o aço, e, quando tratada adequadamente, pode ser extremamente durável. A madeira também tem uma forte componente estética, adaptando-se facilmente a diferentes estilos arquitetónicos.



FIGURA 31: MORADIAS INFANTIS, ROSEBAUM + ALEPH ZERO. FONTE: ARCHDAILY

[79] Faustino De Sousa, Filipa Alexandra. 2010. "Optimização de métodos de escolha de materiais com base no desempenho sustentável"

A pedra rústica é outra escolha popular em projetos de construção, especialmente em zonas mais tradicionais ou rurais. Este material é altamente resistente, durável e exige pouca manutenção. A sua capacidade de isolamento térmico e acústico também a torna uma boa opção para garantir conforto interno nas construções. Além disso, a pedra natural, quando extraída de forma responsável, é uma solução ecologicamente correta, pois não requer processos industriais pesados. Sua versatilidade permite ser usada em diferentes aplicações, desde fachadas a pavimentos, criando uma aparência robusta e natural nas construções. A resistência ao fogo da pedra também aumenta a segurança das edificações, sendo uma vantagem importante em termos de proteção contra incêndios.



FIGURA 32: CASA MONTEMOR, BRASIL ARQUITETURA. USO DE PEDRA RÚSTICA NO PISO. FONTE: ARCHDAILY

A fachada ventilada de madeira, por exemplo, foi uma escolha adotada em alguns projetos de construção para manter a estética vernacular, inspirada nos espigueiros tradicionais, enquanto integra soluções modernas de eficiência energética. Este tipo de fachada permite um fluxo de ar constante, ajudando a regular a temperatura interior e melhorar a eficiência térmica do edifício.



FIGURA 34: PROJETO DE KAMIL MRVA, FONTE ARCHDAILY, ESCRITO POR EDUARDO SOUZA



FIGURA 33: PROJETO DE KÜHNLEIN ARCHITEKTUR. FONTE ARCHDAILY, ESCRITO POR EDUARDO SOUZA

No contexto de materiais sustentáveis em geral, a arquitetura moderna tem vindo a adotar soluções que combinam materiais tradicionais com novas tecnologias e alternativas ecologicamente responsáveis. O betão reciclado, por exemplo, tem sido cada vez mais utilizado na construção. Este material pode ser feito a partir de escórias de alto-forno ou restos de construção, como tijolos e telhas de demolição. O uso do betão reciclado não só permite aproveitar materiais que seriam descartados, como também reduz a necessidade de novas extrações de recursos naturais, contribuindo para a sustentabilidade.



FIGURA 35: CASA SAWMILL, ARCHIER STUDIO. BLOCOS RECUPERADOS DE CIMENTO. FONTE: URBANA.COM



FIGURA 36: HANIL VISITORS CENTER & GUEST HOUSE / BCHO ARCHITECTS. CASA COM BETÃO RECICLADO. FONTE: ARCHDAILY

A busca por madeiras alternativas também é uma tendência crescente, à medida que se tenta evitar o desmatamento de florestas nativas. As madeiras provenientes de reflorestamento ou certificadas são opções responsáveis, pois garantem a renovação das florestas e a preservação dos ecossistemas locais. Em paralelo, o uso de tintas naturais, compostas por pigmentos minerais, ceras e óleos vegetais, está a tornar-se cada vez mais comum, substituindo as tintas convencionais, que contêm materiais tóxicos e poluentes.

Além disso, o adobe, feito de terra, água e palha, continua a ser uma excelente opção para áreas rurais com clima seco. Este material tem excelentes propriedades térmicas e acústicas, ajudando a manter os edifícios frescos no verão e quentes no inverno. Outro material sustentável amplamente utilizado é o solo-cimento, que é produzido a partir de uma mistura de solo local e cimento, sem a necessidade de queima prévia, o que reduz o impacto ambiental. As fibras vegetais, como o cânhamo, também est**á** a ganhar destaque como isolant**e** natura**l** em substituição às fibras sintéticas, que são mais prejudiciais ao meio ambiente.

As telhas ecológicas, feitas de materiais reciclados ou naturais, são outra inovação que promove a sustentabilidade na construção. Estas telhas são mais leves e possuem características mecânicas superiores às tradicionais, além de refletirem a luz solar, contribuindo para melhores condições térmicas no interior das construções.

A utilização de materiais eco permite à arquitetura atual maximizar as qualidades da arquitetura vernacular, respeitando as tradições locais, mas ao mesmo tempo integrando soluções inovadoras que potenciam a sustentabilidade. Essa combinação de técnicas e materiais não só respeita os recursos naturais, mas também contribui para um futuro mais responsável e consciente, com menor impacto ambiental.

Por fim, na arquitetura rural, o uso de materiais sustentáveis como madeira, adobe, bambu, pedra e tijolos de solo-cimento é crucial para promover construções que respeitem o meio ambiente e valorizem as práticas tradicionais. Estes materiais são renováveis, acessíveis e frequentemente disponíveis localmente, o que reduz a necessidade de transporte e consome menos energia. Além disso, materiais como a cortiça e a fibra de coco, ambos renováveis e biodegradáveis, estão a ser cada vez mais utilizados, promovendo construções mais integradas com o ambiente e mais resilientes às mudanças climáticas. A adoção dessas soluções não só garante a preservação do meio ambiente, mas também reforça a ligação entre a arquitetura e o contexto cultural e natural da região.



FIGURA 38: BLOCOS DE ADOBE. FONTE: RENOVABLE VERDE, AUTOR: CHRISTIAN INGA



FIGURA 37: PROJETO EM ADOBE. FONTE: ARCHDAILY, CAMILLA GHISLENI



FIGURA 40: PROJETO EM BAMBU. FONTE: ARCHDAILY, CAMILLA GHISLENI



FIGURA 39: CASA NA ÁRVORE COLUMBA, MADEIGUINCHO. CASA FEITA EM MATERIAL SUSTENTÁVEL DE CORTIÇA. FONTE: ARCHDAILY

3.5. Papel dos espaços verdes e hortas na sociedade

Os parques urbanos verdes desempenham um papel essencial em diversos aspetos que beneficiam tanto a sociedade como o ambiente. Estes espaços oferecem zonas de lazer e contacto com a natureza, promovendo o bem-estar mental e emocional das pessoas, ajudando a reduzir o stress e a melhorar a saúde mental.

Além disso, incentivam a prática de atividades físicas como caminhar, correr ou andar de bicicleta, o que contribui para um estilo de vida mais saudável. As árvores e plantas nestes parques filtram poluentes, melhorando a qualidade do ar nas cidades. Para além disso, os parques funcionam como refúgios para diversas espécies de flora e fauna, promovendo a biodiversidade em ambientes urbanos.

Outro benefício importante é o reforço da coesão social, uma vez que estes espaços servem como pontos de encontro, fomentando interações sociais e fortalecendo o sentido de comunidade.

Os parques também ajudam a regular a temperatura nas zonas urbanas, proporcionando sombra e atenuando o efeito de ilha de calor, além de tornarem as áreas circundantes mais atrativas, o que eleva o valor das propriedades e atrai turistas. Estes espaços também oferecem oportunidades para a educação ambiental, sensibilizando para a importância da conservação. Em suma, os parques urbanos verdes são fundamentais para a qualidade de vida nas cidades, promovendo a saúde, a sustentabilidade e o bem-estar comunitário.



FIGURA 42: EXPO MILÃO 2015: PAVILHÃO SLOWFOOD / HERZOG & DE MEURON



FIGURA 41: EXEMPLO DE HORTA URBANA. FOTO: PAUL SEBESTA, ARCHDAILY

A agricultura e as hortas têm uma importância crucial em vários aspetos que afetam tanto a sociedade como o meio ambiente. Elas asseguram o fornecimento de alimentos frescos e nutritivos, contribuindo para a segurança alimentar das comunidades.

A prática de uma agricultura sustentável e o cultivo de hortas promove métodos que respeitam o ambiente, como a rotação de culturas e o uso de compostagem. Estes espaços também oferecem acesso a vegetais e frutas frescas, incentivando uma alimentação equilibrada e saudável. Cultivar hortas cria uma ligação com a natureza, permitindo às pessoas compreender melhor os ciclos naturais e a importância da biodiversidade.

A agricultura também gera empregos e rendimento, especialmente em áreas rurais, e as hortas urbanas podem fornecer produtos frescos para os mercados locais. Projetos de hortas comunitárias fortalecem os laços sociais entre os moradores, promovendo interações e colaboração. Ao cultivar alimentos localmente, a pegada de carbono é reduzida, pois diminui a necessidade de transporte, com o consequente impacto positivo na redução das emissões de gases de efeito estufa.

A agricultura tradicional e as hortas refletem ainda a diversidade cultural de uma região, preservando variedades de plantas e conhecimentos ancestrais. Em resumo, a agricultura e as hortas desempenham um papel essencial na saúde, no meio ambiente, na economia e na vida social das comunidades, contribuindo para um futuro mais sustentável e resiliente.

A implementação de hortas e a prática de agricultura para consumo próprio em hotéis trazem diversas vantagens. Cultivar alimentos no próprio hotel garante a frescura e qualidade dos ingredientes, melhorando as refeições servidas. Além disso, reduz a pegada de carbono, pois diminui a necessidade de transporte, e torna o hotel mais autossuficiente, diminuindo a dependência de fornecedores externos. A prática acrescenta valor à experiência dos hóspedes, oferecendo atividades como workshops e visitas guiadas, e atrai aqueles que buscam experiências sustentáveis. A gestão de resíduos também é otimizada, com restos de comida e posteriormente usados como fertilizantes. A produção própria permite cultivar alimentos orgânicos, promovendo uma alimentação mais saudável. Além disso, fortalece a economia local ao comprar insumos de fornecedores da comunidade, reforçando a imagem do hotel como sustentável e responsável, com impacto positivo para os hóspedes e o meio ambiente.

CAPÍTULO 4: Casos de Referência

Este trabalho apresenta a análise de três projetos de reabilitação: o Hotel Rural Vilarinho, de Rómulo Neto; a Casa Chamboirat, de COVE Architects; e o Hotel Paço de Vitorino, de PROD Arquitetura & Design.

Cada projeto foi examinado em três momentos distintos: onde cada um tem a sua particularidade, como programa, imagem e materiais. Foi abordado a situação original dos edifícios antes das intervenções, os detalhes das propostas desenvolvidas para a sua reabilitação e os resultados alcançados. A análise destaca como as soluções arquitetónicas respeitaram as características históricas de cada lugar, enquanto lhes conferiram uma nova funcionalidade e identidade contemporânea.

Estes exemplos evidenciam como a arquitetura pode conciliar o passado com as necessidades do presente, transformando patrimónios construídos em espaços revitalizados e com propósito renovado.

4.1. Hotel Rural Vilarinho / Rómulo Neto

O Hotel Rural (Hotel Rural Vilarinho) de Rómulo Neto, localizado em Talhadas, Sever de Vouga, é um espaço que foi recentemente requalificado e podemos afirmar que é o exemplo "perfeito" da relação entre o passado e o presente. Uma Casa Senhorial do Séc. XVIII, onde concilia o clássico com o contemporâneo. *"O conceito foi ancorado na relação de três palavras: HOMEM (sujeito ativo) - HISTÓRIA (elemento de construção da sociedade) - OBJETO (produto criado). A história é a nossa identidade e caracteriza a evolução da sociedade e o crescimento urbano. A presente construção sofreu modificações físicas e programáticas, em concordância com as épocas. A edificação da referida "Casa" remonta ao séc. XVIII, 1776, sendo pertence de um clérigo, Adelino Araújo, que recolheu a um convento próximo de Espinho onde veio a falecer."*[80]

[80]Descrição de Rómulo Neto sobre o Hotel Rural em Archdaily

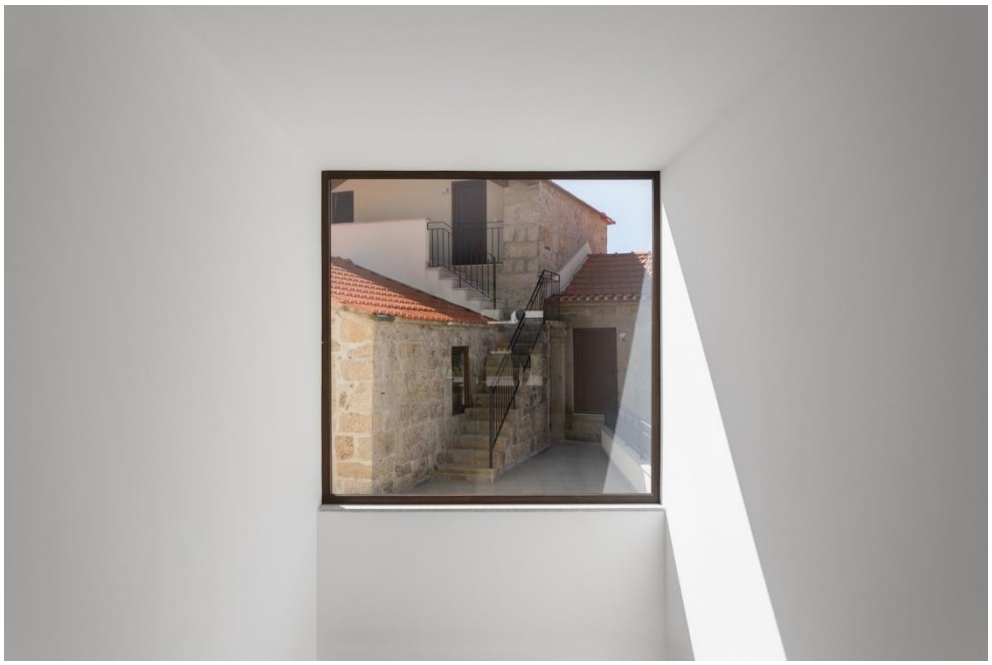


Figura 43: Foto Interior de Ivo Tavares Studio do Hotel Rural, Rómulo Neto em Archdaily

4.1.1. Antes

A Casa Senhorial, é um edifício do Século XVIII, que se encontrava devoluto em um estado de conservação muito baixo. O volume principal se encontra a face da rua, construído maioritariamente com pedra de granito, onde podemos ver uma certa grandiosidade na sua arquitetura. A Casa senhorial, tal como a Casa Galante, apresenta caraterísticas, traços e espaços semelhantes, como o curso de água, a Casa da eira, a eira, os estábulos (vacarias na Casa Galante), a cozinha, as adegas, as janelas trabalhadas com conversadeiras na sala, nos quartos e as suas coberturas de duas Águas com telha marselha.[81]



FIGURA 44: FACHADA PRINCIPAL DA CASA SENHORIAL ANTES DA INTERVENÇÃO. FOTO: GOOGLE EARTH



FIGURA 45FIGURA 31: FACHADA PRINCIPAL DA CASA SENHORIAL ANTES DA INTERVENÇÃO. FOTO: GOOGLE EARTH

[81] Idem.

4.1.2. Projeto

A reabilitação de uma casa senhorial do século XVIII, originalmente devoluta e em mau estado de conservação, é um exemplo notável de arquitetura sustentável e desenvolvimento rural responsável. Este tipo de intervenção respeita o legado histórico do edifício, ao mesmo tempo que o adapta às exigências contemporâneas de conforto e eficiência.

A sustentabilidade é garantida pela arquitetura passiva, aproveitando as características originais da construção, como a sua materialidade das espessas paredes em granito para isolamento térmico e as janelas trabalhadas com conversadeiras para ventilação natural. A cobertura de duas águas, com telha marselha, reforça a eficiência climática interna, minimizando o uso de energia externa.

A utilização de materiais e sistemas construtivos sustentáveis prioriza a recuperação de elementos existentes, como o granito das paredes, reduzindo o impacto ambiental. Complementarmente, a introdução de técnicas modernas, como isolamento ecológico e sistemas de reaproveitamento de água, alia inovação à preservação histórica.

No âmbito do desenvolvimento sustentável rural, a recuperação de espaços como a eira, os estábulos e as adegas revitaliza o património e dinamiza o turismo e a economia local, beneficiando a comunidade. Além disso, a integração do curso de água e dos jardins reforça a promoção dos espaços verdes, valorizando a relação entre o edifício e a paisagem envolvente, e sensibilizando para a preservação ambiental.

Este projeto exemplifica como o passado pode ser transformado em recurso valioso para um futuro mais sustentável, conciliando história, funcionalidade e respeito ambiental.



FIGURA 46: FOTO SATÉLITE DA CASA DO SENHORIO JUNTAMENTE COM O TERRENO AGRÍCOLA (2010) FONTE: GOOGLE EARTH



FIGURA 47: FOTO SATÉLITE DO INICIO DA CONSTRUÇÃO DO HOTEL RURAL (2013) FONTE: GOOGLE EARTH



FIGURA 48: FOTO SATÉLITE DO HOTEL RURAL CONCLUÍDO (2015) FONTE: GOOGLE EARTH

4.1.3. Resultado

Desta reabilitação, a conexão entre o passado e o presente, resultou um local paradisíaco, com uma paisagem única, no que toca a relação da natureza com o ser humano. Na casa do Senhorio todos os materiais e espaços que se encontravam num estado de conservação baixo foram completamente restaurados e reabilitados, conjugando com o contemporâneo. Onde o espaço foi reorganizado com 7 quartos, *"todos eles com valências e composições distintas"* [82].

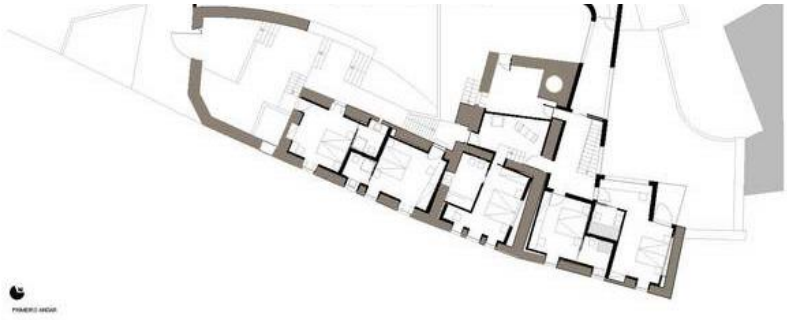


FIGURA 49: REABILITAÇÃO DA CASA DO SENHORIO (VOLUME PRINCIPAL)



FIGURA 53: FOTO EXTERIOR DE IVO TAVARES STUDIO DO HOTEL RURAL, RÓMULO NETO EM ARCHDAILY



FIGURA 50:FOTO QUARTO DE IVO TAVARES STUDIO DO HOTEL RURAL, RÓMULO NETO EM ARCHDAILY



FIGURA 52: FOTO PÁTIO EXTERIOR DE IVO TAVARES STUDIO DO HOTEL RURAL, RÓMULO NETO EM ARCHDAILY



FIGURA 51: FOTO EXTERIOR DE IVO TAVARES STUDIO DO HOTEL RURAL, RÓMULO NETO EM ARCHDAILY

[82] Idem.

Para além disso, foi acrescentado um novo volume, uma ampliação, que está conectada diretamente a Casa Principal de modo a servir de apoio. Este novo volume conta com 11 quartos, um átrio distributivo, *"que fará acesso entre blocos e disporá de iluminação superior, determinando a interligação entre todos os espaços."*,[83] e um espaço central onde conecta os dois tipos de volume.

"Oito dos quartos são identificados individualmente, apesar de serem iguais, existem para cada um deles um jardim que os encerra, e em cada jardim será plantada uma árvore diferente, para que os possa caracterizar. São virados a nascente e têm diante deles um ambiente tranquilo e natural."[84] Tal como a intervenção e reabilitação da Casa Galante a zona de piscina foi colocada no extremo norte do terreno, assim consegue-se ter privacidade para quem usufrua destes serviços.

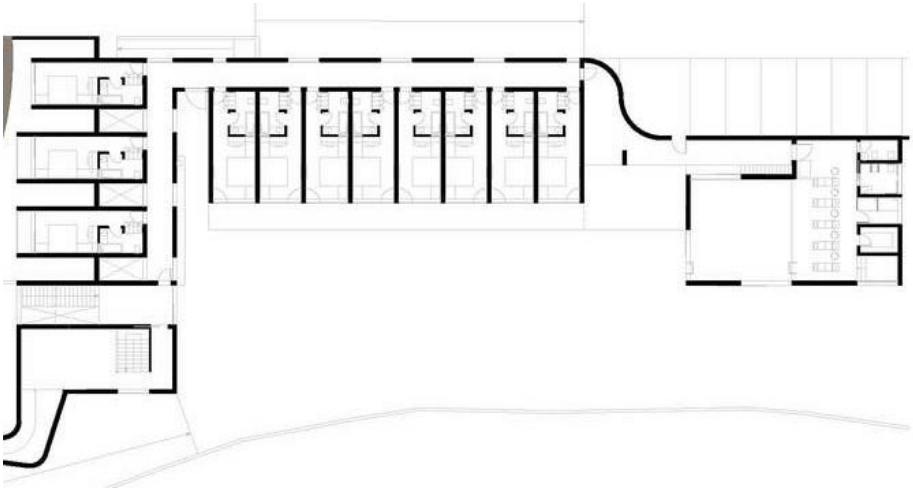


FIGURA 54: PLANTA DO VOLUME NOVO DO HOTEL RURAL, RÓMULO NETO

[83] Idem.
[84] Idem.

Na totalidade, o Hotel Rural de Vilarinho projetado por Rómulo Neto, o programa dispõe de 17 quartos duplos, uma suite, uma piscina interior e exterior, um restaurante, uma salta etnográfica, um parque infantil, um bar e um terraço. Com a adição que os hospedes podem disfrutar de um passeio de bicicleta ou caminhadas devido a rica envolvente.

A construção do edifício a implantar concilia o moderno com o clássico, apesar de que, a intenção é oferecer duas atmosferas diferentes, onde o hóspede pode optar por pernoitar, num quarto moderno minimalista, ou num quarto de estilo clássico. O acesso, para três dos quartos da casa existente, efetuar-se- á pelo pátio comum a todos, uma solução adotada, uma vez que tínhamos restrições em termos de adaptação do programa. Existem também três quartos por de cima do restaurante que criarão, dentro de quem o habita, um ambiente de movimento e dinamismo, com constante comunicação ao "passado".”



FIGURA 55: FOTO EXTERIOR DE IVO TAVARES STUDIO DO HOTEL RURAL, RÓMULO NETO EM ARCHDAILY

4.2. Casa Chamboirat / COVE Architects



FIGURA 56: FACHADA PRINCIPAL DO EDIFÍCIO REABILITADO. FONTE: COVE ARCHITECTS

4.2.1. Antes

Construído no início do século XIX, uma antiga casa de campo numa residência familiar em Chamboirat, uma pequena aldeia na zona rural da região de Auvergne. Esta *longère*[85], com dois séculos de história, fazia parte do património agrícola típico desta região de França. Ao entrar no edifício, descobrimos o que tornava este lugar excecional: paredes de alvenaria de pedra com 9 metros de altura, uma estrutura de madeira complexa e volumes impressionantes. O espaço destacava-se pela sua notável materialidade e embora esta antiga casa de campo apresentasse qualidades materiais e volumétricas, também revelava grandes limitações. O edifício estava em péssimo estado de conservação. tinha sido pouco ocupado e mantido desde então. Algumas obras de renovação parcial realizadas na década de 1980 acabaram por contribuir para a sua deterioração a longo prazo.

[85] Típica Casa Alongada e estreita nas regiões britânicas e Normandia em França. O nome *Legère*, significa parede longa.

Localizado no leito de um rio, o edifício enfrentava vários problemas de humidade, devido a intervenções com o uso de rebocos de cimento nas paredes, bem como de lajes de cimento e ladrilhos impermeáveis no chão, provocou a subida capilar de humidade nas paredes de pedra das fachadas e divisórias, ameaçando a sua integridade. As condições da estrutura de madeira se encontrava em condições razoáveis, o telhado apresentava sinais evidentes de abatimento e porosidade. A impermeabilização já não era eficaz em várias zonas, permitindo a entrada de água da chuva e de aves no edifício, como a Casa Galante. Assim, esta antiga casa de campo não era adequada para habitação.

Estrutura e organização interna

Embora identificado no registo predial como habitação, o edifício era dominado por um grande volume central que incluía um celeiro e uma estrebaria, originalmente destinados a gado e colheitas. As duas partes habitáveis nas extremidades tinham-se tornado inabitáveis com o passar do tempo. Estas três zonas do edifício eram separadas por grossas paredes divisórias, obrigando à passagem pelo exterior para aceder de uma área à outra.



FIGURA 58: ANTIGOS ESTÁBULOS. FONTE: ARCHDAILY. FOTOS: CHARLES BOUCHAÏB, OLIVIER SABATIER



FIGURA 57: INTERIOR DO EDIFÍCIO ANTES DE REABILITAÇÃO. FONTE: ARCHDAILY. FOTOS: CHARLES BOUCHAÏB, OLIVIER SABATIER

4.2.2. Projeto

Para garantir a longevidade e o conforto deste edifício, foi necessária uma intervenção minuciosa e significativa, onde foi realizada, uma maqueta de modo a perceber a estrutura do edifico e que combinou criação e demolição seletiva de alguns pontos cruciais. Tal como a Casa Galante, o principal desafio é manter e respeitar o património construído, ao preservar as qualidades fundamentais da estrutura. *"Inspirados pelo forte carácter deste antigo edifício, priorizámos uma reabilitação cuidadosa e subtil, privilegiando a continuidade da sua cultura construtiva em detrimento de ações disruptivas*." [86] Por isso, foi dado ênfase ao uso de materiais locais com processamento mínimo e técnicas artesanais, inspiradas no trabalho original.

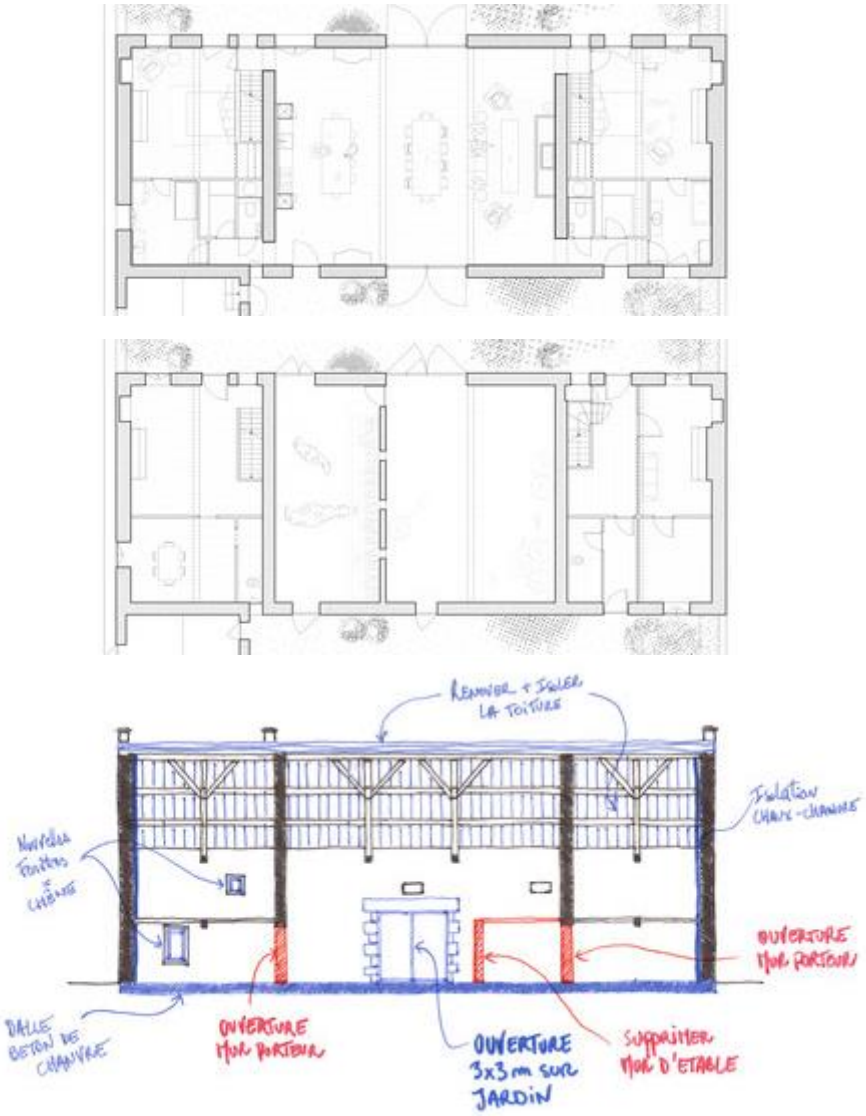


FIGURA 60: PLANTA PISO 0, PLANTA PISO 1 E CORTE ILUSTRATIVO. FONTE: COVE ARCHITECTS

[86] COVE Architects.

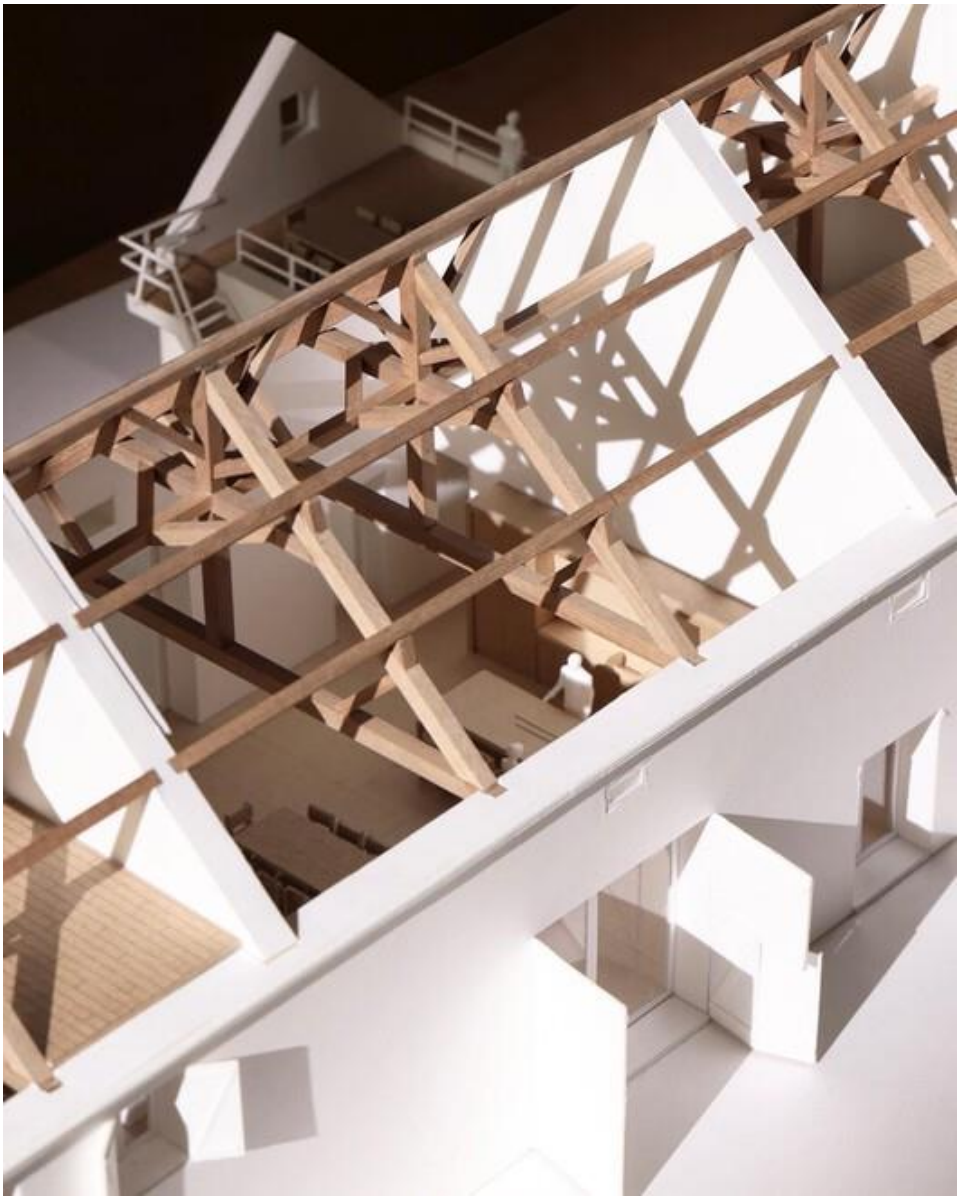


FIGURA 61: MAQUETA DE ESTRUTURA DA CASA CHAMBOIRAT. FONTE: COVE ARCHITECTS

Essa intervenção teve alguns pontos cruciais a reabilitar como a as grossas paredes de pedra que foram estabilizadas e tornadas uniformes com a aplicação de cintas de cal e reparações seletivas com pedras talhadas. O mais importante a estrutura de madeira existente, preservada até aos travamentos e aonde foi evidente a sua má manutenção, foi complementada com novas vigas, caibros e tábuas de carvalho, tratados para garantir uma aparência unificada entre as partes antigas e novas.

Continuando na estrutura, foi necessário a substituição das telhas que permitiu integrar isolamento exterior, deixando os elementos estruturais da madeira visíveis no interior para manter a sua imagem.

Para permitir que o edifício respirasse melhor, as lajes e rebocos de cimento foram removidos. Foi instalada uma laje de betão de cânhamo sobre um espaço ventilado, combinada com revestimentos permeáveis e sustentáveis como a pedra natural e os ladrilhos de terracota, eliminando a retenção de humidade.

A antiga parede dos estábulos foi removida de modo a criar um grande espaço central que acolhe a cozinha, a sala de jantar e a sala de estar. Foi aberta uma nova grande abertura na fachada norte, em correspondência com o portão existente na fachada sul, permitindo maior ligação ao jardim e uma uniformidade.



FIGURA 63: DETALHE CONSTRUTIVO DA ESTRUTURA DE MADEIRA. FONTE: COVE ARCHITECTS



FIGURA 62: SALA PRINCIPAL DA CASA. FONTE: COVE ARCHITECTS

4.2.3. Resultado

Com intervenções cuidadosas e direcionadas, foi possível prolongar a vida deste edifício, garantindo conforto sem comprometer a sua essência. Esta antiga casa de campo renasceu como um espaço que celebra o encontro entre a tradição e a modernidade, respeitando as raízes e o espírito do lugar. Podemos encontrar a harmonia entre o passado e o presente, que a imagem do edifício nos transmite. Os quartos e casas de banho foram colocados nas alas leste e oeste, outrora habitáveis. Foram feitas aberturas nas paredes divisórias para conectá-las ao espaço central, e as paredes de pedra foram limpas e refeitas, realçando a sua textura e materialidade. No exterior, as alterações foram mínimas: as fachadas receberam janelas de carvalho envidraçadas e portadas brancas de madeira, preservando a autenticidade do edifício.





O projeto da Casa Chamboirat é um exemplo de como a recuperação da história pode aliar-se aos princípios de sustentabilidade mantendo a sua imagem com detalhes contemporâneos. Para além disso situa-se numa paisagem de grande riqueza natural.

4.3. Hotel Paço de Vitorino / PROD Arquitetura & Design

4.3.1. Antes

O Paço de Vitorino, uma imponente residência senhorial localizada no norte de Portugal, pertence à mesma família desde o século XVI. A sua história está repleta de acontecimentos significativos, sendo o mais marcante uma intervenção de grande envergadura ocorrida em meados do século XVIII, em plena era do barroco.

O edifício resultante desta transformação apresenta uma casa principal de três pisos voltada para nascente, ladeada por duas alas laterais a norte e sul. A oeste, junto ao portão de entrada, ergue-se uma pequena capela que completa o conjunto arquitetónico. Estes elementos configuram um vasto terreiro central, delimitado por fachadas ricamente ornamentadas com detalhes em granito, que reforçam a monumentalidade e o caráter distinto desta nobre construção.[87]

O Paço de Vitorino, outrora um exemplo imponente da arquitetura senhorial barroca, mergulhou num estado de ruína preocupante devido à total ausência de cuidados ao longo de décadas. As imagens captadas antes da intervenção revelam um edifício que, apesar de sua imponência original, estava profundamente marcado pela passagem do tempo e pelo abandono.



FIGURA 64: FOTOGRAFIA DA FACHADA PRINCIPAL ANTES DA INTERVENÇÃO, QUANDO SE ENCONTRAVA ABANDONADA E DEPOIS DA INTERVENÇÃO. FOTO: SITE PROD ARQUITETURA E DESIGN, AUTORIA DE JOÃO MORGADO

[87] Prod Arquitetura e Design.

As fachadas, outrora ricamente decoradas com elementos em granito, apresentavam-se severamente desgastadas, com inúmeras fendas e vegetação. O telhado encontrava-se parcialmente colapsado, expondo as estruturas internas à ação dos elementos. No interior, os tetos de madeira estavam apodrecidos e em risco de desmoronamento, enquanto os pavimentos se encontravam irregulares, cheios de buracos e infestados por vegetação.

A pequena capela, que em tempos fora um espaço de devoção e beleza, era agora um lugar desolador, com o altar severamente danificado e os poucos elementos decorativos restantes cobertos por pó e musgo. As alas laterais, projetadas para complementar a grandiosidade da casa principal, estavam repletas de detritos, com paredes cobertas por graffiti e janelas sem vidros, deixando o vento e a chuva infiltrar-se livremente.

Este cenário de abandono não só comprometeu a integridade física do edifício e do jardim, mas também ameaçava apagar a memória histórica de um espaço que havia desempenhado um papel importante na paisagem cultural da região. Foi nesse estado lamentável que o Paço de Vitorino se encontrava, à espera de uma intervenção que devolvesse a dignidade.



FIGURA 66: FOTOGRAFIA DA CAPELA ANTES DA INTERVENÇÃO.
FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN



FIGURA 65: FOTOGRAFIA DA FACHADA EM DETERIORAÇÃO DEVIDO A NATUREZA.
FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN

4.3.2. Projeto

O projeto de reabilitação do Hotel Paço de Vitorino é um exemplo marcante de como a recuperação de património histórico pode aliar-se aos princípios de sustentabilidade e desenvolvimento rural. Situado numa paisagem de grande riqueza natural e cultural, o Paço de Vitorino, um edifício com origens no século XVI e transformações barrocas no século XVIII, foi cuidadosamente adaptado para acolher um hotel, preservando as características arquitetónicas e o valor histórico do lugar.

Este projeto exemplifica arquitetura sustentável ao dar uma nova vida a uma estrutura existente, reduzindo o impacto ambiental associado à construção de um novo edifício. A intervenção respeitou a identidade do paço, adaptando-o às exigências modernas sem comprometer os seus valores históricos e culturais. Materiais locais e técnicas tradicionais foram amplamente utilizados, privilegiando a integração harmoniosa da construção no seu contexto rural e minimizando a pegada ecológica.

A reabilitação do Paço de Vitorino incorpora princípios de arquitetura passiva, como o aproveitamento da orientação solar e a utilização de paredes espessas de granito, que proporcionam isolamento térmico natural. Além disso, a recuperação de elementos como a capela, os jardins e os tanques contribuiu para a criação de um ambiente funcional e esteticamente agradável, ao mesmo tempo que mantém a autenticidade do local.

Os espaços verdes desempenharam um papel central no projeto, com a preservação e valorização dos jardins históricos barrocos, repletos de estatuária e tanques de água. Estes elementos foram restaurados para promover um diálogo entre o passado e o presente, ao mesmo tempo que proporcionam um espaço de tranquilidade e lazer, com impacto positivo na qualidade de vida dos utilizadores.

O Hotel Paço de Vitorino é, assim, um exemplo inspirador de desenvolvimento sustentável em contexto rural, demonstrando como é possível recuperar património com soluções modernas, promover a economia local e valorizar o ambiente natural e cultural. Este equilíbrio entre o passado e o futuro, a tradição e a inovação, sublinha a importância de preservar a herança arquitetónica enquanto se criam espaços que atendem às necessidades da sociedade contemporânea.

A reabilitação proposta foi ambiciosa e profunda, com o objetivo de transformar o paço num hotel de charme com 15 quartos, distribuídos entre a casa principal e as alas laterais. O jardim barroco, com os seus tanques ornamentados e estatuária singular para um contexto privado, revelou-se um elemento de valor excecional. Este espaço inspirou a criação de um centro de interpretação de jardins históricos, que se instalou sobre os vestígios arqueológicos preservados na cave.



FIGURA 67: DESENHOS EXTERIORES DO TERREIRO COM FACHADA A PRINCIPAL, DA PASSAGEM DE MADEIRA COM VIDRO E DE UMA DAS ALAS DO HOTEL. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN

O projeto enfrentou desafios significativos, nomeadamente a introdução de novos elementos que respeitassem o caráter do edifício. Para conectar o piso principal através do pátio, entre o salão nobre e os restantes espaços, foi criada uma passagem em madeira e vidro, inspirada em detalhes encontrados no local. Este elemento delicado tornou-se uma ponte simbólica entre o passado e o presente.

Outro desafio foi a abertura de 15 vãos nas alas laterais, permitindo vistas privilegiadas para o jardim barroco a sul e para o campo agrícola a norte. Estes vãos, desenhados com panos de vidro verticais encaixados em caixilhos metálicos recuados, foram concebidos para respeitar a monumentalidade das paredes espessas, criando uma interação subtil entre tradição e modernidade.

Por fim, para integrar as valências técnicas nos amplos espaços do paço, foram criados 12 módulos em madeira, estrategicamente posicionados sem tocar nas paredes ou tetos. Estes elementos não só organizam o programa funcional, como também valorizam a espacialidade original, destacando a grandiosidade das divisões históricas.

A intervenção não se limitou a restaurar o edifício, mas a reinventá-lo com um propósito que honra o seu passado e projeta um novo futuro, onde a história e a modernidade coexistem em perfeita harmonia.

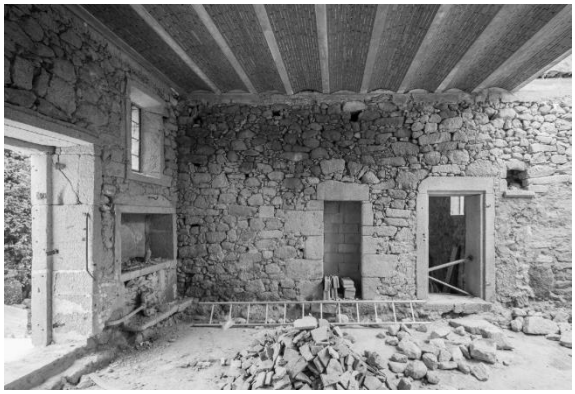


Figura 68: Processo de Reabilitação. Foto: João Morgado



Figura 69: processo de Reabilitação do Pátio Interior. Foto: João Morgado



figura 72:obras de reabilitação exterior. fonte: prod arquitetura e design



figura 73: obras de reabilitação exterior. fonte: prod arquitetura e design



Figura 71: Obras de Reabilitação Interior. Fonte: Prod Arquitetura e Design



figura 70: obras de reabilitação interior. fonte: prod arquitetura e design

4.3.3. Resultado

A intervenção no Paço de Vitorino não foi apenas uma obra de reabilitação, mas uma transformação que devolveu alma e propósito a um espaço de imenso valor histórico e arquitetónico. Mais do que restaurar, o projeto reimaginou o lugar, equilibrando o respeito pelas suas raízes seculares com as exigências de um uso contemporâneo.



FIGURA 75: FACHADA PRINCIPAL DEPOIS DA REABILITAÇÃO.
FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN



FIGURA 74: FACHADA PRINCIPAL E TERREIRO DEPOIS DA REABILITAÇÃO. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN

Transformado num hotel com grande valor, o Paço de Vitorino tornou-se um refúgio único, onde o passado se encontra com o presente. Cada um dos 15 quartos, distribuídos entre a casa principal e as alas laterais, oferece uma experiência exclusiva, com vistas que captam a essência do lugar. Para sul, os hóspedes são brindados com o esplendor do jardim barroco, enquanto a norte se estende a tranquilidade das paisagens agrícolas, que evocam a ligação histórica da propriedade ao território e à sua produção.



FIGURA 76: FOTOGRAFIA DO VOLUME EXTERIOR DOS QUARTOS.
FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN



FIGURA 77: FOTOGRAFIA DO EDIFÍCIO PRINCIPAL JUNTAMENTE COM O VOLUME EXTERIOR DOS QUARTOS. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN.

O jardim barroco, outrora sufocado pelo abandono, foi cuidadosamente recuperado, recuperando os seus tanques ornamentais e estatuária de valor único. A escala e a beleza deste espaço legitimaram a criação de um centro de interpretação de jardins históricos, que se instalou sobre os vestígios arqueológicos preservados na cave. Este centro não só honra a herança do jardim, como convida os visitantes a mergulharem na história e na arte da paisagem barroca, celebrando o diálogo entre natureza e cultura.



FIGURA 78: FOTOGRAFIA DO ESPAÇO EXTERIOR DO JARDIM BARROCO.
FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN



FIGURA 79: FOTOGRAFIA DO ESPAÇO EXTERIOR DO JARDIM BARROCO COM O TANQUE DE ÁGUA E SUAS ESCULTURAS JAPONESAS. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN

Entre as inovações introduzidas, destaca-se a delicada passagem em madeira e vidro que liga o piso principal do hotel através do pátio, uma solução que equilibra funcionalidade com uma estética inspirada nos detalhes originais encontrados no local. Este elemento não apenas integra harmoniosamente o antigo com o novo, mas também proporciona uma nova perspetiva sobre o espaço, convidando à contemplação.



FIGURA 80: PAÇO DE VITORINO, PASSAGEM EM MADEIRA E VIDRO. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN



FIGURA 81: PAÇO DE VITORINO, PASSAGEM EM MADEIRA E VIDRO. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN

As alas laterais, antes degradadas e sem uso, ganharam nova vida com a abertura de vãos que conectam visual e fisicamente os interiores ao ambiente externo. Os painéis de vidro recuados em caixilhos metálicos permitem a entrada de luz natural, destacando a imponência das antigas paredes. No interior, os amplos espaços da casa principal foram reorganizados com módulos de madeira que estruturam o programa funcional sem comprometer a grandiosidade das divisões. Estas estruturas flutuantes integram discretamente as valências técnicas, respeitando as proporções históricas e valorizando os materiais originais.



FIGURA 83: PAÇO DE VITORINO, COZINHA. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN



FIGURA 82: PAÇO DE VITORINO, COZINHA. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN



FIGURA 84: PAÇO DE VITORINO, INTERIOR. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN



FIGURA 85: PAÇO DE VITORINO, INTERIOR. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN

Esta intervenção não apenas salvou o Paço de Vitorino do esquecimento, mas também o tornou num local de referência cultural e turística. Mais do que um hotel, o paço é agora um destino onde os visitantes podem experienciar a história, a arquitetura e a paisagem de forma profundamente integrada. A reabilitação deste espaço exemplifica como a conservação do património pode, simultaneamente, respeitar o passado e projetar um futuro vibrante, celebrando a essência única de um lugar especial.



FIGURA 86:(DE CIMA PARA BAIXO, DA ESQ. PARA A DRT.).PLANTA -1, PLANTA 0, PLANTA 1 E PLANTA 2 DE PAÇO DE VITORINO. FONTE: PROD ARQUITETURA E DESIGN

CAPÍTULO 5: Proposta de Intervenção

5.1. Hotel Rural

A importância de um hotel rural vai muito além de oferecer hospedagem, desempenha também um papel crucial no desenvolvimento econômico e social das comunidades locais. A casa Galante, o Hotel Rural visa em gerar empregos diretos e indiretos, criando oportunidades para agricultores, artesãos e pequenos produtores, o que estimula o comércio e o crescimento regional da zona circundante. Além disso, ao atrair visitantes que buscam uma experiência autêntica e em contacto com a natureza, o hotel rural irá promover o turismo sustentável, adotar práticas sustentáveis que minimizam impactos ecológicos, como o uso de produtos locais e orgânicos para a preservação ambiental.

O Hotel Rural também desempenha um papel importante na preservação cultural, integrando tradições e costumes locais em suas atividades, seja por meio da arquitetura, da gastronomia ou das atividades oferecidas aos hóspedes. Isso mantém vivas as heranças culturais das comunidades rurais e proporciona aos visitantes uma experiência autêntica e culturalmente enriquecedora.

Do ponto de vista do bem-estar, o Hotel Rural oferece um ambiente de tranquilidade e contacto com a natureza, um refúgio ideal para quem busca se desconectar do ritmo agitado e stressante das cidades, como a cidade do porto. Este tipo de ambiente favorece a saúde mental e física dos visitantes, promovendo descanso e recuperação em meio à natureza.

Além disso, a Casa Galante irá atuar como um agente de conscientização ambiental, educando assim os hóspedes sobre a importância da preservação dos ecossistemas e incentivando práticas de turismo responsável. Situado em áreas naturais, eles contribuem para a valorização e proteção do patrimônio natural, transformando paisagens e ecossistemas em recursos econômicos sustentáveis e protegidos.

Deste modo, a Casa Galante impacta profundamente a sociedade ao contribuir para o desenvolvimento econômico local, promover o turismo sustentável, preservar a cultura e incentivar a conscientização ambiental que traz benefícios diretos para a comunidade.



FIGURA 90: RENDER DO ESPAÇO E FACHADA EXTERIOR COM HORTA E A RIBEIRA



FIGURA 89: RENDER DO ESPAÇO COMUM NO HOTEL RURAL

Nos dias de hoje, o turismo desempenha um papel fundamental na valorização do património cultural[88]. É um facto incontornável. Quando se classifica uma estrutura patrimonial, seja uma obra arquitetónica, uma paisagem ou um bem imaterial, além de se garantir a sua preservação e o valor identitário que possui ou pode vir a ter, não podemos deixar de considerar também o valor económico que a sua existência pode gerar.

"A interação entre os recursos patrimoniais e o turismo é dinâmica e está em constante evolução, gerando oportunidades e desafios, mas também, potenciais conflitos. Os projetos, atividades e desenvolvimento turísticos devem alcançar resultados positivos e limitar os impactos negativos que possam prejudicar o património e os modos de vida das comunidades de acolhimento."[89]

Neste contexto, o turismo tem sido, desde o início, um motor importante para o desenvolvimento rural e sustentável. Questões sobre a interação entre o meio rural e o urbano têm sido amplamente discutidas, com teóricos como Park, Burgess, Redfield e Wirth, da Escola de Chicago (1910), a servirem de base para a formulação e conceptualização dessa problemática[90]. Esta dicotomia distingue os principais traços entre o urbano, associado às grandes áreas metropolitanas e industrializadas, com uma alta densidade populacional e relações sociais mais distantes, e o rural, caracterizado por pequenos aglomerados populacionais, onde as relações sociais são mais próximas, de vizinhança e coletivas, e a principal atividade económica está centrada na agricultura[91].

Contudo, essas regiões têm sofrido transformações significativas, especialmente impulsionadas pela revolução industrial e, mais tarde, pela Segunda Guerra Mundial.

Nesta evolução, compreende-se que, até há pouco tempo, a ruralidade era associada à pobreza, atraso, exclusão social e analfabetismo. Contudo, atualmente, essa visão foi revista e a ruralidade passou a ser associada ao turismo, à preservação ambiental, ao lazer, ao desporto e a uma economia alternativa à agricultura de subsistência (Pereira, 2000).
Outro aspeto característico das áreas rurais hoje em dia é a sua multifuncionalidade, ou seja, além da função produtiva de bens, surgem novas funções como a conservação do património, a proteção ambiental, o lazer e o turismo.

[88] Aliás, quando foram organizadas pela UNESCO as Listas Representativas não se fugiu ao problema e percebeu-se da importância que a entrada nas listas podia representar.
[89] ?
[90] (Barata, 1991).
[91] Idem.

Antigamente, o espaço rural era visto como uma espécie de reserva que fornecia mão-de-obra e recursos para os centros urbanos e industrializados, estando estruturado dentro de uma "natureza político-ideológica" própria de sociedades tradicionais, onde a família camponesa, centrada na agricultura e guiada por valores rurais, tinha o papel de garantir a estabilidade política e social[92].

Contudo, as transformações recentes nas áreas rurais têm sido acompanhadas pelo surgimento de novas funções, criando espaços de natureza multifuncional que visam, por um lado, a conservação da paisagem e do ambiente rural, e, por outro, a manutenção das áreas rurais e a produção eficiente de bens. Esses espaços complementam as funções tradicionais e estabelecem uma relação com o lazer, o turismo, a residência e o desenvolvimento de atividades industriais[93].

A multifuncionalidade do uso do espaço rural leva à sua reapropriação pelas populações e pelas lógicas urbanas, sendo agora visto como um modelo alternativo à sociedade urbana[94]. Assim, surge uma nova abordagem das áreas rurais, baseada em funções sociais não produtivas, como o lazer e a reserva natural, fundamentada na ideia de uma invenção social de uma nova realidade, ou seja, de uma nova ruralidade[95].

Dessa forma, a relação entre o meio urbano e o rural, que antes era de dependência, passa agora a ser complementar, focando-se na valorização do património histórico-cultural e da natureza[96]. Hoje em dia, a ruralidade é entendida *"como um princípio de organização e um sistema de valores que, juntamente com a visibilidade social das questões ambientais, se reforça na componente do que podemos chamar de reserva de qualificação ambiental"*[97], onde os principais intervenientes são grupos sociais oriundos das cidades, cujo imaginário está cada vez mais voltado para a valorização do passado, centrada no mundo rural. Daí que os citadinos prefiram, cada vez mais, a aldeia urbanizada à cidade turística[98].

[92] (Alves, 2002).
[93] (Butler, Hall e Jenkins, 1998; Pereira, 2002).
[94] (Santos, 2000).
[95] Hobsbawm e Ranger, 1983).
[96] Santos, 2000; Alves, 2002).
[97] (Alves, 2000: 43),
[98] (Joaquim, 1994: 45).

5.2. Programa

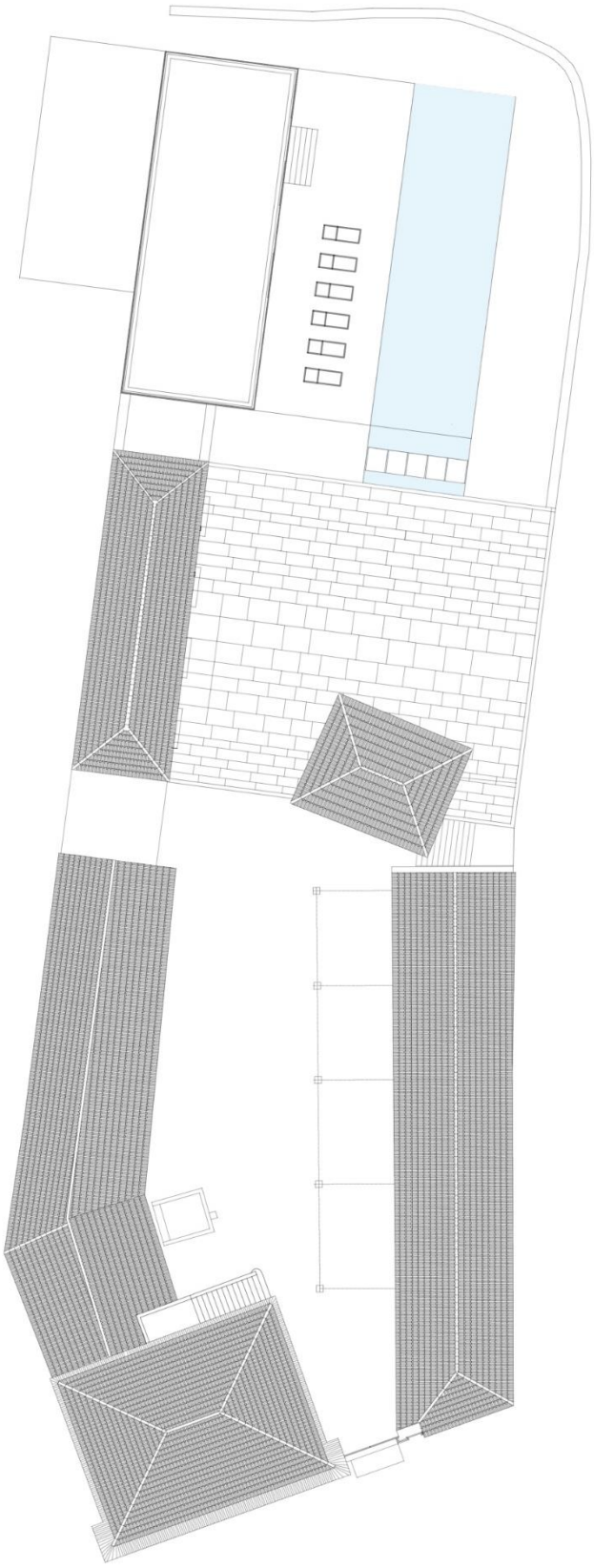
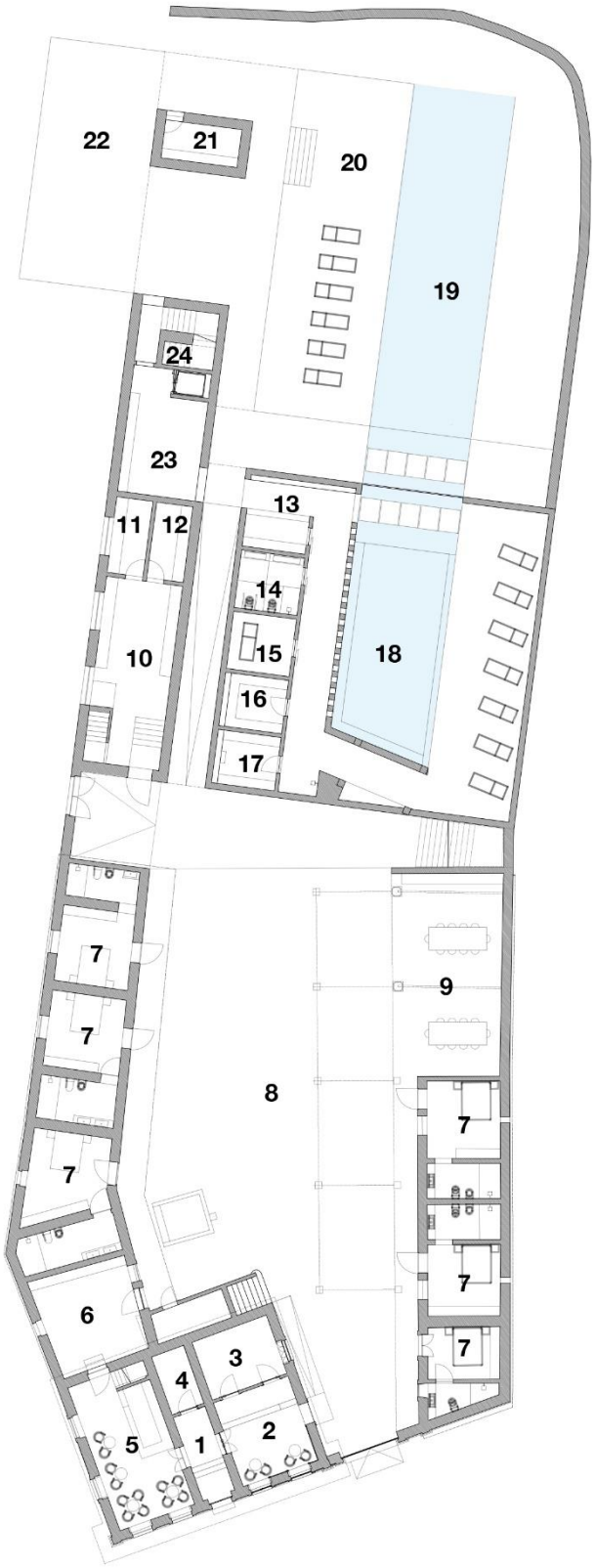


FIGURA 91: PLANTA DE COBERTURA DA CASA GALANTE: HOTEL RURAL

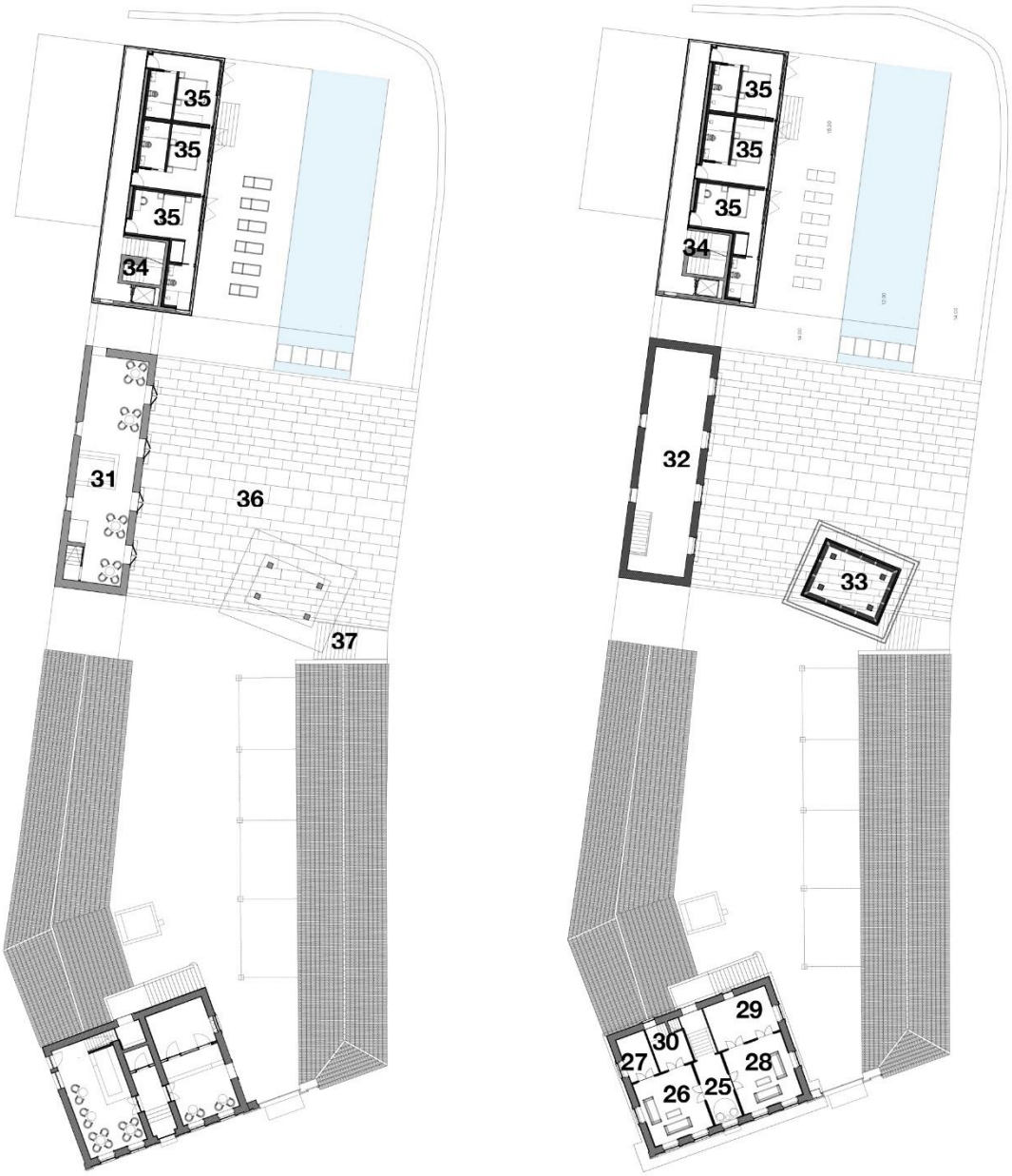
PLANTA PISO 0



Legenda:

1. Hall de Entrada
2. Recepção
3. Arrumos
4. I.S. Serviço
5. Café
6. Cozinha
7. Quarto com I.S.
8. Pátio Exterior
9. Zona Comum de Refeições
10. Cozinha
11. Armazenamento
12. Armazenamento Frios
13. Recepção Spa
14. Balneário
15. Sala de Massagem
16. Banho Turco
17. Sauna
18. Piscina Interior
19. Piscina Exterior
20. Deck Elevado
21. Arrumos
22. Pátio Exterior
23. Hall de Acesso ao Piso Superior
24. Circulação Vertical

PLANTA PISO 1 e 2



Legenda:

25. Hall de Entrada
26. Zona de Convivio
27. Instalação Sanitária
28. Zona de Convivio
29. Sala de Jogos
30. Hall de Acesso ao Piso Superior
31. Bar
32. Restaurante
33. Espigueiro
34. Circulação Vertical
35. Quartos com I.S.
36. Pátio Exterior da Eira
37. Escadas de Acesso a Eira

5.2.1. Receção

O acesso à propriedade realiza-se através do hall de entrada localizado no volume principal da Casa Galante, adjacente a rua. A sul deste volume, encontra-se a área da receção, anteriormente destinada a fins comerciais, onde eram expostas e vendidas as colheitas produzidas na propriedade. Este espaço mantém o caráter original da estrutura, com a adaptação cuidadosa dos seus elementos arquitetónicos, respeitando as proporções e materiais históricos, criando uma transição harmoniosa entre o uso contemporâneo e a preservação da memória do edifício. A integração de materiais autênticos e o aproveitamento da luz natural contribuem para valorizar o ambiente, mantendo o equilíbrio entre funcionalidade e autenticidade arquitetónica.

5.2.2. Quartos na pré-existência

Os quartos, antigamente vacarias, tanto a norte como a sul, vão ser completamente reabilitados, Mantendo as suas principais características, como a parede em pedra de granito à vista, o telhado com as suas vigas em madeira à vista, como os seus demais componentes dando um valor caraterístico ao espaço.



FIGURA 92: FOTO DE IVO TAVARES STUDIO DO QUARTO NA PRÉ-EXISTÊNCIA DO HOTEL RURAL, RÓMULO NETO EM ARCHDAILY

5.2.3. Quartos Hotel

Os recentes quartos situam-se a Este da propriedade, num novo volume contemporâneo, onde respeita as características e os valores da casa galante, como o uso de materiais nobres como a pedra e a madeira.



FIGURA 94: RENDER VISTA EXTERIOR DO NOVO VOLUME DOS QUARTOS E ESPAÇO EXTERIOR DA CASA GALANTE



FIGURA 93: FOTO DE IVO TAVARES STUDIO DO QUARTO HOTEL RURAL, RÓMULO NETO EM ARCHDAILY

5.2.4. Espaços Comuns

Em termos de espaços comuns o projeto conta com um café no volume principal, uma biblioteca/ espaço de jogos no volume adjacente a Casa Principal, um espaço exterior de lazer na antiga vacaria a Sul, a piscina exterior em conexão com spa com os seus vários espaços (sauna, massagens, banho turco e uma piscina interior, um pátio exterior com ligação ao bar situada na casa da eira no piso 0, a cozinha industrial no -1 e no piso 1 o restaurante.

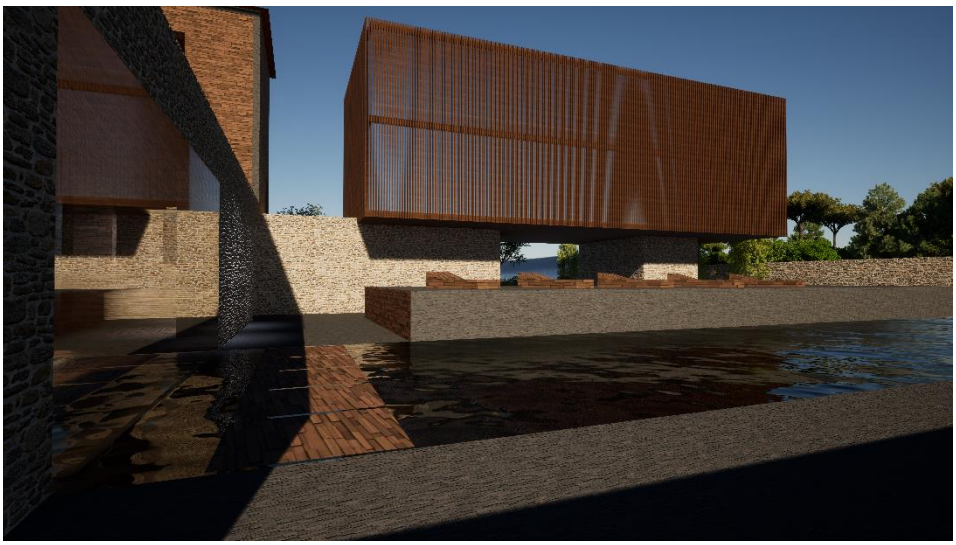


FIGURA 95: RENDER DO ESPAÇO EXTERIOR COMUM DA CASA GALANTE



FIGURA 96: RENDER DO ESPAÇO EXTERIOR DA EIRA



FIGURA 97: VISTA INTERIOR DO SPA



FIGURA 98: VISTA INTERIOR DO SPA

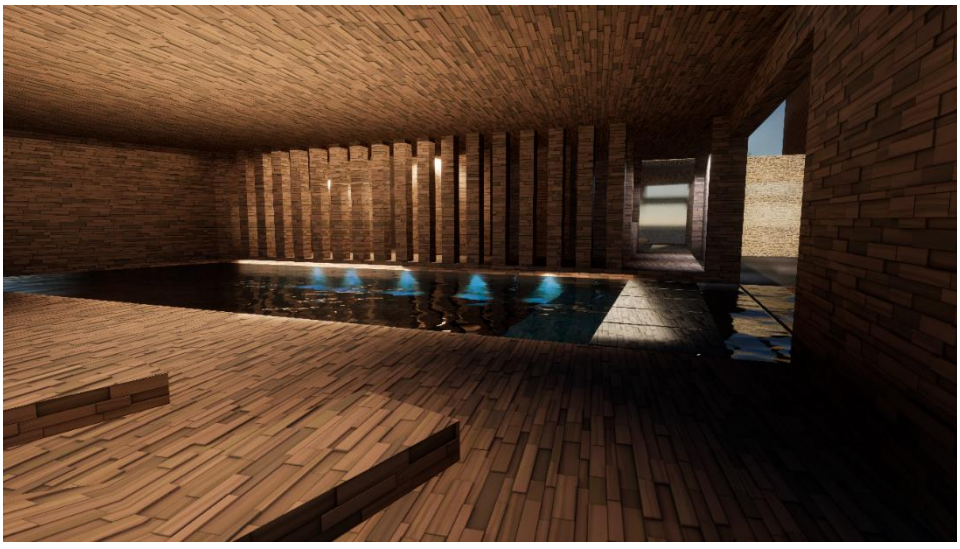


FIGURA 99: VISTA INTERIOR DO SPA

5.2.5. Estacionamento

O estacionamento está estrategicamente situado ao norte da propriedade, além do rio, garantindo uma separação discreta das áreas principais de convivência. O acesso ao edifício principal, a Casa Galante, é feito por um percurso cuidadosamente planejado, que conecta o estacionamento à entrada central. Este trajeto respeita a topografia do terreno e valoriza as características naturais da paisagem, proporcionando uma transição fluida entre o ambiente externo e o interior da propriedade, garantindo conforto e acessibilidade aos visitantes.



FIGURA 100: VISTA EXTERIOR COM A PONTE DE LIGAÇÃO ENTRE A CASA GALANTE E O TERRENO AGRÍCOLA



FIGURA 101: VISTA DO ESTACIONAMENTO DO PARQUE URBANO E O HOTEL RURAL

5.2.6. Parque Urbano

A Casa Galante oferece um espaço de lazer que é acessível não apenas aos seus hóspedes, mas também à comunidade circundante. Este ambiente foi projetado para promover a interação social e o bem-estar, incorporando áreas verdes, zonas de estar e equipamentos recreativos, como também a inserção de um lago artificial. A disposição cuidadosa dos elementos permite uma integração harmoniosa com a paisagem, criando um refúgio relaxante onde as pessoas podem desfrutar de atividades ao ar livre, socializar e apreciar a beleza natural que envolve a propriedade. Além disso, o espaço é pensado para acolher eventos comunitários, reforçando o vínculo entre a Casa Galante e a sua vizinhança, e contribuindo para uma experiência de convivência enriquecedora.



FIGURA 102: PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DA CASA GALANTE: O HOTEL RURAL

5.2.7. Agricultura e Horta

A prática agrícola e o cultivo de hortas remontam aos primórdios da Casa Galante, fazendo parte da sua história e identidade. Com o intuito de tornar o restaurante e o bar autossustentáveis, foram revitalizados o conceito original de horta e o espaço dedicado à agricultura.

Essa reativação respeitou a configuração espacial e o desenho paisagístico da propriedade, integrando de forma harmoniosa os elementos produtivos ao ambiente construído.

A horta e a área agrícola foram cuidadosamente redesenhadas para garantir funcionalidade, mantendo a ligação com o passado histórico e promovendo a autossuficiência alimentar por meio da produção local de ingredientes frescos e orgânicos para o restaurante e bar.



FIGURA 103: VISTA VIRTUAL EXTERIOR DA HORTA NA CASA GALANTE



FIGURA 105: VISTA VIRTUAL EXTERIOR DA HORTA NA CASA GALANTE



FIGURA 104: VISTA EXTERIOR DA HORTA NA CASA GALANTE

5.3. Reabilitação e Sustentabilidade

A Casa Galante, um notável exemplar de arquitetura rural situada em Matosinhos, passou por uma análise extensiva acerca dos seus valores, autenticidade e muitos outros aspetos. O projeto tem como o objetivo de preservar seu valor histórico e cultural, ao mesmo tempo em que se adapta às suas necessidades contemporâneas. Teve como foco a manutenção das características originais da casa, respeitando a sua estrutura arquitetónica, com a preservação de elementos como as paredes de pedra de granito e as vigas de madeira expostas. Também envolveu a adaptação de diferentes espaços, como a Casa Principal adjacente a rua, como a recepção, os anexos aonde se inserem os quartos de caráter rústico, e as áreas comuns, tanto pré-existentes como contemporâneas , com a integração de novos volumes que respeitam o estilo e os valores da Casa Galante, como o uso de materiais nobres, como madeira e pedra, criando uma harmonia entre o antigo e o novo.

A principal razão para a intervenção na Casa Galante foi a valorização do património local e a necessidade de adaptar o espaço a uma nova função – a de hotel rural – que contribui para o desenvolvimento económico e social da região de Perafita. A intervenção também visava promover a preservação cultural e a valorização do território, considerando a casa não só como um bem histórico, mas também como um recurso para gerar benefícios para a comunidade local. Ao criar um Hotel rural, a Casa Galante irá ser um polo da zona que turismo em busca de experiências autênticas e de contacto com a natureza, ao mesmo tempo em que se tornou um motor de desenvolvimento para a economia local, gerando emprego e oportunidades para pequenos produtores, artesãos e agricultores da região.

O resultado esperado da intervenção era a criação de um espaço que, além de preservar o património e a cultura local, fosse também sustentável. A Casa Galante foi projetada para integrar práticas ecológicas e eficientes, utilizando recursos naturais de forma responsável. A horta e a área agrícola da propriedade foram revitalizadas, permitindo que o restaurante e o bar do hotel se tornassem autossustentáveis, utilizando produtos frescos e orgânicos cultivados no próprio local. Além disso, o projeto levou em consideração a eficiência energética e a utilização de instalações técnicas adequadas, com o intuito de minimizar o impacto ambiental. O espaço foi projetado de forma a manter um equilíbrio entre a preservação ambiental e a funcionalidade, utilizando soluções que garantem conforto e

sustentabilidade aos visitantes, enquanto respeitam a paisagem e o ambiente histórico da região.

A intervenção na Casa Galante tornou-a não apenas um exemplo de preservação do património, mas também um modelo de desenvolvimento sustentável ao incorporar práticas sustentáveis e preservar a sua identidade arquitetónica e cultural, tornou-se um exemplo de como a reabilitação do património pode ser utilizada como ferramenta para o desenvolvimento equilibrado e sustentável.

Conclusão

Esta dissertação explora o papel do património rural na preservação da identidade cultural e no desenvolvimento sustentável aplicado à arquitetura, tomando a Casa Galante como objeto central de estudo e três casos de referência que destacam a importância das intervenções contemporâneas respeitarem a autenticidade histórica, promovendo práticas de sustentabilidade e desenvolvimento local.

Para isso, ao longo do trabalho, o conceito de património foi aprofundado, sublinhando a sua relevância como herança cultural e a necessidade de transmiti-lo entre gerações. Bem como o estudo do papel da sustentabilidade na arquitetura, abordando os quatro pilares do desenvolvimento sustentável e propondo uma reabilitação que respeite os materiais e a atmosfera original da Casa Galante, garantindo o conforto do seu uso e longevidade.

Desta forma, a arquitetura vernacular foi reconhecida como um reflexo das condições locais, integrando materiais, técnicas e saberes adaptados ao território, tal como na reabilitação da Casa Galante, que equilibra conservação e sustentabilidade, revitalizando a economia e a dinâmica social da região, além de demonstrar o potencial do património como catalisador de desenvolvimento.

Assim, a presente dissertação conclui que é possível conjugar arquitetura moderna e vernacular, integrando técnicas contemporâneas de forma sustentada e respeitosa. Afinal, este método promove coesão social, dinamiza economias locais através do uso de recursos e mão-de-obra locais, e reduz o impacto ambiental ao priorizar materiais e tecnologias regionais, revelando-se uma abordagem eficaz para alcançar uma construção mais sustentável e integrada ao contexto global, preservando as raízes culturais e elevando a qualidade de vida das comunidades.

"A arquitetura vernácula mostra-se, então, proveitosa em pontos como a manutenção da identidade local, a boa adaptação às capacidades económicas e financeiras da população, sendo pouco necessário o uso de equipamento e de grandes investimentos, causando um impacto positivo a nível da economia local. Já a arquitetura moderna mostra-se vantajosa na substituição de técnicas tradicionais desatualizadas, na integração com o mundo global e na melhoria da qualidade de vida"[99].

[99] MARTINS, Cátia (2012). "Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. O papel da Arquitetura Vernacular".

Para além disso, a valorização da paisagem agrícola é essencial para preservar símbolos de identidade cultural nas áreas rurais periurbanas, especialmente em cidades fora das áreas metropolitanas. Estas paisagens funcionam como recursos estratégicos para promover imagens urbanas sustentáveis, em contraste com as pressões das grandes cidades.[100]

Neste sentido, para revalorizar o meio rural, é necessário superar os limites geográficos e mentais que o isolam, aproveitando o seu contexto natural, social e económico como ferramentas de desenvolvimento. Potenciar recursos como aldeias, arquitetura popular, património natural e saberes locais pode combater o isolamento e promover novas iniciativas, gerando emprego e dinamismo socioeconómico.

O património, entendido como legado intergeracional, requer salvaguarda ativa, especialmente no que toca à arquitetura vernacular, que se destaca pela simplicidade e genuinidade. A preservação deste legado implica compreender as técnicas e pensamentos de quem o criou, usando-os para promover o desenvolvimento local. Esta abordagem integra valores como identidade, memória, autenticidade e o vínculo ao lugar, essenciais para proteger recursos naturais e evitar degradação ambiental para um futuro sustentável.

Uma vez mais, a Casa Galante surge como um perfeito exemplo deste equilíbrio, demonstrando que através de um bom projeto arquitetónico é possível preservar o património e regenerar ecossistemas, garantindo o uso responsável dos recursos e promovendo a biodiversidade, essencial para a qualidade de vida das comunidades.

«A sustentabilidade cultural (...) reforça o significado da cultura nas políticas públicas de gestão urbana, nas suas características tangíveis e intangíveis, recentrando o entendimento de que a cultura é crucial (...) já que desenha o modo como encaramos os recursos naturais e sobretudo como construímos as relações com o Outro.» MARTINS, Ricardo Nogueira; NUNES, Flávio (2016).

Para além disso, a arquitetura patrimonial na sua dimensão mais externa, destaca-se na missão de transmitir valores ao público, usando atividades culturais para mudar paradigmas e conscientizar sobre crises globais como aquecimento global, perda de biodiversidade e consumo excessivo de recursos[101].

[100] Em Portugal, onde predominam pequenas e médias cidades, a manutenção dessas paisagens representa um dos maiores desafios atuais.

[101] Afinal, ver a cultura como pilar do desenvolvimento sustentável implica reforçar a sua interdependência com ações governamentais e políticas públicas, ao mesmo tempo que amplia sua sensibilidade nos programas

Por fim, a Casa Galante, como belo exemplar de arquitetura rural em Matosinhos, é um marco identitário que deve ser preservado. Isto porque, a reabilitação e a sustentabilidade podem e devem estabelecer ligações entre elas. Assim, a sua reabilitação combinou o respeito pelas características históricas com a abordagem contemporânea, mantendo elementos como paredes de granito e vigas de madeira e introduzindo materiais nobres nos novos volumes, inspirados nos anteriores, mas reinterpretados.

Este equilíbrio reflete um compromisso entre a sustentabilidade e a valorização do património, abordando os quatro pilares da sustentabilidade: Ambientalmente, o projeto da Casa Galante prioriza materiais locais e promove práticas sustentáveis, revitalizando hortas e áreas agrícolas que garantem autossuficiência alimentar para o restaurante e o bar. Culturalmente, preserva a arquitetura vernacular e promove tradições locais, fortalecendo a memória coletiva e a identidade de Matosinhos. Socialmente, oferece espaços de lazer acessíveis à comunidade, promovendo interação, o bem-estar e a criação de empregos. Economicamente, o hotel rural incentiva o turismo sustentável, dinamiza o comércio local e contribui para o desenvolvimento regional, valorizando o território e os seus recursos.

Desta forma, o processo de reabilitação seguiu a metodologia de, em primeiro lugar reunir o conhecimento e documentação do valor cultural da construção, integrando os princípios fundamentais da arquitetura referidos e considerando o contexto envolvente, a adequação funcional dos espaços pré-existentes e a, por fim, a preservação de elementos como revestimentos, decoração, caixilharias, luz, eficiência energética e espaços comuns.

E, tal como nos casos de referência, conciliou a conservação histórica com necessidades contemporâneas. O estacionamento, estrategicamente localizado, e os espaços comuns, como biblioteca, restaurante e spa, complementam as funcionalidades da propriedade sem comprometer a sua essência histórica.

Afinal, isto não só é relevante ao nível do objeto em si, mas também para todo o património do concelho. Destacando-se como exemplo de que a reabilitação do património pode servir de ferramenta para o desenvolvimento sustentável e a preservação cultural, reforçando a ligação entre o meio rural e a comunidade urbana: A arquitetura como ferramenta na continuação do legado para o futuro, da casa agrícola ao hotel rural.

---

e obras. Um ótimo exemplo disso é como peças de teatro ou concertos podem inspirar a partir da riqueza natural do planeta, como n*"As Quatro Estações"* de Vivaldi, sensibilizando para sua preservação.

Referências Bibliográficas

ABREU, Miguel, LUCAS, José (2003), Terminologia Geral Sobre Patologia da Construção, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa 2003.

AGUIAR, José; NUNO PERNÃO, João; CUNHA FERREIRA, Teresa. (2018) FNRE – fundo nacional de reabilitação do edificado arquitetura, património e projeto de reabilitação.

ALVES, Jorge Fernandes (1993). "O "Brasileiro" oitocentista e o seu papel social". Em "Os Brasileiros - Emigração e retorno no Porto Oitocentista". Porto: Faculdade de Letras.

ANDRÉ, Paula e SAMBRÍCIO, Carlos (2017). Arquitetura Popular: Tradição e Vanguarda

BARATA, Filipe, CAPELO, Sofia, MASCARENHAS, José Manuel. (2021) "Património Cultural e Sustentabilidade: Uma relação nem sempre fácil"

Câmara Municipal de Matosinhos (2011). "Necrópole Medieval de Montedouro – Património Histórico", consultado junho 2024

Câmara Municipal de Matosinhos, Divisão de Planeamento Urbanístico (2023). "Revisão do PDM de Matosinhos. Relatório – Anexo VIII: Enquadramento Biofísico, Caracterização Florestal e Agrícola".

Câmara Municipal de Matosinhos (2023). "Rios e Ribeiros". Em "Ambiente". "Património", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2024, "UNIÃO DAS FREGUESIAS DE PERAFITA, LAVRA E SANTA CRUZ DO BISPO, História" consultado junho 2024

Conferência Internacional sobre Conservação (2000) Carta de Cracóvia - Princípios para a conservação e o restauro do património construído.

CONSELHO DA EUROPA (1975), Carta Europeia do Património Arquitetónico (Carta de Amsterdão), Amsterdão, Holanda 1975.

CONSELHO DA EUROPA (1976), Resolução (76) 28 - Relativa à adaptação dos sistemas legislativos e regulamentares nacionais às exigências da conservação integrada do património arquitetónico, Estrasburgo, França 1976.

CUNHA, Mário; Sistemas Agroflorestais do Noroeste Atlântico. Departamento de Geociências e Ordenamento do Território da FCUP. Coleção de textos de apoio à disciplina de Agricultura Geral I. Versão Provisória.

DRAEDM; IDARN; ESA-IPVC; UP-CIBIO. Plano de Ordenamento da Bacia Leiteira Primária do Entre Douro e Minho. Relatório Final. Volume I. julho de 2007.

FAUSTINO DE SOUSA, Filipa Alexandra (2010) - "Optimização de métodos de escolha de materiais com base no desempenho sustentável"

FERNANDES, Carla Sofia dos Anjos Maia (2013). "Casa Agrícola em Vila Chã e Fajozes: Uma leitura da sua Arquitetura entre o espaço rural e o interior doméstico".

FEILDEN, Bernard M. (1994), Conservation of Historic Buildings, Architectural Press, New York 2003.

FERREIRA, Alfredo Durão de Matos (1995). "Aspetos da Organização do espaço Português". 2ª edição. Porto: FAUP Publicações.

FONSECA, Fernando e RAMOS, Rui (2007). O turismo no espaço rural como eixo estratégico de desenvolvimento sustentável: o caso de Almeida

HOUAISS, Antônio, SALLES-VILLAR, Mauro de, MELLO FRANCO, Francisco Manoel (2001), Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Tomos I a VI, Círculo de Leitores, Lisboa 2002.

ICOMOS (1994), Documento de Nara Sobre a Autenticidade do Património Cultural, Nara, Japão 1994.

ICOMOS AUSTRÁLIA (1999), Carta de Burra, Burra, Austrália 1999.

ICOMOS (2003), Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico, Victoria Falls, Zimbabué 2003.

ICOMOS-Canada French-Speaking Committee (1982) Charter for the Preservation of Quebec's Heritage (Deschambault Declaration) – "Definition of Heritage and Preservation"

INE (2011) - Recenseamento Geral de Agricultura 2009. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

LLANO, Pedro (1996). Arquitetura Popular en Galícia: Razón y Construcción

MAGALHÃES, M. R., 2001. A Arquitetura Paisagista: Morfologia e Complexidade, Lisboa: Editorial Estampa.

MARTINS, Cátia (2012). "Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. O papel da Arquitetura Vernacular".

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DAS PESCAS, (MADRP), (1997) - Código das boas práticas agrícolas, para a proteção da água contra a poluição com nitratos de origem agrícola. Lisboa: Auditor de Ambiente do MADRP, 1997. ISBN 972 - 8135 - 32 – 7.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DAS PESCAS, (MADRP), (2000) – Conservação do solo e da água - Manual básico de práticas agrícolas. Lisboa: Auditor de Ambiente, INIA, IHERA e DGPC, 2000. ISBN 0874 -7911.

MOREIRA DA SILVA, Rosa Fernanda (2013) Contraste e Mutações na Paisagem Agrária das Planícies e Colinas Minhotas. Studium Generale. Estudos contemporâneos, Porto, nº 5, 1983, p. 9-115.

MOUTINHO, Mário (1979). A Arquitetura Popular Portuguesa

MURALHA, António José Jorge da Mata (2018). Da Memória ao papel; do papel para a terra; da terra... Memória Quatro Casos de Reabilitação de Conjuntos Rurais para Uso Turístico no Alentejo Volume I e II

OLIVEIRA, Flávio; MORENO, Gerardo; LOPÉZ, Lourdes; CUNHA, Mário. Pastagens e Forragens. Origem, Distribuição e Funções do Sistemas Agroflorestais. vol. 28, 2007, p. 93 - 115

PEIXOTO, Paulo (2001). O desaparecimento do mundo rural

PEREIRA, António Nunes (2003)"Para uma terminologia da disciplina de protecção do património construído", À la recherche du temps perdu. Jornal dos Arquitectos, 213, p. 27-32.

PIRES, Maria da Conceição Leite (2012). Contributos para o estudo do Povoamento do concelho de Matosinhos da Pré-História ao século VIII.

PONS-GUTIERREZ, J.M. Las representaciones sociales del medio ambiente, la educación ambiental y la sustentabilidad en los funcionarios públicos. Tese (Mestrado em Educación Ambiental), Universidad de Guadalajara. México, 2013.

ROSSI, Aldo (2001). A arquitetura da cidade. Lisboa: Edições Cosmo.

SAMPAIO, Alberto (1979). "Estudos Históricos e Económicos: Vilas do Norte de Portugal" 1ª edição. Lisboa: Edições Veja.

SIZA, Álvaro (2005). Recuperação e Manutenção. in Costa, Aníbal [et al.] – A intervenção no Património .Práticas de Conservação e Reabilitação. Porto: FEUP, 2005. p. 21.

TRINDADE, H. M. F. (1997) - Fluxos e perdas de azoto em explorações forrageiras de bovinicultura leiteira no noroeste de Portugal. Vila Real: Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, 1997. p 139-147. Tese de doutoramento.

TONKOVIĆ, Ž.; ZLATAR, J. Sustainable development in island communities: The case study of Postira. European Countryside, v.6, n.3, p.254-269, 2014.

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando (1958). "A Apanha do Sargaço no Norte de Portugal. Porto: Porto Instituto de Antropologia

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando (2003). "Arquitetura Tradicional Portuguesa". 5ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

VELOSO, Diogo Carneiro (2017). Quatro Casas Rurais nos Arredores do Porto: intervenção num exemplar de 1767 em Milheirós da Maia

Referências Webgráficas

https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/ambiente/agua/rios-e-ribeiros

https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/30400/1/Livro_Versao%20final%20%28v9z%29.pdf

https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1937/1/Turismo%20rural%20e%20desenvolvimento%20sustent%C3%A1vel.pdf

https://www.cm-matosinhos.pt/patrimonio-historico/poi/necropole-medieval-de-montedouro

https://www.perafita-lavra-santacruzbispo.pt/conhecer/historia/

https://dicionario.priberam.org/patrim%C3%B3nio.

https://www.perafita-lavra-santacruzbispo.pt/

https://www.ua.pt/pt/casapassiva

https://gerador.eu/a-sustentabilidade-na-cultura-um-passo-rumo-ao-futuro/

https://quintadosaiao.com/

https://invenio.pt/en/portfolio-item/rural-hotel/

https://turismodocentro.pt/investidores-artigo/hotel-rural-vilarinho/

https://paulapinheiro.pt/p-saiaoe/

https://a3r.pt/projetos/turismo-lazer-e-cultura/quinta-de-saiao/

https://www.prod.pt/hotel-paco-vitorino-1

https://www.archdaily.com/803122/paco-de-vitorino-hotel-prod-arquitectura-and-design?ad_medium=gallery

https://afasiaarchzine.com/2024/10/cove-architectes-home-in-auvergnes-countryside-chamboirat/

https://www.archdaily.com.br/br/1023190/casa-chamboirat-cove-architectes?ad_source=search&ad_medium=projects_tab